

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**PROSPECÇÕES À AUTENTICIDADE: O USO DO
MITO GREGO COMO POSSIBILIDADE DE SE
PENSAR O (DOCENTE) FEMININO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Claudia Flores Rodrigues

Santa Maria, RS, Brasil

2008

**PROSPECÇÕES À AUTENTICIDADE: O USO DO MITO
GREGO COMO POSSIBILIDADE DE SE PENSAR O
(DOCENTE) FEMININO**

por

Cláudia Flores Rodrigues

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, Área de Concentração em Educação Política e Cultura, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação.**

Orientador: Prof. Dr. Phil Jorge Luiz da Cunha

Santa Maria, RS, Brasil

2008

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**PROSPECÇÕES À AUTENTICIDADE: O USO DO MITO GREGO
COMO POSSIBILIDADE DE SE PENSAR O (DOCENTE) FEMININO**

elaborada por

Cláudia Flores Rodrigues

como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Educação

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof. Dr. Phil Jorge Luiz da Cunha
(Presidente/Orientador)

Prof^a Dra. Deisi Sangoi Nunes(UFSM)

Prof^a Dra. Ceres karan Brum (UFSM)

Prof^a Dra. Lucia Celich Dani – (UFSM) (Suplente)

Santa Maria, maio de 2008.

Para as mulheres
da minha família:
àquelas que me ensinaram que o
**feminino é força, luz e
esperança.**

Agradeço...

Ao meu filho Pedro Antônio, minha fonte de potência, esperança e luz.

Ao José, meu parceiro afetivo e intelectual, incentivador dos meus vãos pela vida.

Aos meus pais, pelo apoio incondicional.

Ao professor e amigo Jorge Luiz da Cunha, que me inspira a ser humana e profissional através do exemplo da sua digna construção de mosaicos de rara beleza por uma educação possível.

Ao meu querido “Povo de Clio”, singular grupo de pesquisa, especial por sua diversidade.

À amiga Beth, pelo carinho expressado no olhar.

Às amigas Joana, Cláudia e Nadia pelo carinho e pela paciência.

à amiga Haydee pela “energia violeta”.

Aos professores da minha graduação em letras: professora Marisa Sormani Bastos, Suzana Dalcol e Silvio Santos, por terem semeado em mim o gosto pela mitologia e pela escrita.

Ao amigo Daymeler Eistein (*in memoriam*), que é pra mim, a lembrança da esperança no ser humano.

Por fim, agradeço à força interior que me move, através da fé e da oração.

Eu falo das mulheres

Eu falo delas e pra elas.

Falo das mulheres:

Das mulheres mães nas guerras

Das trabalhadoras braçais

Das mulheres apenadas

Das muitas desesperadas

Daquelas que querem e não têm

Daquelas que não sabem o que é o desejo

Daquelas que não ousam ir além

Daquelas que se desconhecem na briga

Daquelas que se desesperam na dor

Daquelas que confundem Ser divino e Ser dor...

É por essas mulheres que eu rezo,

Que dedico meu tempo e suor

Para entendê-las naquilo que seria o meu tédio

Para crescer no meu próprio amor.

Flores (2006)

Procura da Poesia

Carlos Drummond de Andrade

Penetra surdamente no reino das palavras.
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.
Estão paralisados, mas não há desespero,
há calma e frescura na superfície intacta.
Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.
Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.
Tem paciência se obscuros. Calma, se te provocam.
Espera que cada um se realize e consume
com seu poder de palavra
e seu poder de silêncio.
Não forces o poema a desprender-se do limbo.
Não colhas no chão o poema que se perdeu.
Não adules o poema.
Aceita-o
como ele aceitará sua forma definitiva e concentrada
no espaço.

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal de Santa Maria

PROSPECÇÕES À AUTENTICIDADE: O USO DO MITO GREGO COMO POSSIBILIDADE DE SE PENSAR O (DOCENTE)FEMININO

Autora: Cláudia Flores Rodrigues

Orientador: Jorge Luiz da Cunha

Data e Local da Defesa: Santa Maria, maio de 2008.

Neste trabalho se propõe desenvolver uma reflexão sobre em que medida o uso do mito como metáfora para se pensar sobre o feminino, pode limitar ou potencializar o trabalho docente. A temática *culpa X mulher* na história universal tem como fio condutor o mito de Pandora, no que se refere à culpa atribuída à mulher e as culpas que as mulheres carregam como reflexo de uma educação judaico-cristã em tempos de modernidade e/ou a tripla jornada de trabalho reflexo da vida deste século. Como "refletores" teóricos de análise, aparece o **gênero**, tendo em vista a tentativa de entendimento da relação socialmente construída entre homens e mulheres, bem como da construção da subjetividade feminina da mulher **professora**. Dividido em quatro momentos, o trabalho inicia com uma narrativa fictícia criada a partir de fatos reais. Mais adiante, surge a personagem do professor Ethos que vai dialogar com a protagonista da história sobre as proposições do humano, o que valida os diálogos internos da própria narradora e explicita os autores que vão sendo apresentados nas suas idéias ao longo da narrativa. A terceira parte são as entrevistas (reais) com professoras que falam sobre algumas das suas vivências. Por fim, depois da análise das entrevistas, a *absolvição* de Pandora e a apresentação das categorias observadas nas entrevistas funciona como pano de fundo para uma reflexão sobre a formação do **sujeito** e o uso do **mito grego** como possibilidade de se pensar sobre ele e trazer à tona prospecções sobre o humano, no caso deste trabalho, a mulher.

Palavras-chave: Mito, formação, feminino.

ABSTRACT

**Master Dissertation
Post-Graduate Program in Education
Universidade Federal de Santa Maria**

PROSPECÇÕES À AUTENTICIDADE: O USO DO MITO GREGO COMO POSSIBILIDADE DE SE PENSAR O FEMININO

**Author: Cláudia Flores Rodrigues
Adviser: Jorge Luiz da Cunha
Defense Place and Date: Santa Maria, May, 2008**

In this work intends to grow a reflection it remains in that measured the use of the myth as metaphor to think on her the feminine, it can limit or powerful the educational work. The thematic accuses X woman in the universal history he/she has as conductive thread the myth of Pandora, in what refers to the blame attributed to the woman and the blames that the women carry as reflex of a Jewish-Christian education in times of modernity or the triple day of work reflex of the life of this century. As "theoretical reflectors " of analysis, he/she appears the gender, tends socially in view the attempt of understanding of the relationship built between men and women, as well as of the construction of the woman teacher's feminine subjectivity. Divided in four moments, the work begins with a narrative fictitious maid starting from real facts. Further on, teacher Ethos's character that will dialogue with the protagonist of the history about the human's propositions appears, what is worth the own narrator's internal dialogues and explicit the authors that go being introduced in your ideas along the narrative. The third part is the interviews (real) with teachers that talk about some of your existences. Finally, after the analysis of the interviews, the absolution of Pandora and the presentation of the categories observed in the interviews it works as backdrop for a reflection on the subject's formation and the use of the Greek myth as possibility of to think on him and to bring to the surface searches on the human, in the case of this work, the woman.

Key words: Myth, formation, feminine.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 A BUSCA PELO CAMINHO: A ESCOLHA DO TEMA	20
1.1 (Re) contando a história	20
1.2 A história.....	21
1.3 A opção pelo tema	23
1.4 A inspiração através da história	29
1.5 Do meu desassossego à minha pesquisa.....	30
1.6 Registrar para discutir	31
2 O PRIMEIRO CAMINHO: O MITO	36
2.1 Sobre a mitologia grega.....	36
2.2 E por que usar o Mito de Pandora para falar sobre o feminino	37
2.3 O Mito de Pandora.....	39
3 O SEGUNDO CAMINHO: A REALIDADE A PARTIR DO MITO	44
3.1 Do lado verde da universidade: o marco inicial para contar a história	44
3.2 Da universidade à universalidade das coisas do cotidiano	49
3.3 O (re)encontro	50
4 A CAIXA DE PANDORA É ENCONTRADA: E AGORA...?	51
4.1 Abrindo caixas.....	51
4.2 Escrever e pensar	52
4.3 Na chegada, um presente	54
4.4 Uma questão de curiosidade: um estímulo a continuar investindo no tema.....	56
5 COMO A CAIXA PODE SER ABERTA	60
5.1 Metodologia	60
5.2 Fontes orais e testemunhos sobre a formação do sujeito	65
6 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA: ABRIR OU NÃO ABRIR A CAIXA?	68

6.1 Eu, imersa na pesquisa.....	68
6.2 A possibilidade de pensar e discutir o Mito de Pandora	70
6.3 De volta à caixa, de volta à casa	71
7 A CAIXA FOI ABERTA: NASCE O CAOS	74
7.1 O retorno daquilo que eu propusera na oficina e meu fascínio pelo humano: duas boas razões para continuar o meu trabalho.....	74
7.1.1 Por que compreender o mito significa reconhecê-lo como fato humano	74
7.1.2 Mitologia e estrutura do mito	75
7.1.3 O titanismo	78
7.1.4 A busca de uma expressão social mais original.....	80
7.2 A partir da mitologia: (con) viver com os monstros da modernidade	82
8 DO MITO À REALIDADE: DO CAOS À AMBIGUIDADE EXISTE UMA GRANDE DIFERENÇA	85
8.1 A amizade enquanto virtude, requer disposição em reconhecer a ambigüidade daquilo que se é	85
8.2 A diversidade não pressupõe igualdade. Pressupõe alteridade	85
9 AGORA SEI! ... SEI QUE NADA SEI	91
9.1 A leitura das entrevistas	91
9.2 A leitura da carta: histórias reais, personagens imaginárias.....	101
9.2.1 A carta é uma ilustração daquilo que retemos em nossas caixas internas e abri-las é um desafio	102
10 UMA QUASE CERTEZA: SEI QUEM SOU! SEI QUEM SOMOS... SERÁ?!	106
10.1 O “tema de casa”	106
10.2 Histórias de dentro.....	107
10.2.1 Fatos que acontecem com quem atua no magistério, ou as histórias de quando fomos alunos: a nossa “caixa de Pandora”	107
10.2.1.1 Displicência	108
10.2.1.2 Vergonha.....	109
10.2.1.3 Tolerância zero!	110
11 AFINAL A PAZ! NÃO É NECESSÁRIO TUDO SABER... MAS A BUSCA É NECESSÁRIA.....	111
11.1 Caixas abertas	111
11.2 A absolvição de Pandora.....	113
(IN) CONCLUSÃO	116
REFERÊNCIAS.....	119

INTRODUÇÃO

Por ocasião das observações e da convivência com mulheres, tanto na minha família, quanto na escola (ao longo da minha formação), afirmo que existe um elo interlocutor conectando diferentes mulheres na sua forma: o sentimento de culpa e a impotência diante de fatos cotidianos, sejam eles no trabalho ou em casa. Existe uma incomunicabilidade que impregna as frases das muitas mulheres que encontrei ao longo da vida, quando se trata de reconhecer em si quem são e em quem poderiam ou gostariam de se tornar. Melhor dizendo, somos o tempo todo os papéis que a sociedade nos impõe e que aceitamos (eu me incluo) sem questionar, na maior parte das vezes.

É notório que o final do século XX e o início do século XXI foram marcados pelas preocupações com as diferenças e com as desigualdades. É o momento em que as políticas públicas passaram a implementar ações afirmativas com o objetivo de promover a discussão a respeito das características das diferenças. Dessa forma, o *pensar em si e no outro* é um exercício que pode viabilizar uma possível *multidimensionalidade*, a ser considerada, para a construção da noção de alteridade.

Para entender e interagir no mundo de hoje, não se pode ignorar o passado. Partindo de minhas inquietações, como mulher, mãe e professora, surgiu a idéia desta pesquisa. Para a concretização deste trabalho, foi utilizada a mitologia grega como aporte e especialmente o Mito de Pandora como possibilidade de pensar o mundo a partir do cotidiano do professor, profissional representado em sua maioria por mulheres. Retomo que a figura de Pandora, mulher que espalhou o mal ao desobedecer aos deuses, resume na mitologia, o universo feminino sob o ponto de vista masculino: aquela que desencaminha, que seduz para agir em benefício próprio.

Dessa forma, buscar no passado possibilidades de respostas para explicar (e pensar) o presente, é trazer para o cotidiano uma maneira de formar (no sentido de formação e não formatação) sujeitos criativos que a partir de um conhecimento útil, de autonomia e de problematização, tenham uma concepção de vida real, com problemas e soluções, dores e alegrias. Nesse sentido, busco neste espaço discutir liberdade, ética e regras de uma forma equilibrada e reflexiva. O passado está representado na mitologia, de onde é possível retirar referências para a descoberta do ser humano, de sua constituição sociológica e filosófica, de seu constante aprender e modificar.

A narrativa mitológica abrange o ser humano como um todo, porque é possível, nas diversas histórias, encontrar respostas para os saberes e contradições que acompanham o homem desde o princípio dos tempos. Acredito que enfatizar seu estudo é uma forma de melhor compreender alguns *porquês* que angustiam o ser humano-feminino-docente e que transformam seus questionamentos em (possíveis) respostas e ações.

Trabalhar fora de casa é uma conquista relativamente recente das mulheres. Ganhar seu próprio dinheiro, ser independente e ainda ter sua competência reconhecida é motivo de orgulho. Hoje, o perfil das mulheres é muito diferente daquele do começo do século XX, pois além de trabalhar e ocupar cargos de responsabilidade assim como os homens, sobrecarregam-se com tarefas tradicionais: ser mãe, mulher e dona-de-casa.

Mas apesar da evolução da mulher em diversas atividades que eram antes exclusivamente masculina, e apesar de ter adquirido mais preparo e mais informação, os salários, na maior parte dos casos, ainda não acompanham este crescimento.

O grande desafio das mulheres da minha geração, é provocar mudanças profundas na história. A começar pela história da própria família: além de cozinheiras, mães e esposas, podemos ser mulheres e profissionais. Podemos ser aquilo que *desejamos* ser, porque *desejo* é diferente de *escolha*. Mas entre o desejo e a escolha, existe a culpa. A culpa por não cumprir os papéis sociais, a culpa imposta pelas relações de poder, a culpa em não pertencer a um determinado grupo social, étnico ou estético. São culpas que funcionam como um amontoado de pedras dentro de nós e impede que nossos passos se apressem em direção àquilo que realmente queremos. E na verdade, às vezes não sabemos realmente o que

queremos, porque relegamos nossas vontades a um segundo plano como esperar o filho crescer pra se dedicar à profissionalização ou ainda esperar estar *bem economicamente* para decidir ter um filho. Esses são apenas dois dos muitos exemplos possíveis.

No transcurso da história da humanidade, o sentimento de culpa e de impotência são traços frequentemente presentes. A imagem desagregadora da mulher começa por Eva, passa por Flórida Emilia (a quem Santo Agostinho amou) e Pandora. Seja no relato mítico, seja na vida cotidiana, a mulher é tida como responsável pela disseminação do mal no mundo. Culturalmente, a mulher tem sido a depositária de uma culpa histórica. E o Mito de Pandora, a mulher “curiosa” que abriu a caixa e espalhou os males no mundo, serve, neste estudo, como fio condutor para a *tecitura* de um pano de fundo para a compreensão do humano. O humano tal qual ele é: pleno de vícios e de virtudes.

Aquilo que levou Pandora a abrir a caixa foi *curiosidade*. O que me fez buscar e abrir o que aqui chamo de *caixas internas* é, igualmente, a curiosidade - de descobrir novas formas de pensar o sujeito. E pra isso, me sustento na idéia de que a curiosidade e as origens do que a cerca sempre foram sentimentos importantes no ser humano.

Para Darwin, a interrogação é uma afirmação. Alguns entendidos de comportamento animal dirão que até mesmo o cão quando repreendido pelo dono, abaixa a cabeça em sinal de culpa. Mas se os animais, não verbalizam seus sentimentos, portanto agem apenas por instinto, diferentemente de nós, humanos, inteligíveis, que fundamentamos em palavras o que nos é tido como sentimento interno. Assim, que a culpa - e aqui minhas palavras são reforçadas por Scliar (2007), que faz em seu livro, uma digressão sobre o sentimento de culpa ao longo da vida da humanidade, é em definitivo um sentimento atribuído ao humano. Sustento a afirmativa, ao dizer que a culpa que elimina o *prazer de ser* (feliz, engajado politicamente, pleno e seguro nas suas convicções e escolhas) representa uma renúncia à liberdade e à vontade.

Sendo este um trabalho nascido da angústia de uma professora, os resultados não se limitam apenas a uma pesquisa bibliográfica. Foi importante ouvir outras profissionais - ao todo, quatro entrevistadas, que relataram experiências através das quais foi possível fazer uma leitura do papel exercido em seu (difícil) ofício.

Assim, pretendo explicitar o papel da mulher na sociedade moderna, com enfoque na mulher professora e usando o Mito de Pandora como suporte para discutir o papel do feminino na questão da culpabilidade. Isto posto, tenciono colaborar com a Educação em um exercício de pensar sobre as práticas educativas. Melhor dizendo, ao abordar temas universais busquei poder criar pontes com a atualidade, para visualizar a trajetória da mulher e reflexionar sobre o seu papel no contexto educativo e em que medida o uso do mito grego pode ajudar a elucidar inquietações internas, bem como evidenciar, ou não, a importância da metáfora para que se tracem abordagens sobre a trajetória pessoal de formação do sujeito.

Ao introduzir o mito, é preciso dizer que antes da ciência atual, que oferece explicações plausíveis para a existência humana, os fenômenos e demais componentes do universo, o homem criou as narrativas que deram conta dos seus anseios, explicando o mundo de então. Criou-se, dessa forma, a mitologia, que existe na maioria dos povos e que permanece atual, apesar da distância temporal que separa a sociedade atual dessas épocas longínquas. A nossa história contemporânea, nossos anseios e agires estão intimamente ligados a essas narrativas carregadas de significados.

Destaca-se que o presente trabalho foi desenvolvido, em parte, utilizando-se preferencialmente a primeira pessoa, para melhor caracterizar o tom pessoal da pesquisa, na qual a principal característica é a apresentação/revelação dos questionamentos da própria pesquisadora enquanto educadora.

Concordo com Nóvoa (1995) **quando afirma que** compreender melhor as encruzilhadas é ver em que se encontram atualmente os professores e delinear uma profissionalidade baseada em novas práticas de investigação. E é por este viés que a mitologia grega, na apresentação do Mito de Pandora, oferece suporte e encorajamento para a realização de uma operação transmutadora que se aventure a adentrar no mundo de sistemas dotados de significados. Considero assim, que através deste trabalho, seja possível suscitar o exercício do pensar. Pensar sobre si, sobre o outro, sobre o mundo e assentar a permanência da mitologia como forma viável para se apresentar o contemporâneo.

Ao longo deste trabalho, foi possível escrever sobre momentos de culpa e impotência vividos no meu ambiente de trabalho e na relação comigo mesma. Acredito que fui me constituindo na alternância entre o bem e o mal, regras e

transgressões, na mulher que sou hoje, embora tenha sido preparada para o *mercado de trabalho* e não para o *mundo do trabalho*¹.

O presente estudo e a metodologia adotada produziram uma série de reflexões e proposições caracterizadas pela alternância entre o tema e o método, entre a pesquisadora e a mulher-docente. O espaço da escrita na forma narrativa, pode (e sublinho, pode) chamar atenção para as vidas das mulheres professoras, através de questões para além da subjetividade e no respeito às características pessoais e vivências profissionais.

Os capítulos iniciam a partir do diálogo entre duas amigas. Os fatos são reais e as personagens foram baseadas em pessoas reais. Optei pela narrativa por entender ser esta uma maneira criativa de manter o leitor atento às questões da pesquisa e por ser um estilo adequado para comunicar aquilo que, como **autora, penso e observo**.

Da experiência de escutar outras professoras, ver seus olhos marejados, suas falas impregnadas de emoção, me proporcionou um sentido de pertença a este mundo: ao mundo das mulheres professoras. Criei para a narrativa, uma personagem que conversa *comigo* o tempo todo: um professor aposentado, que formou um grupo de pesquisa que se perpetua por gerações.

O que me inspirou a usar este tipo de apresentação foram as observações feitas durante as aulas do Mestrado em Educação, além do intuito de codificar através das falas e das ações de um determinado professor, sua digna luta por um mundo mais ético, buscando em seu trabalho oferecer uma educação que prime pela qualidade: a qualidade do humano que se reflete na sua prática, permeadas pela consciência daquilo que somos e em constante conflito entre o bem e o mal. Acredito que os diálogos darão ao leitor desta pesquisa, uma idéia daquilo que se busca com o presente trabalho: pensar o humano, falar de mito, falar sobre gênero.

As entrevistas foram reais, as falas estiveram no limiar entre a emoção e a esperança de denunciar situações que acontecem no recinto das escolas e que minam lentamente a felicidade dos docentes, enquanto profissionais e mulheres. O Mito de Pandora é apresentado ao leitor para que tire suas próprias conclusões e na pesquisa, é a metáfora que vai despertar a curiosidade sobre o que é gênero,

¹ Frase proferida durante uma aula do mestrado em educação: Mundo do trabalho e mercado de trabalho. No primeiro, a relação entre potencialidade relevância e rigor podem ser problematizadas para se pensar o humano. No segundo, são preparados os tarefeiros (CUNHA, 2005).

exposto a partir do que aponta Louro (2001), que rompe com a rígida polaridade binária entre masculino e feminino e, a partir daí, entende ser possível falar sobre a pluralidade no interior de cada um desses pólos.

Em relação à categoria gênero e magistério, Louro (2001) circula o alerta para a necessidade de complexificar, ampliar e transformar as condições que têm permitido a atividade docente - especialmente quando dirigida a crianças -, tornar-se feminina. Para esta autora, o conceito de gênero privilegia a produção de identidade e não está ligado ao desempenho de papéis masculinos ou femininos. No caso desta pesquisa, o enfoque é na mulher, que, por conseguinte desempenha um papel feminino.

Apesar da ocupação do magistério ser feita por uma população notadamente feminina, não se pretende discorrer, de forma extensa, sobre pesquisas educacionais realizadas nesta área, mas sinalizar a feminização do magistério e dar atenção a alguns aspectos que têm tido pouca ou nenhuma atenção, como a *culpa* e o *sentimento de impotência* nas relações de poder. Isso tudo de forma velada ou mais clara e que se dá durante o período de formação profissional até chegar aos dias de hoje. Abrir um espaço para se pensar o humano pressupõe o uso - neste trabalho - da metáfora. E o Mito de Pandora é protético para que se faça uma análise a partir do próprio mito. Mapear nas memórias das professoras entrevistadas e observar em que ponto da sua formação tiveram ou não contato com os mitos gregos e qual o significado e importância que isso tem nas suas práticas é um desafio e uma porta de entrada para o interior daquilo que constitui o humano.

Para se pensar (ou explicar) a participação feminina na categoria docente, encontrei em Pereira (2000, p. 29) uma afirmativa onde ele diz que tal situação se deve principalmente “às possibilidades que o magistério sempre ofereceu à acomodação e a integração entre papéis domésticos e profissionais”. São concepções assim que valorizam a mulher apenas como mãe e esposa dedicada o que a torna a principal responsável pela primeira educação dos filhos. A discussão em torno da feminização do magistério é complexa. Alguns autores afirmam ter sido a única forma da mulher se libertar da submissão masculina - o que não pode continuar sendo uma afirmativa verdadeira. Depende muito do contexto. Entretanto, é verdade que existe uma desvalorização da profissão, juntamente com a entrada em massa das mulheres nas escolas. À natureza feminina - e muito se ouve falar - que é relacionado o magistério, porque até o século XX as mulheres eram criadas

para as funções da maternidade e o zelo do lar, fazendo do magistério uma profissão feminina (e maternal) por excelência, apesar dos protestos de uma sociedade que a queria em casa, cuidando do lar, criando os filhos, como se essa função fosse parte da sua natureza.

Charles Darwin, citado por Scliar (2007, p. 43) comenta:

Em determinadas épocas do ano, as andorinhas são tomadas pelo desejo de migrar; ficam agitadas, barulhentas. [...] Quando a andorinha está cuidando dos filhotes, o instinto materno é provavelmente mais forte que o impulso de migração, mas quando este por fim prevalece, a ave alça vôo e abandona a prole. Chegando ao fim da longa jornada, e extinto o impulso, que agonia, que culpa não sente esta mãe?

Ao homem foi dado o privilégio cultural e legal de trabalhar fora do magistério e não foi de maneira indiscriminada que as mulheres adentraram na profissão. Elas foram se apossando dos níveis de trabalho que exigiam menos escolarização. Cuidar da casa, dos filhos e trabalhar como professora (desde que não atrapalhasse na vida da família) foi e tem sido motivo de (des) acomodação de muitas de nós.

E são questões como estas que me levaram a procurar professoras com diferentes realidades para escutá-las e apresentar suas vozes em forma de texto. Textos que foram se constituindo ao longo da vida e que estavam guardados em “caixas interiores”.

É um desafio e uma alegria dividir com o leitor minha intenção em pensar o sujeito a partir do mito grego de Pandora. É uma dissertação de mestrado que teve, ao longo da caminhada, várias *caixas abertas*. Caixas minhas, caixas de quem se deixou analisar e espontaneamente contribuiu para que este trabalho se realizasse na intenção de que a partir dele, seja possível pensar no humano e nas nossas práticas pedagógicas à luz da mitologia como forma de resgatar um tempo para se pensar no presente e organizar ações futuras.

Do início ao fim deste trabalho, realidade e ficção se misturam como na vida. O caráter do mito é explicado principalmente, na voz de Rocha (1985), que dá fundamentação e sustentação ao processo de pensar sobre o mito e trazê-lo para ser discutido no dia-a-dia.

A alternância entre as falas é como um jogo de luz e sombra. Uma caixa é aberta a cada capítulo. Ao final, aquilo que tem nos movido, aparece como uma centelha divina, feito o fogo dos céus roubado por Prometeu e trazido à terra.

Na esperança se apóiam os sonhos e os projetos. Finalmente, numa leitura pessoal Pandora é *absolvida* na voz da pesquisadora que traça um perfil da mulher e do homem implicados neste processo de culpa.

Até aqui, pude explicitar que meu trabalho nasce da curiosidade e da observação. Também faço uma digressão sobre a mulher professora e da possibilidade de usar o mito grego para se pensar o sujeito. Apresento o mito grego, o Mito de Pandora e os motivos pelos quais optei em falar sobre educação, mito e gênero através desta pesquisa. Serão as entrevistas que apresentarão a realidade e a necessidade de se falar em educação por meio deste viés: o Mito de Pandora.

Ao pensar em como escreveria minha dissertação, entendi que poderia criar personagens para apresentar o Mito de Pandora na modernidade. Se os tempos da modernidade fossem mulheres e sentassem para (re) conhecerem uma a outra, talvez o diálogo começasse desta forma, ou representado desta maneira: uma mulher em forma, em forma de padrão, *politicamente* enfiada em um terninho, cheio de dobras hermeticamente esticadas, com perfume na medida; a outra, sempre atrasada, despenteada, em constante questionamento sobre sua própria visão do mundo em seu entorno, meio desapontada com as exigências científicas da amiga, mas sempre pronta para o diálogo desconcertante. Duas mulheres, duas formas de ver e representar a vida, duas possibilidades de discutir o feminino.

Mais adiante, aparece no texto, nas falas do professor aposentado, propositalmente chamado Ethosⁱ, com aproximadamente setenta anos, ícone de uma geração de professores que se inspirou em suas palavras e nas suas estratégias para ensinar o sujeito a SER aquilo que potencialmente viria a ser.

A proposta, ao escrever o texto, foi de apresentar a personagem, baseada em uma pessoa real; um professor real que verdadeiramente semeava nos outros uma constante evolução interior. *Ethos* (nome fictício usado para a personagem), homem inquieto nas proposições, armava mutirões e levava seu grupo de pesquisa a refazer casebres de ilustres desconhecidos e “metia a mão na massa” pelo simples prazer de fazer o bem; quando discutia sobre valores do humano, era acometido de uma efusão lírica que lhe alargavam as veias do pescoço e lhe coloriam o rosto inteiro de uma vermelhidão preocupante. Não oscilava entre o bem e o mal,

penetrava surdamente no reino das palavras, tinha a discricção de um filósofo - e o era por formação - e encantava-se com a “cor dos dias de primavera” - , fato que aos olhos de um homem vulgar não teria valor. Era sabido que tinha poderes de silêncio e não forçava que as pessoas se desprendessem do limbo; esperava que cada um conhecesse seu próprio ritmo. Era visto, muitas vezes, caminhando pela Universidade, como se andasse só e mudo, sem desespero, numa calma aparente em uma superfície intacta, como se esperasse que cada dia se consumisse em poder e palavra. Ser ético, para ele, era “basear a vida e as relações em princípios”.

A pesquisadora e narradora (pesquisa narrada em 1ª pessoa), personagem inspirada na minha própria vida, desenvolve diálogos com este professor, como forma de trazer à tona a discussão sobre aquilo que nos torna humanos e que pode ser discutido apoiado na mitologia grega. O Mito de Pandora é uma das possibilidades de se pensar no humano, principalmente no feminino e se utilizar das prerrogativas que envolvem este mito para falar daquilo que está guardado nas lembranças, descritas aqui como *caixas internas* e que se articula na voz da professora da modernidade, quando esta se percebe mãe, mulher e profissional.

Acredito que será possível desenhar um caminho a partir das questões levantadas nesta pesquisa e que no exercício do pensar em si e sobre si mesmo, seja a porta aberta por onde seja possível que se (re)conheça a possibilidade de se utilizar do mito grego para discutir o sujeito.

A questão de gênero institui, nesta pesquisa, a identidade do sujeito. Louro (2001), afirma que assim como etnia, a classe ou a nacionalidade, o gênero dá identidade ao sujeito. E ele (o gênero) pode ser percebido como parte do sujeito homem, brasileiro, negro. E vai além quando afirma que as práticas e instituições “fabricam” os sujeitos. E completo, no meu ponto-de-vista, a fala da autora com o vocábulo “moldam” os sujeitos à luz daquilo que lhes é mais importante e/ou vantajoso (para as instituições). Assim, gênero não pressupõe sexualidade, e para a autora, corre-se o risco de cair numa esquematização, já que na prática social tais dimensões são articuladas e confundidas. Trabalhar o feminino é pensar o sujeito. Nesta pesquisa o sujeito em questão é a mulher professora. O Mito de Pandora usado para pensar na relação de poder e nos processos de culpabilidade, tem conteúdo protéico para que se pense na formação do sujeito em questão e na formação daqueles que são ouvintes dos seus discursos: os alunos.

1 A BUSCA PELO CAMINHO: a escolha do tema

1.1 (Re) contando a história

Na intenção de escrever a dissertação como se fosse um livro de contos ou uma crônica, depois de criadas as personagens, resolvi dar asas à imaginação e percorri lugares dentro de mim, numa viagem de volta àquilo que me pertencera desde sempre: a essência de ser quem sou e o desejo de me tornar quem eu quero ser.

Noções

Entre mim e mim, há vastidões bastantes
para a navegação dos meus desejos afligidos.

Descem pela água minhas naves revestidas de espelhos.
Cada lâmina arrisca um olhar, e investiga o elemento que a atinge.

Mas, nesta aventura do sonho exposto à correnteza,
só recolho o gosto infinito das respostas que não se encontram.

Virei-me sobre a minha própria experiência, e contemplei-a.
Minha virtude era esta errância por mares contraditórios,
e este abandono para além da felicidade e da beleza.

Ó meu Deus, isto é minha alma:
qualquer coisa que flutua sobre este corpo efêmero e precário,
como o vento largo do oceano sobre a areia passiva e inúmera...

Cecília Meireles

1.2 A história

Esta pesquisa participa da fronteira entre a filosofia, a sociologia e a literatura, concentrando-se no debate sobre a questão da singularidade do humano e no uso da mitologia grega como possibilidade de formação do sujeito. É importante deixar claro que não tenho a pretensão de adentrar em campo tão complexo, dado que são disciplinas que necessitam de tempo e conhecimento aprofundado para serem discutidas. Minha intenção é me valer dos meios possíveis, dos caminhos que validam e potencializam esta pesquisa que está na linha divisória destas disciplinas e serve de indagação e (possível) resposta para aquilo que busco enquanto pesquisadora. Para tanto, encontro um aporte através da História Oral e apresento relatos de professoras, que trabalham em instituições educativas da rede privada e estadual na cidade de Santa Maria e desempenham seu papel frente ao aluno, em idade que compreende entre sete e doze anos; além das minhas próprias falas, transcritas em forma de relato e que me colocam igualmente na posição de sujeito desta pesquisa: o sujeito feminino.

Do sujeito feminino. Essa forma de poder não desaparece, mas é levada a crer na sua onipotência, ao passo da legitimidade feminina colocar-se como uma estrutura mediadora, necessariamente circunstancial como destaca Foucault (1993, p. 56).

A partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência. Jamais somos aprisionados pelo poder: podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa.

O que se propõe ao apresentar a mitologia grega é discutir uma outra forma de abordagem e usá-la como referência para realizar a descoberta de si, ou seja, utilizar meios para aproximar-se do “conhece-te a ti mesmo”, de Sócrates e refletir sobre questões como: *quem sou eu e como me tornei o que sou agora, o que tem limitado ou potencializado minha trajetória e minha prática, quais são as culpas que me atribuem e que meu atribuo enquanto mulher*. Culpa que segundo Scliar (2007, p. 183), “[...] não se esgota no plano pessoal. Atribuir culpa a grupos, a comunidades, a povos faz parte da estratégia de dominação”.

Durante esse processo, foram observadas - e não julgadas, as reações, as formas de abordagem e a identificação singular com o Mito de Pandora. Dessa discussão interna e inicial a idéia foi ampliada para a história universal, ressaltando os seguintes aspectos: a constituição da singularidade e da subjetividade e da identidade narrativa do gênero feminino, a questão da verdade ou sinceridade do relato e a questão da memória. As diferentes interpretações, quase sempre conflitantes, colaboram na fundamentação deste trabalho e conduzem a outros exemplos de narrativas autobiográficas na filosofia, como *Ecce Homo*, de Nietzsche e *As Confissões*, de Santo Agostinho, que é um tipo de obra que leva a pensar quanto à concepção da narrativa e da interpretação como *médium* do qual emerge uma compreensão diferente de subjetividade, escritas por homens, que se tornaram célebres por suas histórias. Essa relação se desdobra em alguns aspectos como o conhecimento de si e a questão da identificação com o mito, no caso, o mito grego e especificamente o Mito de Pandora.

Ao assumir o texto como narradora e partícipe, criei uma história imaginária baseada em fatos reais e dei voz a personagens fictícios para pensar o sujeito em suas experiências nutridas quase sempre pela esperança, pelo desejo, pela pulsão de vida que se estabelece quando a vida é encarada na sua forma plena, com vícios e virtudes, com o lado A e o lado B, com o preto e o branco ou a partir daquilo que nos faz simplesmente humanos. Ao receber uma mensagem (real) de um menino que fora meu aluno aos quatro anos e que hoje tem vinte e um, fiz uma retrospectiva da minha condição humana, dado que somos importante na medida em que deixamos naqueles que estão conosco um pouco das nossas próprias impressões sobre o mundo. Este aluno foi importante na minha formação porque ele me ensinou que o ser humano só pode ser entendido nas suas relações com outros seres humanos, porque deste ângulo, a pessoa é entendida como um ser relacional e histórico, que é capaz de se construir e reconstruir, recriando-se a partir da constatação de seus próprios erros e fragilidades.

Torna-se pertinente destacar Freire (1993, p.18) que confessa as complexidades, indissociável, da sua personalidade:

Gostaria desde já de manifestar minha recusa a certo tipo de crítica cientificista que insinua tratar com rigor o modo como discuto os problemas e a linguagem demasiado afetiva que uso. A paixão com que conheço, falo ou escrevo não diminuem o compromisso com que denuncio ou anuncio. Sou uma inteireza e não uma dicotomia. Não tenho uma parte esquemática,

meticulosa, racionalista e outra desarticulada, imprecisa, querendo simplesmente bem ao mundo. Conheço com meu corpo todo, sentimento, paixão. Razão também.

A sociedade da qual fazemos parte está à mercê dos educadores. E, a educação sempre foi e sempre será a meta principal para que se obtenha uma sociedade mais honesta e mais digna quanto a cidadãos que pensam e que agem com autonomia e com perspectivas frente ao seu futuro. Não se considera, entretanto, apesar dessa afirmativa, que recaia somente sobre os educadores esta responsabilidade, mas que existe uma rede de acontecimentos que formam e acompanham todo e qualquer cidadão em toda a sua trajetória de formação humana, cabendo a cada um apropriar-se desta responsabilidade e fazer uso de sua consciência social para educar.

Assim, a idéia de refletir sobre nós o ser feminino docente e sobre o processo de se reconhecer no mito, potencializa e dá alternativas para que se avalie o papel da mulher professora. Para que aconteça um conhecimento de si e de suas potencialidades e limites, acima de tudo.

1.3 A opção pelo tema

A mulher desempenha papéis desde a Antigüidade, e pensar sobre isso se justifica na tentativa de explicar porque as mulheres têm sido maioria na profissão de educadoras. *Qual seria a relação da imagem da mulher na mitologia grega e de que forma a mulher do século vinte e um se identifica à luz da mitologia, com o Mito de Pandora, principalmente naquilo que se refere às culpas e sentimento de impotência.* Outra questão que foi levada em conta: As professoras entrevistadas, tiveram - ou não - contato com o mito grego (quando?) e qual o sentido do mito nas suas práticas educativas. São perguntas que estão presentes nesta pesquisa e que têm a intenção de reconhecer as tentativas de explicação de que o mito, responde, por natureza, às diversas solicitações, e isso simultaneamente e de tal forma que elas se imbricam nele de um modo bastante complexo. Por conseguinte, a análise do mito a partir de um sistema de explicação, por melhor fundamentado que esteja, deve deixar, e deixa, com efeito, uma impressão de insuficiência inultrapassável, um

resíduo irreduzível a que temos a tentação imediata de atribuir - por reação - uma importância decisiva.

Em Pandora², descrita por Hesíodo (2005), fundamenta-se este estudo. Na sua história, se constroem estes caminhos:

Pandora, a primeira mulher no *cosmos* grego antigo, é o presente do mal que Zeus mandou ao mundo:
 [...] e então [Prometeu] feriu profundamente o coração de Zeus, o alto senhor do trovão, que ficou furioso quando ele viu ao longe a luz do fogo entre os homens, e imediatamente ele lhes deu um problema para que pagassem pelo fogo.
 O famoso Deus Pacífico misturou argila e lhe deu a forma de uma virgem tímida, exatamente como Zeus queria,
 E Athena, a deusa de olhos de coruja,
 A vestiu em roupas prateadas
 E com suas próprias mãos lhe colocou um véu na cabeça,
 Uma coisa complexa, bonita de se olhar.
 Ele [Zeus] fez este lindo mal para equilibrar o bem,
 Então ele a levou aos outros deuses e aos homens
 ...eles ficaram boquiabertos,
 deuses imortais e homens mortais, quando eles viram
 A arte de seduzir, irresistível aos homens.
 Da sua raça vem a raça das mulheres fêmeas,
 Esta raça mortífera e população de mulheres,
 Uma grande infestação entre os homens mortais,
 Que viviam com riqueza e sem pobreza.
 Acontece o mesmo com as abelhas nas suas colméias
 Alimentando os zangões, conspiradores maus.
 As abelhas trabalham todo dia até o por do sol,
 Ocupadas o dia inteiro fazendo pálidos favos,
 Enquanto os zangões ficam dentro [da colméia] nos favos vazios,
 Enchendo o estômago com o trabalho dos outros.
 Foi assim como Zeus, o alto senhor do trovão,
 Fez as mulheres como uma maldição para os homens mortais,
 Conspiradoras do mal. E ele juntou outro mal
 Para contrabalançar o bem. Qualquer um que escape ao casamento
 E à maldade das mulheres, chega à velhice
 Sem um filho que o mantenha. Ele não precisa de nada
 Enquanto viver, mas quando ele morre, parentes distantes
 Dividem seus bens. Por outro lado, quem se casa
 Como é mandado, e tem uma boa esposa, compatível,
 Tem uma vida equilibrada entre o mal e o bem,
 Uma luta constante. Mas se ele se casa com uma mulher abusiva
 Ele vive com dores no seu coração o tempo todo,
 Dores no espírito e na mente, o mal incurável.

² Isto é o que o poeta grego Hesíodo (século VIII a.C.) diz em algumas famosas linhas de seus dois principais poemas, a Teogonia (ll. 570-612), e Trabalhos e Dias (ll. 53-104). HESÍODO. Revista espaço acadêmico. n.52. set. 2005. Tradução de S. Lombardo. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/052/52elauriola.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2007.

Assim a mulher, criada para dar trabalho e sofrimento ao homem, parece personificar a essência do mal.

De todas as formas, a razão última da entrada do mal no mundo é Zeus. De fato, Pandora é um instrumento nas mãos de Zeus. É ele quem decide introduzi-la como a fonte de todos os problemas. É Zeus quem cria, através de Pandora, um tipo específico de mal, o mal do engano, que é atraente e bonito por fora, que parece ser algo bom (uma mocinha casta e tímida), mas que esconde coisas ruins dentro, aquela que personifica “o completo engano”, descrito maravilhosamente através do oxímoron *kalòn, kakòn* (literalmente: “uma coisa linda/ má”). Finalmente, é Zeus quem faz com que este lindo mal seja irresistível e incurável, de modo que ninguém possa escapar. Se você se casa ou não, ou seja, se você lida com mulheres ou não, por causa delas você encontrará o **mal de qualquer um**. O mal trazido e personificado primeiro por Pandora não é nada além do trabalho, e as mulheres personificam o mal porque elas são uma carga a mais para os homens. As mulheres (entende-se através do poema), as mulheres livres, assim como os zangões, não trabalham, e somente consomem a renda do trabalho dos seus homens. Na visão de mundo da sociedade grega mais antiga, o trabalho não era uma maneira aceitável de ganhar a vida; na verdade, o trabalho era considerado uma dor, porque houve um tempo – a Idade Dourada – quando a terra espontaneamente provia os seres humanos de toda a comida que eles necessitavam, e assim eles não tinham necessidade de trabalhar, não tinham que labutar e sofrer (HESÍODO, 2005, p.53):

[...] os deuses nunca ensinaram
 Como os humanos poderiam ganhar a vida. Ou
 Você fazia o suficiente em um dia
 Para seu sustento por um ano sem trabalho.
 Você podia dependurar seu arado na fumaça,
 E todo o trabalho do campo era feito pelos bois [...]
 Mas Zeus ficou verde de raiva e foi e escondeu
 A madeira de ganhar a vida [sem trabalho duro] tudo
 Porque aquele esperto Prometeu
 O enganou. Por isto Zeus fez a vida dos seres humanos difícil.
 Ele escondeu o fogo. Mas aquele fino filho de lapetos [Prometeu] o roubou
 Bem diante do nariz de Zeus [...]
 E Zeus, trovejando [...] ficou enraivecido e disse:
 filho de lapetos [...]
 Eu aposto que você está contente por ter roubado o fogo e me enganado.
 Mas as coisas vão ficar difíceis para você e para os humanos
 Depois disto.
 Eu vou dar-lhes o Mal em troca do fogo
 Um Mal para eles amarem e abraçarem.

E este Mal “para amar e abraçar” é Pandora. Forçados a trabalhar, enquanto as mulheres não podem trabalhar, os homens vão ter que lidar com a vida dura, e serão responsáveis pelo próprio sustento, assim como o sustento das suas esposas e famílias. E, justamente como Zeus quer, não há maneira de escapar deste mal: Porque ela é responsável pela entrada do mal no mundo, Pandora é freqüentemente comparada a Eva, que também foi criada depois do homem e é a responsável pelos seus problemas, a sua perda do Paraíso. Na outra versão do Mito de Pandora que Hesíodo oferece em *Trabalhos e Dias*, há um ato de Pandora que parece dar um paralelo à doutrina do pecado original, e conseqüentemente ao conceito de Eva. Depois de descrever como Zeus ordenou aos vários deuses e deusas que manufacturassem o “adorável mal”, e lhe dessem específicas qualidades para que ela fosse uma criatura de beleza irresistível, o poeta conta então como Zeus, através de Hermes – o deus mensageiro – mandou Pandora à Terra, e comenta sobre os efeitos dela com estas palavras (HESÍODO, 2005, p. 90):

[...] Antes [da chegada de Pandora] a raça humana
 Tinha vivido da terra sem problema, sem trabalho
 Sem doença e sem dor [...]
 Mas a mulher tirou a tampa da jarra com suas próprias mãos
 E espalhou todas as misérias que significam tristeza para os homens.
 Apenas a Esperança foi deixada no jarro inquebrável,
 Grudada embaixo da tampa, e não pôde voar:
 A mulher fechou a tampa do jarro,
 E pelo plano do dono de tudo, o que pastoreia nuvens, Zeus,
 Já naquele momento milhares ou mais de outros horrores se espalhavam
 entre os homens,
 A terra está cheia de coisas más, e o mesmo acontece com o mar.

Nesta versão do mito, não é simplesmente o nascimento e a chegada de Pandora que marcam a entrada do mal no mundo. **É o seu ato de abrir a jarra que provoca a “perda do paraíso”**. Antes da sua chegada e da abertura do jarro, não havia problemas, não havia trabalho duro, doenças, misérias ou tristezas. Embora Hesíodo não mencione de onde a jarra vem, ou sinaliza qualquer coisa que diga que a abertura da jarra foi feita devido a um ato de perigosa curiosidade por parte de Pandora, no tempo dos primeiros apologistas cristãos (por volta do primeiro ou segundo século depois de Cristo), a abertura da jarra por Pandora já era comparada ao episódio de Eva comendo a fruta proibida. Ambas as ações marcam a entrada do

sofrimento e das dificuldades no mundo; as duas mulheres – Pandora e Eva – inevitavelmente são a personificações do mal.

Entretanto, uma análise mais detalhada revela importantes diferenças. Para tocar só em algumas: a criação de Pandora por Zeus foi feita para trazer o mal à vida humana, enquanto que a criação de Eva por Deus foi feita para dar uma companheira ao homem. Mais importante, Deus diz a Eva para não comer a maçã; ela sabia que era proibido, e mesmo assim ela escolheu - por assim dizer - comer a fruta ao deixar-se ser persuadida pela serpente. Como vimos acima, em nenhuma parte do texto de Hesíodo Pandora foi proibida de abrir o jarro. Tudo, desde a abertura do jarro até o seu fechamento antes que a Esperança escapasse, é “de acordo com o plano de Zeus”, o que significa que Pandora não tem escolha. Apesar destas significantes diferenças, sem dúvida em ambos os casos a mulher e o mal se identificam. Embora não seja o pano de fundo desta pesquisa, acho importante assinalar tais idéias.

Na antiga Grécia o conceito do mal personificado é espalhado pelo gênero feminino, mas há algo mais que nos faz retornar à citação inicial desta discussão: devido à vontade de Zeus, a vida humana é caracterizada pelo mal – o mal inevitável, e por uma mistura de coisas boas e coisas más. Na verdade, Pandora não somente é o mal inevitável pelo qual Zeus é responsável, ela é também aquela que reserva para os homens um tipo de antídoto contra o mal: de acordo com os desejos de Zeus ela conserva a esperança dentro do jarro, enquanto todos os males são espalhados.

Para Vargas (2005, p. 42) a representação da mulher na sociedade, não a enaltece. O autor explica

A representação da mulher vem sendo estruturada na sociedade sob a forma pejorativa, no próprio predicado que a define, *feminino* significa *menos fé*, a representação do pecado, do falso, da não verdade. O corpo no sentido feminino transporta seus significados representativos para a sensibilidade, a fantasia, a festa, manifestações que colocam a existência no sentido do perigo ao desconhecido, a ambivalência dos contrários, que trazem também o risco às verdades da racionalidade, da finitude, dos conceitos fechados, das dualidades que instigam a competição na relação dos contrários.

A presença da esperança na jarra de Pandora é debatida há muito tempo: porque ela é *media vox*, a **esperança pode se tornar em uma coisa boa ou ruim**,

isto é, a esperança de uma coisa boa ou ruim, somente um sonho, uma ilusão. O conteúdo da jarra de Pandora pode significar tanto a mistura de coisas boas e más que Zeus dá como destino humano, e a mistura de coisas boas e ruins que a mulher personifica: as mulheres são o mal por excelência para os homens, já que elas foram criadas para ser este mal; mas as mulheres também podem ter uma boa atitude e assim dar aos homens o mal misturado com coisas boas, exatamente de acordo com o plano de Zeus.

Finalmente, é interessante também notar que o ponto inicial de Pandora – a entrada do Mal no mundo – é a luta entre o rei dos deuses, Zeus, contra Prometeu, que personifica, na antiga sociedade grega, um tipo cultural peculiar: o chamado “enganador”, ou “embusteiro”. O enganador é aquele que se delicia na sua habilidade de ser mais esperto que os outros, demonstrando uma ambivalência ética, já que ele pode trabalhar para o bem ou para o mal. Suas ações desviantes finalmente beneficiam a humanidade. Prometeu enganou a Zeus para ajudar aos homens. Considerando que em algumas das chamadas sociedades primitivas o enganador é uma figura do mal, mas ao mesmo tempo uma entidade positiva já que ele tem um papel civilizador, parece que desde o começo da nossa história **o mal é reconhecido como uma parte inevitavelmente inseparável do bem**, como se o bem puro não pudesse existir sozinho.

O exposto acima serve para pensar na inevitável luta entre o bem e o mal. E que por mais que se queira estar em equilíbrio, são as ações da própria vida que trazem aquilo que é inevitável: na luta, a maneira de perpetuar a esperança.

A figura de Pandora incorpora o conceito primordial do mal e da sua criação. Assim, que os textos deste trabalho contam com **a tríade gênero, mito e educação** e Pandora me inspira a abordar este tema justamente para pensar na posição da mulher esmagada pela sociedade, que é vista ora como figura ameaçadora, ora como a santa personificada pela maternação.

Dentro da heterogeneidade de enfoques, na medida em que eu escrevia, pensava: **em que medida falar de Pandora, falar da mulher pode contribuir para que as mulheres professoras pensem em si, assumam suas dores, seus rancores, seus dilemas. E uma vez que sejam assumidos, possam ser vistos como possibilidade de crescimento. Elas tiveram algum tipo de leitura durante a formação ou alguém falou sobre a vida e fez referência a algum mito?** Enquanto pensava nelas e nas relações sociais entre os sexos e percorria a estrada

da minha memória, examinava minha própria caixa de Pandora, onde por anos eu havia guardado gestos, olhares, falas em que ficaram evidentes os processos em que o próprio Mito de Pandora dava conta de legitimar as análises que posteriormente eu fizera a partir das entrevistas com outras mulheres.

1.4 A inspiração através da história

Para Caillois (1997, p. 21), muito se ganha em inspirar-se nas informações fornecidas pela história, pela sociologia e, como ele próprio diz, “se quisermos apreender a principal função dos mitos, parece inevitável termos que seguir nessa direção e, para além da própria psicanálise [...]. O sentido dos seus dados a partir das repercussões no psiquismo humano”.

Para complementar o pensamento do autor, é preciso que se diga que é para melhor compreender a nós mesmos, e em consequência disso, buscar uma qualidade de vida, que implica alteridade, ou seja, o cuidado de si e do outro e mostrar que a mitologia serve de viagem de regresso às origens, ambicionando reviver um ciclo restaurador e reconhecer-se nos vícios e virtudes, próprios do humano e ao mesmo tempo possibilitar determinar certos aspectos e funções do pensamento mítico como constitutivos deste mesmo ser humano.

Em Rocha (1985, p. 20), o mito transmite sensações múltiplas.

É uma estória próxima e distante. Tanto bela quanto direta. De tal simplicidade que só pode ser complexa. A meio caminho entre a lição e o engano. Tão nítida e tão plena de significações, tão abstrata e tão concreta, tão familiar e tão estranha.

É possível concordar com o autor e trazê-lo ao texto para elucidar minha intenção de entender melhor o humano através do mito. O grande desafio neste trabalho é dar voz ao feminino, trazer o mito grego para se discutir Educação e priorizar o entendimento das significações que este estudo pode trazer ao ser humano. Ainda em Rocha (1985, p. 23) encontro aporte para falar do meu desafio: “o mito foi um grande desafio intelectual e ainda se coloca como um fenômeno de difícil apreensão para todos aqueles que se empenham na sua discussão”.

Eliade (apud FLORES, 2008, p. 2) reforça esse aporte ao explicar:

[...] o mito é sempre uma representação coletiva, transmitida de gerações em gerações e que relata uma explicação do mundo. Mito é, por conseguinte, a palavra, o dito. E, desse modo, se o mito pode exprimir ao nível da linguagem, ele é sentido e vivido antes de ser inteligido e formulado. Mito é palavra, imagem, gesto. É uma narrativa que se fixa através do homem sensível. Ele expressa o mundo e a realidade humana, mas cuja essência é efetivamente uma representação coletiva, que chegou até nós através dos tempos.

Assim, que investigar sobre o mito e o seu sentido na sociedade, confere significado e valor à existência. Para este autor, compreender a estrutura e a função dos mitos nas sociedades tradicionais, não é apenas explicar uma etapa na história do pensamento humano, é também compreender melhor uma categoria dos nossos contemporâneos.

1.5 Do meu desassossego à minha pesquisa

Me senti mais à vontade, depois do primeiro gole e iniciei o relato da história. Da minha história e quem sabe, a de muitas outras mulheres.

Primeiro, quero te dizer que **a minha dissertação nasceu do meu desassossego**, da minha *indigestão* emocional e social ao me deparar com a realidade, com a maneira como temos pensado sobre nós mesmos; dos rótulos e dos signos que acompanham a modernidade e principalmente, da minha curiosidade em conhecer a mitologia grega e reconhecê-la como possibilidade de se pensar o mundo a partir do cotidiano do professor, que em sua maioria são mulheres, que obedientes ou não, acabam sendo vítimas e algozes, apontadas como *Pandoras*, cuja culpabilidade por seus atos se dá de forma inconsciente ou não, fruto de uma educação judaico-cristã, que aponta a mulher como um ser capaz de seduzir para agir em benefício próprio. Isso me dá a dimensão da nossa forma dual, ambígua.

Considera-se que há pessoas no mundo inteiro que fazem qualquer coisa, que servem de instrumento ideológico pra matar outras pessoas e se matam enrolados pela cintura por uma bomba. Por outro lado, há quem tenha uma vida

regrada: os mesmos hábitos meticulosamente cultivados anos a fio, despertador programado no mesmo horário os sete dias da semana, o mesmo bar, os mesmos vizinhos, as mesmas poucas palavras, sorrisos econômicos, gestos comedidos, voz baixa, monocórdia. Há gente com tanta discrição que ninguém nota seus desejos ou hábitos. Há alguns com habilidade de furto de carteiras e senha de banco. Outros colecionam carros, roupas, sexo. Pergunto-me a que serviria tanta coleção: *Ato de superação*, eu mesma respondo.

O colecionador embrenha-se em uma busca frenética de um determinado objeto, tentando superar a si próprio. Compete consigo mesmo, no desejo narcísico de dominar uma parcela do mundo e tem a ilusão de que todos os objetos de uma determinada classe lhe pertencem. Trata-se de uma ilusão consciente: ele sabe que jamais abarcará a totalidade, mas é aí que está o prazer: o prazer da procura, do achar mais um espécime.

- Estás com aquela cara da Jacobina, personagem do Assis Brasil, que costumava fazer quando teu *transe* te domina.

- *C'est la vie!* disse eu, num francês sofrível.

Ela riu, tirou da bolsa um gravador minúsculo e disse que melhor seria gravar nossa conversa, pois lhe renderia um artigo: "*loucas mulheres da modernidade*". (rimos juntas daquele comentário).

1.6 Registrar para discutir

- Como surgiu a vontade de pesquisar sobre este tema?

- Eu participo de um grupo de pesquisa lá na universidade, o Povo de Clio. Desde os primeiros encontros, eu *viajava* com as falas do professor, quando ele fazia "ganchos" com a História Universal. Ele dizia que nunca fomos "tão gregos".

- Um brinde a Bacus!

- Continuando ... Ele perguntava sobre o que é relevante na vida, na educação, enfim, e polemizava sobre a relação entre relevância, rigor e potencialidade. Ele falava sobre a aprendizagem memorística (útil, mas limitada) e a aprendizagem significativa, a memória semântica. Isso tudo dava um nó na minha cabeça, me fazia ir pra casa pensando sobre todos esses anos de colégio, faculdade

e o tipo de estrutura que se cria, fruto das experiências bem ou mal-sucedidas. E isso tudo sem falar nas consideráveis discussões sobre o mundo do trabalho, sobre o ser e o ter. Senti que não haviam criado em mim uma cultura experiencial, crítica, mas um tipo de aprendizagem que prepara para o “mercado de trabalho”. Bom, a realidade prática da minha pesquisa, o meu ponto de partida é a realidade. E isso foi a partir de uma pergunta que precisava ser respondida, pergunta que me levou a buscar ferramentas, buscar em autores as ferramentas e as categorias que vão compor a minha “colcha de retalhos”. É, porque eu *ainda* não terminei. Se eu achar que a fachada está pronta, eu vou somente descrever. Mas aí eu penso que é conhecimento científico válido quando respondemos nossas perguntas e aí, sim, como resposta, a interpretação da realidade. É uma busca a partir da descrição para eu colocar a minha interpretação, o contexto da dissertação, entende?

Nas nossas aulas, daí já no mestrado, discutíamos sobre nossos princípios, que são sempre *duais*, e isso nos levou, enquanto gente à especificidade e ao mesmo tempo ao individualismo mundializado, globalizado. O mundo está barbarizado. O mundo está virtualizado. O meu orientador disse uma vez que “nós aprendemos porque precisamos focar nossos interesses. Primeiro, olhar, depois, pensar e, terceiro, agir ou *como* pensar em como podemos agir sobre a realidade”.

Foi aí que eu quis analisar o contexto atemporalmente, globalmente, pra poder analisar a realidade e planejar ações de conhecimento.

- Difícil isso. Vai mexer bastante com a cabeça das pessoas. E com a tua também.

- Tomara que sim. Nós temos professores que se empenham em transmitir informações (matéria, conteúdo, aquilo que o “o aluno precisa”) e avaliam sua produtividade - a dos alunos -, codificam, quantificam aquilo que é transmitido. Sujeitos humanos que passam por uma escola frente a esses paradigmas, se tornam “excelentes tarefeiros”, como costuma dizer meu orientador.

- Prontos para o mercado de trabalho! Pra vencer na vida!

- Isso. Mercado de trabalho. Esse mesmo professor, o meu orientador, nos lembra que em mercados se encontram prateleiras, “mer-ca-do-ri-a”. E o mercado de trabalho, diz ele, “é *alienante, não é digno do humano*”. Daí eu penso: **Como eu posso ter como objetivo oferecer-me ao mercado de trabalho?** Infelizmente, nossas escolas reproduzem um tipo de sociedade excludente, desumanizadora. Precisamos pensar em alternativas desde a educação infantil até a universidade. Os

professores precisam ser substituídos por educadores. Professores que viram educadores, não dispensam o conteúdo e não transformam isso no essencial, mas matéria-prima que habita a criação através da problematização.

- O educador utiliza o conteúdo como matéria-prima para a formação de sujeitos, ele cria alternativas.

- Lembro de uma aula em que eu até anotei *ipsis literis* a fala do professor.

- Do teu orientador?

- Sim. Ouve só: *“O educador passa a ser avaliador na medida exata da sua capacidade de criar novas alternativas, de produzir conhecimento que dê valor e dignidade humana; que dê sentido. E esta possibilidade criativa não o prepara para o mercado de trabalho, embora não dispense como contribuição para garantir o futuro com ação como ação concreta no processo político de renovação do humano”.*ⁱⁱ

- Então, pra esse homem o futuro é possível?

- É, mas de uma maneira trágica. Um tanto grega, eu diria.

- É? Como assim?

- Os gregos ousavam rir das suas tragédias. A epopéia contava seus feitos. Eles queriam ser lembrados por isso. A intenção é recuperar a consciência trágica em função do progresso capitalista. Nós tendemos ao drama ou ao romantismo.

- É. Os gregos não tinham essa consciência do drama e do romantismo. Eles tinham o épico como construção do tecido social, a comédia tinha um papel pedagógico extraordinário entre os gregos. Riam dos conflitos para resolvê-los.

- E ainda, na tragédia, *“Sófocles soube ser soberbo nisso”*. Certa vez meu orientador falou isso em aula. E ainda: *“O humano se explica na consciência dos nossos limites e possibilidades. Isso não se faz sem conflito, sem limite. Nós podemos inventar mundos sem sofrimento dramático e sem romantismo ingênuo”*.

- É, e o uso da metáfora é importante pra trabalhar tudo isso. Nossos fenômenos sociais poderiam ser comparados a um palco, a uma orquestra. Devemos envolver o público e isso só funciona se os autores conhecem suas habilidades, suas propriedades. É necessário se envolver socialmente.

- Claro! E eu ainda acho que a narrativa tem função terapêutica. A crise da modernidade está nos enlouquecendo, de certa forma. Ela se caracteriza pela simultaneidade, pelo instantâneo. Isso é o sintoma de que temos dificuldade de lidar com o hoje como desejo. Não se fala mais em projetos. Não formulamos projetos.

Por isso penso em trazer o passado pra pensar o presente. Quero ser e formar sujeitos que criam a partir de um conhecimento útil, de produção, de autonomia, de problematização. Gente assim não se sujeita a ir ao “mercado de trabalho”, mas ao “mundo do trabalho”.

- Bom, pelo que vejo, está instaurado o caos. (risos)

- E eu sou uma estrela bailarina! (mais risos). Nós temos nos ocupado com questões erradas. Quero me envolver com questões de fundamento e não com questões metodológicas. Eu te pergunto: o que é uma vida bem sucedida? Até que ponto, nos termos da modernidade, isso é possível? Até que ponto, ainda, conseguimos ser sensíveis, incluir o outro, sentir, ver e ouvir o outro? Qual a exigência moral na minha perspectiva individual de ação?

- Perguntas difíceis de responder. Ninguém nasce racional ou sensível. Nascermos como a potencialidade daquilo que podemos vir a ser. Nós objetivamos as coisas, buscamos uma racionalidade técnica instrumental. Nós nos instrumentalizamos.

- Eu não quero ser moralista ou prescritiva. Quero discutir como é possível liberdade, regra e ética sem uma visão maniqueísta, mas uma visão plural, equilibrada. Não é uma fantasia caprichosa, mas um projeto. Um projeto meu, pessoal, que quero dividir e poder ouvir outras pessoas. Quero discutir e argumentar, porque tenho esperança, sim. Esperança de ver o mundo melhorar. Ao menos o mundo onde eu vivo, onde eu me relaciono, o mundo de casa, da rua, da escola.

- Sabe de uma coisa? O *pub* vai fechar.

- Só mais uma coisa. Te contei sobre a forma como o professor conta a história da Sherazade?

- Não, ainda, mas que *bárbaro* resgatar essa história tão antiga. Mas o quê isso tem a ver com a tua dissertação?

- É o poder da palavra. Nós, educadoras, somos “Sherazades da modernidade”.

- E sabem dançar também? (risos)

- Não vivemos no tempo das mil e uma noites. Não sabemos ondular ao sabor da dança do ventre, também não falamos árabe, nem cozinhamos bolinhos de amêndoa. Não somos forçadas a inventar histórias para prolongar nossas vidas. Mas prolongamos nosso viver, de maneira qualitativa, quando nos percebemos

como “contadoras de histórias”. Podemos gostar de imaginar as palavras como se cada uma fosse uma miçanga. Juntar as miçangas, segundo as cores e os tamanhos numa bela pulseira ou, em dias de maior inspiração, em belos colares que formam “histórias”: as nossas, as de nossos alunos. Alguns poderão gostar de ler, outros de escutar, outros ainda, precisarão do toque, do contato, do abraço franco. Educadores podem ser “Sherazades”, encantar pela palavra e promover mudanças em si e nos outros.

- Sabe de uma coisa? Manda-me a tua dissertação. Quero ler o que escreveste. Depois te dou minha opinião.

- Combinado. Mando pra ti, sem problemas. Preciso mostrar urgente pro meu orientador, porque escrevi totalmente fora dos padrões. Ao menos dos padrões da Academia.

2 O PRIMEIRO CAMINHO: O MITO

2.1 Sobre a mitologia grega

É importante, neste capítulo que se fale, de maneira breve, que a Mitologia Grega resulta da fusão das mitologias micênica e dórica, dos primeiros povos que ocuparam a Grécia. Tem suas principais fontes na Teogonia, de Hesíodo, e na Ilíada e na Odisséia, de Homero, escritas no século VIII a.C. Teogonia é a mais completa e importante fonte de mitos sobre a origem e a história dos deuses. Já as narrativas de Homero descrevem os grandes feitos da história grega, nos quais os heróis são ajudados pelos deuses, como na Guerra de Tróia.

Os deuses gregos são divididos em diversos grupos. O mais poderoso é o dos deuses do Olimpo, que se dividem em várias classes. A classe superior é formada por Zeus, governante de todos os deuses; Apolo, deus da música e da poesia; Palas Atena, deusa da sabedoria; Ares, deus da guerra; Hefestos, ferreiro dos deuses; Hermes, mensageiro dos deuses; Posêidon, deus dos terremotos e do oceano; Afrodite, deusa do amor; Ártemis, deusa da caça; Deméter, da agricultura; Hera, irmã e mulher de Zeus; e Héstitia, deusa do fogo. Numa classe inferior estão Hades, irmão de Zeus e deus dos infernos; Dioniso, deus do vinho; Pã, deus das florestas; as ninfas, guardadoras da natureza; e as musas, que representam as artes e as ciências. Os heróis, seres mortais em sua maioria, são tão importantes na mitologia grega quanto os deuses. Os primeiros a surgir são Jasão, Teseu e Édipo. Na Guerra de Tróia destacam-se, entre outros, Agamenon, Menelau e Ulisses (em grego Odisseus). Mas o principal herói grego é Hércules, mais conhecido pelo nome romano, Hércules.

2.2 E por que usar o Mito de Pandora para falar sobre o feminino

O estudo do mito tem a intenção de entender o ser humano no seu íntimo, relacionando a teoria e a prática educacional cotidiana. É necessário deixar bem claro, nesta tentativa de conceituar o mito, que o mesmo não tenha aqui a conotação de fábula, lenda, invenção, ficção, mas a acepção atribuída pelas sociedades arcaicas, as denominadas culturas primitivas, onde mito é relato de um acontecimento ocorrido no tempo primordial, mediante a intervenção de entes sobrenaturais. Em outros termos, mito é o relato de uma história ocorrida nos tempos dos princípios, quando com a interferência de entes sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o cosmo, ou tão somente um fragmento, o comportamento humano. Mito é, pois, a narrativa de uma criação: conta-nos de que modo algo, que não era, começou a ser.

De outro lado, o mito é sempre uma representação coletiva, transmitida de gerações em gerações e que relata uma explicação do mundo. É uma narrativa que se fixa através do homem sensível. Ele expressa o mundo e a realidade humana, mas cuja essência é efetivamente uma representação coletiva, que chegou até nós através dos tempos. Na concepção de Brandão (2002), na medida em que pretende explicar e discutir o mundo e o homem, isto é, a complexidade do real, abre-se uma janela para o não real, o ilógico, o irracional.

A Grécia Arcaica formulou o "Mito de Pandora", relatado por Hesíodo (VII século antes de Cristo) nos versos de *Os trabalhos e os dias*. É a história de uma sedutora mulher cujo étimo Pân = "todo" e dôron = "presente", "dom", indica as dádivas que, por ordem de Zeus, ela recebera dos habitantes do Olimpo após moldada por Hefestos, o ferreiro do panteão helênico.

Pandora, criada para seduzir pelo som da sua voz, pela beleza de sua pele e de seus cabelos, enfim, de seu corpo, *encantou* Epimeteu, o ingênuo irmão do inteligente Prometeu, o qual roubara do céu o fogo do saber para dar aos homens. A fim de vingar-se do violador dos segredos divinos e dos mortais porque aceitaram a faísca do conhecimento, o Pai dos Deuses preparou uma cilada: enviou a Prometeu uma caixa, ou um vaso, contendo desgraças, embora lá dentro persistisse a esperança.

Prometeu - nome já afirma Pro = "antes" + manthánein = "aprender", "saber", "ver", ou seja, "o que vê antes, o que prevê" - advertira o irmão a não receber oferendas dos deuses, pois calamidades recairiam sobre a Terra. Mas Epimeteu - Epi + manthánein, "o que voa em cima", ou "depois" - esqueceu o conselho.

Levada pela curiosidade, Pandora abriu a caixa e as infelicidades se evolaram pelo mundo. Epimeteu se descuidara do aviso e a **maldição recaiu sobre a mulher**.

Hesíodo, no capítulo das Cinco Idades, mostra a decadência das raças até a Idade de Ferro, tempo de miséria e trabalhos vindo do feminino, "um mal tão belo", no dizer do poeta.

Pandora lembra Eva, "a culpada" da queda edênica, que teve por cúmplice, Adão. Ele poderia ter rejeitado a maçã e não o fez. Também Epimeteu, por omissão, partilha da "falta". Porém, na retina misógina dos gregos, a dona de tantos dons tornou-se a fatal vilã.

Felizmente, o mito está sendo relido. E o Senhor do Olimpo não foi de todo perverso ao fornecer uma solução. De fato, a esperança é a última que morre.

Desse modo, mitos e lendas, epopéias e arquétipos permeiam o nosso cotidiano: Prometeus e Ícaros até nos ônibus e nas manchetes, nas instituições educacionais, na pele daqueles que se fazem fortes atrás das suas máscaras e que temem que "Pandoras" espalhem seus saberes, seus poderes e que sua curiosidade a torne senhora de si mesma, na esperança de perpetuar aquilo que realmente se é.

As *manhas* de Pandora, metáfora da argúcia feminina, empregadas a serviço da persuasão, e que tem como conseqüência a perdição de Epimeteu e por metonímia, a degradação da humanidade, serviram, tanto na mitologia [pagã] como na judaico-cristã, para justificar o sofrimento dos mortais, encapando quase sempre certa mentalidade misógina, que responsabiliza o sexo frágil pelos pecados do mundo.

A mitologia cristã reforçou esse traço, na correspondente matriz do mito de Eva, alimentado pela Igreja católica.

Isto posto, desde sempre existe o medo do feminino, do mistério da fecundidade e da maternidade. A mulher tem sido a venenosa enganadora, acusada de haver trazido sobre a terra a infelicidade. E no que se refere à construção da consciência, esta dominação ocupa lugar de destaque na vida pessoal e profissional da mulher, enquanto motor propulsor da performance subjetiva como sujeito social

inserido num processo histórico. Assim, há de se considerar que no processo de construção da consciência (daquilo que somos e daquilo que desejamos ser), há o peso da relação de dominação e de processos alienatórios, em todos os espaços sociais, entre eles, o das relações de gênero e é através deste trabalho que pretendo trazer à tona tais questões ao se pensar educação, gênero e mito, através do mito grego de Pandora.

2.3 O Mito de Pandora

Para ilustrar o Mito de Pandora, a narrativa se encarrega de contar que, antes que o céu e a terra fossem criados, tudo era Um - o Caos. Um grande vazio sem forma onde potencialmente havia a semente de todas as coisas. Tudo era um só: terra, água e ar. A terra não era sólida, nem a água líquida, o ar não era transparente. Eis que os deuses e a natureza começaram a interferir: a terra foi separada da água e, sendo mais pesada, ficou embaixo; a água tomou os lugares mais baixos da terra e a molhou; e o ar, quando se tornou mais puro, ficou no alto, formando o céu onde as estrelas começaram a brilhar. Aos peixes e a alguns outros foi dada a posse do mar, a outros, a terra.

Porém, um animal mais nobre, onde um espírito pudesse ser alojado, tinha que ser feito, e aí surgiu a idéia de se criar o Homem. Esta tarefa coube a Prometeu (aquele que prevê), e seu irmão Epimeteu (aquele que pensa depois ou reflete tardiamente). Eram filhos de Jápeto, que por sua vez era filho de Urano (Céu) e Geia (Terra) e descendiam da primeira geração dos gigantes destronados por Zeus, os Titãs. Eles haviam sido poupados da prisão por não terem lutado contra os deuses na disputa para dividir os territórios.

Para executar sua tarefa, Prometeu sabia que nas entranhas da terra dormiam algumas sementes dos céus. Então, pegando em suas mãos um pouco de terra, molhou-a com a água de um rio e obteve a argila: moldou-a cuidadosamente, até obter a imagem que fosse semelhante à dos deuses. Mas ainda faltava dar vida àquele boneco. Epimeteu havia criado todos os animais, dotando cada um deles com características como a coragem, a força os dentes afiados e as garras. Como o homem foi criado por último, o estoque das qualidades estava reduzido. Então

Prometeu procurou por características boas e más na alma dos animais e colocou-as uma a uma, dentro do peito do homem. E o homem adquiriu vida. No entanto, ainda faltava alguma coisa, algo mais forte: o Sopro Divino. Prometeu tinha uma amiga entre os deuses, Atena, deusa da sabedoria. Esta admirou a obra do filho dos Titãs e insuflou naquela imagem semi-animada, um espírito. E os primeiros seres humanos passaram a caminhar sobre a terra.

Mas eis que o homem saíra das mãos de Prometeu, nu, vulnerável, indefeso, sem armas. Eles não sabiam fazer nada; não tinham o conhecimento de como amolar as pedras para cortar melhor a pele dos animais, não sabiam como pescar, pois não conheciam os meios para tal. Condenados, desde o seu nascimento, os primeiros homens se nutriam de frutas e carne crua. Usavam folhagens para se protegerem do frio, tinham como abrigo grutas escuras e profundas. Podiam ver, mas não percebiam a beleza do azul do céu, podiam comer, mas não sentiam o doce sabor das frutas, podiam escutar, mas não sonhavam com o barulho das cascatas e o som divino do canto dos pássaros.

A esta condição humana, existe uma descrição; A Era do Ouro, onde o homem não precisava fazer nenhum esforço para sobreviver, tudo permanecia intocado, pois não havia necessidade de fortificações, armas ou barcos. Uma Era de Inocência, onde não havia um juiz para julgar ou punir. Depois, a Era de Prata, onde Zeus encurtou a primavera e assolou a terra com o calor e o frio, criando assim, as estações. As casas se tornaram necessárias, a terra deveria ser tratada para produzir frutos e a juventude eterna já não existiria mais. Com a Era do Bronze, os conflitos começaram. Depois veio a Era dos Heróis; nesta época Astréia foi a última deusa a deixar a humanidade. Era deusa da inocência e da pureza e depois de deixar a Terra, foi colocada entre as estrelas na Constelação de Virgem - a Virgem Temis (Justiça) era sua mãe. Depois disso, veio a Era do Ferro onde as discórdias pioraram, pois o crime, a ambição e a violência, reinaram, expulsando a modéstia, a verdade e a honra.

Enquanto isso, na abóbada celeste, reinava Zeus e todos os outros deuses. Ele havia destronado seu pai, Cronos (Tempo), pondo fim à antiga geração dos deuses da qual Prometeu fazia parte. Zeus então voltou sua atenção para a recém-criada humanidade e dela exigia honra e sacrifícios, oferecendo, em troca, sua proteção. Desde que Zeus e seus irmãos começaram a disputar o poder com a

geração dos Titãs, Prometeu, apesar de não ter participado desta guerra, era visto como inimigo e seus amigos mortais, como ameaça constante.

Neste clima de disputa, mortais e imortais se encontram em Mecone (Grécia) para decidir as obrigações e direitos dos seres humanos. Prometeu intercedeu como legítimo advogado de suas criaturas e pediu aos deuses que não cobrassem muito por sua proteção. Neste ponto, Prometeu teve a idéia de pôr a prova o poder e a clarividência de Júpiter. Sacrificou um enorme e belo touro e dividiu-o em duas partes e disse aos deuses do Olimpo que escolhessem uma delas - a outra caberia aos humanos. Antes, porém, em um dos montes, colocou apenas ossos e cobriu-o cuidadosamente com sebo de animal, fazendo-o parecer maior que o outro monte de carne. Assim, Zeus escolheu o monte maior, e ao descobrir que fora enganado por Prometeu, vingou-se dele recusando aos homens o último dos dons para manterem-se vivos: o fogo. Simbolicamente, privou o homem da luz, da consciência.

Sentindo muita pena dos mortais, Prometeu desceu à Terra para ensiná-los a ver as estrelas, a cantar e a escrever. Mostrou como domesticar animais fortes, como poderiam construir barcos e navegar, ensinou-lhes a fazer unguentos e remédios para suas feridas e deu-lhes o dom da Profecia, para que entendessem os sonhos; mostrou-lhes o fundo da Terra e suas riquezas minerais e como fazer da vida algo mais confortável. Por último, ele roubou uma centelha do fogo celeste e a trouxe à terra. Com o fogo, Prometeu ensinou aos homens a arte de trabalhar os metais. Esta seria uma forma de reanimar a inteligência do homem, dando-lhe consciência, e proporcionando-lhe condições para cultivar a terra e defender-se dos animais.

Logo que a primeira semente do fogo do Sol foi utilizada em fogueiras, a humanidade passou a conhecer a felicidade de viver melhor, de comer alimentos menos selvagens, de aquecer-se e receber luz. Mas, em sua alegria imoderada, os homens julgaram-se iguais aos deuses, esquecendo seus deveres para com seus semelhantes. Zeus sentiu-se irado ao ver que o novo brilho que emanava da Terra era do fogo. Sem poder tirar o conhecimento do homem de como obter o fogo, arquitetou um malefício; decidiu punir tanto o ladrão quanto os beneficiados. Entregou Prometeu a Hefesto, seu filho, e a seus seguidores Kratós e Bia (Poder e Violência). Estes o levaram para o deserto de Cítia e lá, prenderam-no com correntes a uma parede de um penhasco na montanha caucasiana. Prometeu preso

à rocha, sem poder dormir, incapaz e fatigado, tinha seu fígado devorado diariamente por uma águia. Porém, como era imortal, suas vísceras refaziam-se à noite, sendo dilacerado novamente no dia seguinte. Sua tortura deveria durar para toda a eternidade, pois as decisões de Zeus eram irrevogáveis e as fazia profetizando que o sofrimento por elas causado, só terminaria quando um homem puro e de bom coração, morresse em seu lugar.

Depois de cerca de trinta mil anos de sofrimento, Hércules passou por ali e viu o exato momento em que a ave divina destroçava o fígado de Prometeu. Lançou imediatamente sobre ela sua flecha mortal e liberou Prometeu das correntes. Os dois seguiram viagem juntos. Mas faltava cumprir com a exigência de Zeus. Quíron, um centauro, antes imortal, aceitou morrer por Prometeu, pois havia sido envenenado por Hidra e certamente morreria. Mesmo assim, o senhor dos deuses obrigou Prometeu a usar um anel com uma pedra incrustada, retirada do Cáucaso, onde este esteve preso. Zeus poderia assim, vangloriar-se dizendo que seu inimigo continuava, desta forma, preso à montanha.

Para castigar o homem, Zeus ordenou a Hefesto (Vulcano), o deus das artes, que modelasse uma mulher semelhante às deusas imortais. Pouco tempo depois, Hefesto apareceu com uma estátua de pedra que retratava uma belíssima e encantadora donzela. Ela era linda, clara como a neve. Atena (Minerva) lhe deu a vida com um sopro e ensinou-lhe a arte da tecelagem, os outros deuses dotaram-na de todos os encantos; Afrodite (Vênus), deu-lhe a beleza, o desejo indomável e os encantos que seriam fatais aos indefesos homens. Apolo conferiu-lhe a voz suave do canto e da música, e Hermes (Mercúrio) deu-lhe a persuasão. Em outras palavras, Hermes deu-lhe graciosa fala, enchendo-lhe o coração de artimanhas, imprudência, ardis, mentira e astúcia. Por tudo isso ela recebeu o nome de Pandora, aquela que possui todos os dons. E da forma mais perfeita e eficaz fez-se o malefício.

Zeus enviou Pandora como presente a Epimeteu (aquele que pensa depois ou reflete tardiamente). Este havia sido avisado por Prometeu para não aceitar nenhum presente dos deuses, mas, encantado com Pandora, desconsiderou as recomendações do irmão. Eis que Pandora chega trazendo um grande vaso (*pithos*), que trouxera do Olimpo, como presente. Pandora abre-o e dele e de dentro, como nuvem negra, escapam todas as maldições e pragas que assolam o planeta; desgraças que até hoje atormentam a humanidade. Pandora ainda tenta fechar a

ânfora divina, e consegue apenas deixar lá no fundo, a esperança; única forma do homem de não sucumbir às dores e aos sofrimentos da vida. Assim, esta narrativa mítica explica a origem dos males surgidos com as peripécias e a astúcia de uma mulher.

3 O SEGUNDO CAMINHO: A REALIDADE A PARTIR DO MITO

3.1 Do lado verde da universidade: o marco inicial para contar a história

Início aqui a narrativa de uma pesquisa pretensamente contada em prosa.

Somos seres duais. Alguns autores falam que somos seres múltiplos. Não discordo, mas quero falar em dualidade: a moeda tem dois lados, o controverso conceito do certo e do errado, o bem e o mal.

Os lados da universidade também são múltiplos, mas é o lado verde que abastece meu lado onírico. Naquele dia - o tal em que eu comecei a pensar na possibilidade de realizar esta pesquisa - a cidade era a própria lucidez; varava a luz por todos os ângulos, por todas as ruas e buracos. De onde eu podia ver e sentir, era o vento que mais avantajava a presença. Era a luz de dez horas da manhã, e eu estava no (meu) lado verde da universidade. Um bem-te-vi rajado trilava, rebordando de brilho e de energia cinética. Passarinho bonito sem exagero.

Eu estava só, sentada sobre o livro que havia levado para ler na tranqüilidade que sempre encontrava naquele lugar. Havia um espaço grande, pessoas caminhavam com seus bonés coloridos e a passos apressados, na tentativa vã de emagrecer um ou dois quilos naquela mesma jornada. Talvez isso nem lhes passasse pela cabeça, mas era o que eu ficava imaginando enquanto os observava. Lá, havia gratidão espontânea em coisas havidas, em coisas que se pensava ou não. Um riso de poder respirar e restaurar pequenos artelhos soltos vicejava no ir e vir das pessoas sobre a pista de caminhada por entre as árvores. Lembrei das palavras do meu filho me pedindo atenção e perguntando quando eu pararia de trabalhar pra ficar com ele. *Nunca*, respondi - me referindo à segunda pergunta. Fui

fuzilada pelo choro e pela pergunta surpreendente pra idade: “*Que tipo de mãe tu é?*”. Paralisada, respondi que eu era o tipo de mãe que toda criança gostaria de ter. Deveria ter respondido que sou o tipo de mãe que às vezes se sente egoísta, cansada, desvalorizada e pouco remunerada. Fui acometida por uma dor, uma culpa e corri pra abraçá-lo, em lágrimas, como se acreditasse que *eu* fosse uma mãe perversa, porque em meio a este conflito diário, algo mais forte me martela em constância absurda: a consciência dizendo que estou certa nas minhas convicções e que não me torno uma pecadora nem imaculada pelos erros ou acerto das minhas escolhas.

Decidi que precisava problematizar tais questões porque elas se materializam nas minhas falas e nas minhas ações. Eu não deixava de ser mulher e mãe ao entrar e sair do portão da escola. Era a mesma, embora as situações me pedissem para me organizar nos papéis que a vida moderna me impunha e impõe a muitas mulheres. Deixei que o sol borbulhasse meu rosto em gotas de suor. Retomei uma página qualquer do livro, mas a liberdade de falar besteiras assomou meu pensamento mergulhado em lembranças boas. Além da distância, o que me separava do *tempo*, eram pessoas de outras épocas, as quais eu não via mais: amigos, amores de infância, professores, conhecidas ou anônimas mulheres em seus papéis de *mulher de marido*, que na minha visão se entregavam a um cárcere privado recompensado em carros, jóias e festas. Mesmo assim, sentia naquele momento uma suave saudade da minha *Alcatraz*, nome pelo qual chamava a cidade pequena de onde eu vim. Mesmo parecendo uma prisão de idéias e vontades, minha cidade tinha louvores e uma paz de terra; simples, como simples o canto convidativo do bem-te-vizinho, ave que me encantava desde criança e pela correria que nos enclaustra a vida moderna, eu havia esquecido de percebê-lo. Pelo menos assim: sentada, livre. Observava a vida naquela manhã, entre um gole d'água e a lembrança. Mais fácil lembrar o feitio das coisas do que querer adivinhar a sua forma aliada ao som, que é subjetivo. Lembrei do tempo em que num parentesco de amizade, tinha amigos, e que nos achávamos responsáveis pelo deslize besta que saía das nossas bocas se alguém nos contestasse um só pensamento, fazendo espumar o canto da mesma boca, ofendidos de toda a raiva. Hoje vejo que as rebarbas agressivas, próprias daquela fase de corpos desajeitados e púberes - que nos deixava as bochechas rubras com facilidade - eram somente um auspício de entendimento. Depois, com o tempo, vem uma invenção pacífica que a paz supre.

Havia novidade nas coisas, mas um modo menos maduro de receber *luz e sombra, chuva e sol*. Era fácil estar entre as pessoas e não precisar pensar sobre isso. A vida da *matureza* exige que olhos e ouvidos fiquem atentos, em sinal de alerta, preparados para atacar ou recuar. Um jogo difícil pra quem acostumou com a simplicidade do abraço, do andar pelas calçadas vazias que vez por outra era atravessada por carros, bicicletas ou transeuntes que geralmente retribuía com sorrisos ou acenos aos meus “ois”. Por aqui a vida é diversa. Existe toda aquela concorrência por um lugar e pelo reconhecimento da tal capacidade intelectual. É uma cidade universitária. Por isso vim, porque queria retomar um tempo desperdiçado em cores imaginárias e fantasiosas, enquanto que mundo real não pode ser visto como preto ou branco, mas no meio-tom representado em cinza. E das lembranças que me ocorrem primeiro, são aquelas que têm cheiro de casa. De casa de avó, de pão feito em fogão à lenha, de leite morno e de mesa grande, daquelas com gavetas pra guardar os talheres, com muita gente em volta, falando e gesticulando, todos ao mesmo tempo, entre beliscões e olhares de reprovação dos tios mais velhos. Minhas avós vêm em seguida, nesse espiral que vai me levando de volta no tempo pra resgatar emoções e compreender melhor o presente. Mulheres fortes, cada uma a seu modo. A avó materna, era pra mim uma santa imaculada. Era a própria Virgem Maria. Tinha no quarto um oratório daqueles antigos, de madeira, repleto de imagem de santos. Quando brincava de Mãe, eu a imitava rezando numa confusa combinação de italiano e espanhol que pra mim parecia um modo de ascender aos céus e se ver *absolvida* de todo e qualquer pecado. Ela não deixava eu passar pela porta da frente que dava acesso ao resto da casa, sem fazer o sinal da cruz. Pra ela, aquilo era um tipo de senha para receber a bênção diária dos céus. Foi resignada. Cuidou do marido que ficou cego e paralítico por vinte e tantos anos, em uma cama hospitalar. Como eu era muito falante, achavam por bem me colocar ao pé da cama quase que diariamente para ler as notícias do jornal local para meu avô e me deixavam sentada, depois do almoço, para fazer companhia aos velhos e escutar novela de rádio. Eu perguntava frequentemente pra minha avó se ao morrer ela viraria uma santinha igual àquelas do oratório. Ela juntava delicadamente minhas mãos às dela e *dizia que se eu rezasse bastante e fosse uma boa menina, ela poderia vir a ser*. Ficava apavorada com tamanha responsabilidade, porque não havia dia em que eu não teimasse. Nunca a vi gritar, chorar de raiva ou comer de maneira deselegante. Era uma *lady*. Tinha os olhos tristes, que a mim pareciam

estar sempre úmidos. Tinha um sorriso terno e contava histórias pra eu dormir. Contava reservadamente, quase sussurrando, sobre um filho que havia perdido ao nascer. Depois largava o ar num suspiro, com se carregasse o peso da morte do filho, como se quisesse ter ido embora no lugar dele. Todos na cidade a admiravam pela *brava* companhia que fazia ao meu avô. Ela não saía de casa. Tinha dificuldade de se expor como se precisasse paradoxalmente mostrar aos outros que se não podia mais ser vista pelo marido, não seria vista por outras pessoas além do núcleo familiar e de alguns amigos maçons que visitavam meu avô. Ela me deixou a certeza da fé em um Ser Supremo que existe em todas as coisas. Da avó paterna guardo uma cena engraçada, embora na hora tenha sido um tanto quanto trágica: já nos seus setenta e tantos anos, insistia em ir ao mercado sozinha, até que um dia, foi atropelada por um motorista de táxi, que desesperado a socorreu chamando-a de “Professora”. Determinada, a vi levantar, sorrir - eu adorava vê-la sorrindo, porque sacudia o corpo todo num riso silencioso em que seus olhos azuis ficavam minúsculos, sorrindo junto com a boca. E como se não bastasse o riso, disse para o homem: *“ainda bem que foste tu. Outro poderia ter me matado”*. Ela tinha um humor desses que a gente pouco via, naquela época, entre as senhoras. Fazia piadinhas *elegantemente* censuráveis das mulheres que se entusiasmavam em achar que roupas, penteados e sapatos novos as fariam mais interessantes. Ela não se submetia a nada que fosse externo a ela mesma. Não se submeteu nem aos avisos do próprio pai de que seu casamento não daria certo com aquele “homem pardo”, com quem ela teimou em se casar e com quem teve sete filhos. Magnânima em sua virilidade, mantinha uma distância saudável das noras a ponto de ser, pra minha mãe, aquilo que ela definia como “melhor sogra do mundo”.

Minha avó Esther (era este o seu nome), fugia à regra. Melhor dizendo, ela tirava dos seus silêncios e do olhar que falava mais do que seus lábios, um jeito único e tranquilo de ser aquilo que *ela desejava ser pra si*. Fazia do sofrimento, lágrimas derramadas em solidão numa cadeira de abrir perto da escada; da alegria, a celebração em almoços familiares em que ela insistentemente mantinha todos os pratos servidos por colheradas exageradas de arroz que ela se orgulhava de fazer de um jeito solto, assim como ela, que sob fogo, mantinha-se inatingível sob uma armadura de mulher forte. Quando decidi sair do casulo claustrofóbico de um relacionamento e vim estudar, ela já estava muito doente em uma cama, mas houve tempo de segurar sua mão e dizer que eu me inspiraria nela para ser uma

educadora e tinha na sua história, um exemplo de fibra e sensibilidade. Ela ainda cantou uma cançãozinha antiga em espanhol que dizia: “*Te espero Juana por la ventana...*”, e poucos dias depois, se foi, atravessando a passos firmes portas e janelas iluminadas. Das mulheres da minha infância, semelhanças e diferenças em Pandoras, Evas, Dianas e Heras. Teve também, aquela que endossou minha primeira transgressão, com pouco mais de nove anos. Uma vez que, por motivos que não vêm ao caso, decidi ir, como se diz, “de mala e cuia” pra casa dela. Uma tia e madrinha viúva, dezoito anos mais velha que minha mãe e que ao casar e se mudar para a zona rural para acompanhar o marido, levou minha mãe, na época com três anos e pouco, para morar com ela. Leitora voraz de Machado de Assis e José de Alencar, me apresentou obras destes autores para que eu apreciasse a Literatura. Gostava de ouvir *Strauss* porque lembrava de quando havia conhecido o marido, em um baile. Era afetuosa, tinha no cheiro uma mescla de canela, cigarro e perfume. Os fatos na minha família se davam de um jeito diferente. Era difícil para as minhas amigas compreenderem que minha mãe chamava a própria irmã de “Tia”. Confusão danada, porque minha mãe é uma irmã mais velha, bem diferente de mim, contrária a todos os meus planos *ousados e além dos limites* da sua compreensão. Pra ela, mulher não bebe, não fica em uma roda com homens opinando sobre política, não anda na garupa de uma motocicleta, não dirige em estradas e, Deus livre todas as mulheres da “boca do povo”. É ingênua. Não se aventurou vencer os medos internos e dar vazão às próprias vontades. Uma pena. É naturalmente bela, não precisa de adornos, mas sofre precipitadamente por toda e qualquer situação que lhe pareça sair do controle. É amorosa à sua maneira e me ensinou a ser responsável e me colocar no lugar do outro, a tal ponto que por vezes acabei - e acabo - esquecendo de mim. Lamento que do lado *feminino viril* tenham morrido vítimas de câncer, do tipo “poemas presos que viram tumores” (BOSE, 2007). Cristãs por formação, se resignaram a perdoar, ajudar e a amar incondicionalmente as pessoas, sem cobrança, sem gerar desconforto ou contrariedades (aos outros). Com exceção da avó materna, todas estas mulheres *eram* professoras. Ao me inspirar naquilo que admirava em cada uma, criei em mim um pedaço delas impresso nas minhas falas, no meu jeito e por fim, nas minhas culpas. Quem sabe elas poderiam ter escolhido outra profissão? Poderiam ter sido apenas donas-de-casa ou terem se esforçado para fazer uma faculdade mais “difícil”. Optaram por motivos diversos. Não sei. Nunca perguntei diretamente isso a elas. Eu sei de mim.

Escolhi a profissão que pode me levar a ser *aquela tal semente de Aristóteles* (risos). Eu precisei me despir das vestes de uma mulher que poderia ter continuado com sua vidinha relativamente boa, numa cidade relativamente boa, ter uma velhice relativamente boa e uma morte relativamente boa. Não arriscaria nada e concluo que morreria de velha, dormindo, numa cama relativamente boa. Mas movida por uma esperança quase palpável uma alegria um tanto ingênua de fazer faculdade e me arriscar, preferi a transgressão ao aniquilamento dos meus projetos, a curiosidade ao enquadramento nos padrões impostos por uma vida que traria, se “bem comportada fosse”, um *amor agropastoril* e a possibilidade de não raro, ser confundida a uma ovelhinha gordinha correndo de uma cerca à outra, sob os gritos e aplausos do *dono*.

3.2 Da universidade à universalidade das coisas do cotidiano

Tenho que escrever até a semana que vem. Dei minha palavra ao meu orientador. Prazo nenhum a partir disso. A perplexidade amedrontada diante do meu amigo de armadura prata, revela-se transparente no olhar de abismo e nos pensamentos que correm pelos fios emaranhados da minha memória. Fico muda. Observo o teclado à minha frente, perdendo-se em perspectiva. “Devo estar ficando louca”, penso. Na verdade estou exausta. Trabalhei desde cedo, e no fim da tarde cheguei irritada em casa: havia latas de lixo jogadas nas calçadas, há muito saqueadas por cães e gatos famintos e por gente à procura de um resto de comida. A realidade da rua torna menos nítidos, os contornos das casas, dos postes - sem iluminação - das praças com fontes esquecidas em limo e sujeira, e que mesmo assim, conservam uma beleza discreta, perceptível a olhos sensíveis. “Anda, procura não pensar nisso”, digo a mim mesma. Tem dias que penso em arriscar passar-me por demente: “*O senhor poderia me informar onde estou?*” “*A que horas lavam a cidade?*” “*O senhor pode levar aquela senhora ali, sentada, que está passando mal, ao hospital?*” Certamente nem responderiam, fugiriam, mas a verdade é que desconhecem “essa rua”, aquela, mais à frente e, também, as que ficam pra trás.

Pego na mão o celular. Busco chamar a uma amiga que, feitas suas escolhas, agora viaja pelo mundo fazendo anotações sobre pessoas e lugares. Sempre gostamos muito de conversar, uma com a outra. Em algumas ocasiões, falamos em código. Recebi, uma vez, um e-mail: *“Terceira vez que substantivo e artigo se encontram no elevador. Substantivo masculino, com aspecto plural, talvez alguns anos bem vividos. Artigo definido feminino singular com maravilhoso predicado nominal; átona, silábica, ao contrário dele, sujeito oculto, com todos os vícios de linguagem. Reticências a parte, sinônimos provocados. Vamos ver no que vai dar o novo índice”*. Era assim, que muitas vezes nos correspondíamos. Muito fácil gostar uma da outra. Era por isso que estava recorrendo a ela, pois o “índice” que eu precisava mostrar e falar era o da minha dissertação de mestrado. Depois de um breve resumo, por telefone, sobre sua última viagem à Grécia, marcamos um encontro.

3.3 O (Re)encontro

Desci do ônibus. Nos abraçamos longamente, perdidas no tempo e na distância que alguns meses nos separaram. Ela estava impecável com aquele ar de mulher segura. Eu, com o cabelo curto, descabelada, carregando sacolas de todos os tamanhos, atrapalhada e com ares de despojamento e modernidade. Exercício restaurador esse, de me sentir e me perceber na própria pele - penso enquanto escrevo.

O lugar que escolhemos era uma mistura de clássico e moderno. Um *pub* pouco barulhento onde as pessoas costumavam ir nos finais de tarde. Na entrada, um segurança nos abordou, pedindo nossos nomes. Subimos, tagarelando. Sentamos, pedi um chope e fui interrompida por um “não” sonoro, que me fez olhar ao redor, morta de vergonha. “Vamos tomar champanhe, sim senhora! Temos que comemorar nosso encontro”. Nem tentei impedi-la, apenas fiz um olhar afirmativo ao garçom que trouxe, dois minutos depois, uma garrafa envolta elegantemente por um pano branco, dentro de uma vasilha prateada.

4 A CAIXA DE PANDORA É ENCONTRADA: E AGORA...?

4.1 Abrindo caixas

A partir dos meus próprios desejos e curiosidade sobre o tema, busquei na memória as informações reunidas ao longo dos anos e me debrucei sobre o tema, dizendo a mim mesma:

“ Aí está tudo o que tenho pensado e registrado até aqui, **sobre escrever, viver, abrir caixas** e ser Pandora. Bom trabalho!”

Pois bem, então é “hora de voltar ao trabalho”. Minha impaciência de hoje denunciava a preocupação em retribuir a “ordem” dada.

Fácil falar, pensei. É como se o processo criativo fosse a própria Caixa de Pandora que cada um guarda dentro de si. E minha busca começou com uma pergunta curta e concreta, que pretende gerar respostas longas e subjetivas, porque no entender desta escriba, não há arte mais abstrata do que a escrita. A pergunta é: como começar a escrever?

Começar. Em princípio, “criar e escrever, é só começar”. Se tudo depende da primeira frase, já tenho uma para entrar neste tema: *as pandoras em mim*, nas inúmeras vezes em que abro caixas e deixo escapar aquilo que se transforma ao sair, ao tomar o rumo do incerto, do imperfeito, do despercebido. E o que resta? Existe absolvição ou castigo para as “Pandoras” que não se limitam em contemplar, e, por curiosidade, insistem em abrir suas “caixas”?

4.2 Escrever e pensar

O sol lá fora já não ilumina a vidraça da pequena sala onde me joga quando preciso pensar e dividir com o teclado minhas percepções internas. Minha amiga marcou vir aqui às seis.

Toca a campainha; é ela, atrasada e inquieta, que rompe o silêncio da sala.

- Ainda sentada aí, pensando? Estamos atrasadas, vai apressando porque o pessoal não espera, eles começam cedo a tal sessão de cinema, lá na Cooperativa dos Estudantes, único lugar onde se pode assistir filmes, depois que acabaram com os cinemas da cidade.

- E ainda dá pra aprender muito, porque eles comentam os filmes. Mas não posso e não vou. Apareceu de repente uma súbita vontade de escrever e prefiro ficar.

- É mesmo? Isso é bom. Mas como acontece?

- Veio assim, por livre e espontânea pressão - a *pressão* do tempo pra entregar a dissertação.

- E não vais escrever direto no micro?

- Não. E não importa se é antiquado, eu gosto do cheiro do papel, da tinta, do deslizar da esferográfica, do desenhar das palavras. Depois sim, passo tudo, todas as informações ao “amigo prata”.

- Bem, desde que escrevas [...] acredito que escrever no papel ou no computador vai ser um detalhe. O que importa é que vais, enfim, *abrir a caixa*.

- É, e isso tem que ser antes que aqueles “olhos” do meu professor se transformem em “círculos de fogo”, que me fuzilarão se eu não cumprir minha tarefa de escrever, no prazo.

- É isso é verdade! Mas voltando à vontade [...] O que a faz surgir, é, até mesmo pra mim, mistério. Um desabafo, um gesto, uma expressão, uma frase faz com que nos assaltem idéias e nasçam palavras com alma.

- E eu, muitas vezes, só consigo dar o título no fim, porque no início, tenho uma idéia, que desencadeia outra e [...] nasce sempre algo diferente. Depois da tarde da minha qualificação, sentei-me em frente ao computador e as idéias não saíam, as frases não surgiam e passei a dizer: não consigo e..

- E, pelo que vejo, ouviste minha frase [...].

- Tu disseste que eu **seria capaz** e que o texto tomaria vida. Assim espero!

- Quem sabe se ainda não saibas criar de outra forma e no teu “processo criativo”, os cenários e as falas se desviem da idéia principal. Outras vezes, vejo que vais ao sabor da pena e acabas por escrever um texto como se alguém o ditasse e só depois tomasses consciência de que tu mesma o escreveste.

-Será falta de disciplina ou será esse o meu “processo”?

- Um pouco de cada coisa. O que deves fazer agora, é colocar a vida em palavras e evocar Platão pra te ajudar nessa tarefa.

O tom de brincadeira e a verdade da sentença me levaram a confessar:

- Quase dois meses se passaram. Voltei a escrever, não pelo simples fato de gostar dessa forma de linguagem, mas porque enfrentei “tempestades” e vi o caos se instalar dentro de mim. Quero tornar híbrida a idéia de integrar minha pesquisa aos textos sobre o cotidiano pessoal, à história de vida dos professores, com a responsabilidade de integrar naquilo que busco, algo importante e útil à Educação. Sinto-me um pouco aquela *professorinha* de dezessete anos atrás que descobriu com o tempo que palavras são mais que letras juntas e que carregam um peso enorme com sentimentos, em cada sentença, se assim tiver, sabedoria de expressão.

- É, faz sentido [...].

- “As coisas mais bonitas são as mais simples”, é a frase que mais lembro quando me vejo naquela tarde fatídica em frente à banca, na minha “Qualificação de dissertação”. Senti-me a própria Pandora ao abrir aquele *laptop* e deixar sair uma confusão de palavras entre meus saberes e meus limites.

- Nietzsche estava ali, com certeza! Em espírito [...]. As tais “estrelas bailarinas” não apareceram: era o próprio caos! Eu lembro!!!!

- Nem brinca com isso! Escrever de forma simples e expor o que realmente importa é meu objetivo. Decidi que vou falar sobre o mito, me utilizando de **Pandora**, como se pudesse visualizá-la abrindo a caixa e, a partir daí, comentar, relacionar e dissertar sobre os “males” que nos atormentam, enquanto mulheres e professoras.

- Hum [...] E quem serão as entrevistadas?

- Eu. Historia Oral. Relato de uma vida; as *pandoras* em mim.

- Bom, mas deves entrevistar outras pessoas além de ti.

-É, vou contatar algumas professoras.

E fui ...

Tomei o ônibus às cinco da manhã, em busca de alguns dados para ajudar na pesquisa.

Enquanto buscava, desajeitadamente os tais cintos de segurança, que nunca funcionam em ônibus, uma lucidez repentina me dizia que eu estava diante daquilo que me proporcionaria outro tipo de descoberta: a lembrança do conteúdo interno das nossas próprias caixas e as situações que vivemos diariamente enquanto profissionais, mães e mulheres. E mais: aquilo que fica, quando achamos que nos perdemos [...].

4.3 Na chegada, um presente

Não havia ninguém me esperando. Primeira vez que participo de uma mesa-redonda sem meu orientador. Um cafezinho e o tradicional pastel com um gosto genuíno que só se come em rodoviária, foi minha refeição. Enquanto mordida o succulento guisado envolto por uma massa caseira e perfumada, lia no jornal, em cima do balcão sobre mais uma tragédia aérea. Na página seguinte, o preço das nossas escolhas flagrado na má gestão de alguns políticos. *Nenhuma notícia boa*. Pensei. E, como se tivesse ouvido minha frase, um senhor de uns setenta e poucos anos, alto, magro, com ares de fidalguia, usava um boné xadrez e me olhava com ares de riso, pela cara de espanto e indignação que eu fazia enquanto folheava as páginas daquele surrado jornal. Será que ele está rindo da situação ou já sabe o que vai acontecer? “Não se pode deixar de ouvir os mais velhos”, era a frase da minha avó quando queria me dizer algo importante. Aproximei-me e perguntei qualquer coisa sobre o tempo. O então desconhecido senhor devolveu a pergunta. Um segundo de silêncio e lhe fiz uma outra: - Sempre faz tanto frio aqui?

- Nessa época do ano, geralmente não era tão frio assim, mas de uns tempos pra cá, em função do aquecimento global, o meio ambiente não suportou e...

- Vejo que o senhor se preocupa com isso. Uma pena que nem todos tenham a idéia da tragicidade.

- Meus alunos costumavam achar que eu era pessimista quando lhes falava nisso - me interrompeu ele, antes que eu conseguisse terminar a frase.

- O senhor é professor?

- É... Fui... Sou... Aposentei-me faz tempo. Era professor de História.

- Interessante. E o que o senhor faz tão cedo aqui, na rodoviária?

- Espero uma remessa de livros que compro mensalmente e os distribuo na periferia, por conta de um projeto antigo, que segue sendo desenvolvido até hoje.

- Ah, e são livros de quê?

- Livros de História, Filosofia, Sociologia, História da Arte... Tenho um grupo que faz leitura dirigida com crianças e adolescentes em situação de risco. Estamos iniciando um projeto no presídio. É novo ainda, mas está tomando forma.

Aquelas palavras, impregnadas de um tom realista e de um entusiasmo quase palpável, me deixaram curiosa por saber quem era o velho homem que me surpreendia a cada frase, como se nosso encontro não tivesse sido mero acaso.

- Falo sobre o comportamento mítico no mundo moderno, disse eu a ele e completei: Para o autor a quem o senhor se referiu... (havia mencionado qualquer coisa sobre Eliade).

- Mircea Eliade. Sim, minha jovem.

- Sim, para ele, determinados aspectos e funções do pensamento mítico são constitutivos do ser humano. No estudo que eu faço, abordo alguns aspectos da mitologia na vida moderna, sem deixar de usar como referência a sociedade grega e a maneira como a mulher vivia e era vista, e procuro salientar que o mito não é em si mesmo uma garantia de bondade nem de moral. A sua função é revelar modelos e fornecer, assim, uma justificação do mundo e da existência humana.

- E é por isso mesmo que o Eliade (falava o homem, com uma intimidade de quem parecia conhecer este autor desde a infância) diz que graças ao mito, surgem idéias de valor, de realidade, de transcendência. O mundo deixa-se apreender enquanto Cosmos perfeitamente articulado, inteligível e significativo.

- É, e basta abrir o jornal, ligar a televisão ou olhar da nossa janela pra que se perceba que o mundo passa por uma crise cultural e ética de dimensões universais. Tornou-se muito claro que a sobrevivência humana não poderá ser assegurada se não se respeitar, por um lado, os ritmos da natureza, como proclama a ecologia, e, por outro, a convivência e o reconhecimento do outro, enquanto sujeito imerso nas suas diversidades.

- Pois é, mas te pergunto, minha cara: Será que nós, humanos, conseguiremos sozinhos, independente do sentimento de pertença às nossas raízes históricas, enfrentar esse desafio à sobrevivência humana?

- Muito provável que a resposta seja não. A crítica que se faz à modernidade é justamente ter confiado à razão, à ciência e à tecnologia, os destinos da humanidade, quando ciência e tecnologia podem ser entendidas como instrumento para a realização do humano, a serviço do humano. É bom que se pense sobre a plena realização do humano, pelo caminho da razão, da “vontade de poder”, como diria Nietzsche (2003), na busca por uma ética racional, fundamento indispensável da liberdade, da autonomia.

- É, concordo contigo. E eu, enquanto em sala de aula, dizia aos meus alunos que a história da humanidade nos ajuda ver, desde as origens, a ética e a religião profundamente entrosadas e que a organização social compreende, ao mesmo tempo, o culto e a submissão. O político é religioso e o religioso, político e daí, a afirmação da soberania se identifica com a soberania dos deuses.

- Li muito sobre isso, inclusive - completei - li que houve na Grécia um momento de luz, em que se tentou a distinção entre a obra e a razão, a filosofia, por conseguinte, também a ética e a religião.

- Ah, minha querida, e foi um momento que até hoje é lembrado, principalmente pelo movimento da luta pela humanização por intermédio das luzes, em oposição às trevas da religião.

(Rimos juntos pelo tom emblemático com que ele se referiu à religião. Decidi ficar ali mais um pouco, talvez tivesse o espaço de uma hora. Não estava longe do lugar onde deveria ir e sabia que os táxis - pouco usados em cidade pequena - estariam à minha disposição).

4.4 Uma questão de curiosidade: um estímulo a continuar investindo no tema

Sentei em um banco na rodoviária, onde sabia que iria encontrar o tal professor à espera de mais uma remessa de livros.

- *Um cappuccino* longo ou curto, me perguntou ele, com aquela voz trêmula que invade a garganta dos velhos.

- Ah, pode ser um longo. Gosto tanto que não faço questão de pequenos copos.

- Gosto da tua sinceridade, me disse.

- Ah, é, mas sinceridade demais beira a falta de educação, completei.
- Por isso deves buscar sempre o bom senso, me advertiu o senhor, que “brindou” aos deuses antes de dar o primeiro gole de café.
- Como nos preocupamos com isso, insisti, em tom sarcástico.
- Com o quê?
- Com a necessidade de inter-relação, da aprovação do outro..Isso pode ser um sinal de que somos limitados e que nos voltamos pro outro.
- Mas vamos pensar juntos, minha querida: Por que haveria o ser humano de buscar no relacionamento com o outro, a plena realização de si mesmo?
- O senhor não acha que seria mais fácil não depender do outro para alcançar a sua essência?
- A ‘necessidade do outro’, como tu mesma disseste, é sinal de que o ser humano é limitado como agente, que está voltado a algo que transcende e, não encontrando em si mesmo o caminho se volta ao outro, porque o desejo de completude é um dos aspectos inerentes à necessidade humana.
- Mas tenho visto Professor... Posso lhe chamar assim?
- Claro que sim!
- Pois é... tenho visto que o relacionamento com o outro tem sido mecânico, puramente material, voltado ao econômico como se fosse comum se intercambiar coisas ou serviços.
- O relacionamento que busca completar-se no outro, passa por um jogo de valores que não podem ser medidos por nenhuma realidade palpável, nem quantificável. São, por isso, valores transcendentais, como o amor, a justiça e a verdade. Eles fundamentam a qualificação ética da ação, eles é que alimentam a liberdade.
- E é isso o que permeia a minha pesquisa. O desejo de desvelar a possibilidade de utilização do mito nas práticas dos professores e saber como e em que medida eles fazem ou podem vir a fazer isso e quais os resultados que se pode obter.
- Vou te fazer uma pergunta acadêmica. Pronta?
- Vejamos se eu vou conseguir respondê-la.
- Eu te pergunto: - Em que proporção uma abordagem assim interfere na formação de valores e na consciência de cidadania e de que maneira essa

compreensão está colocada como pressuposto básico no desenvolvimento do trabalho acerca dos mitos, especialmente os gregos?

- O senhor é exigente mesmo, hein? Mas vou lhe dizer que é exatamente respostas para tais perguntas que estou buscando. Minha pesquisa tem a preocupação de conhecer os professores e de saber da história de cada um deles

- Penso eu que neste sentido, tua idéia da apresentação do mito, no caso o de Pandora, pode ajudar, de certa forma, a rever valores e significados veiculados pelos professores no seu dia-a-dia e, quem sabe, reconhecer se existem possibilidades de ultrapassar condicionamentos impostos pela sociedade. Mas de que forma tu vais fazer isso, te pergunto.

- Eu quero que os professores me contem uma parte importante das suas histórias. Estou indo pra um evento e vou falar, em uma oficina, exatamente sobre o Mito de Pandora. Depois, vou pedir que cada professor escreva algo sobre si, nas inúmeras vezes em que, ao “abrir a caixa”, se deparou com situações adversas. A partir disso, é possível pensar na figura da professora, feminina, mãe, mulher, que atua na sociedade e que se vê fragilizada.

- Espero que consigas.

- Bom, estou em cima da hora, tenho que ir! Obrigada pelo café e pela “aula”.

Despedimos-nos formalmente, mas minha vontade era ficar ali, conversando horas a fio com aquele meu velho novo amigo.

Direto à sala onde eu deveria organizar a oficina. Assim entrei, quase que correndo, em uma sala de aula, onde professores me esperavam com olhares curiosos sobre aquela mulher, de pouco mais de um metro e meio, com duas bolsas à tiracolo, passos rápidos e respiração ofegante.

Apresentei-me enquanto alguém cuidava da parte técnica do recinto, colocando imagens e som, na sala cheia de cadeiras e mesas, onde todos estavam sentados, organizada e formalmente, uns atrás dos outros.

-Um círculo. Vamos fazer um grande círculo. Melhor: um círculo dentro do outro, como um espiral. Assim iniciaremos nossa conversa. Venho falar sobre Mitologia Grega, continuei. E especialmente sobre Pandora. Alguém ouviu falar?

Poucas levantaram timidamente a mão, algumas diziam que haviam ouvido falar mas não sabiam exatamente como explicar.

- Ótimo. Então, conheçamos o Mito de Pandora. Primeiramente, quero frisar que é importante conhecer e reconhecer na mitologia grega a *tragicidade* do humano e levantar considerações que possam contextualizar aquilo que se diz à respeito da unidade e particularidade do sujeito, nesse caso, a mulher, a educadora, a mãe, a provedora e a forma como ela aborda a mitologia enquanto educa e como ela se identifica com os mitos enquanto mulher do século XXI; por isso, o Mito de Pandora serve como uma forma de se pensar sobre isso.

5 COMO A CAIXA PODE SER ABERTA

Este trabalho foi realizado através de pesquisa bibliográfica – livros, artigos, onde procurei subsídios para a argumentação necessária à concretização dos objetivos propostos, de forma a construir um conhecimento mais aprofundado sobre o assunto abordado.

Também foi feita uma pesquisa qualitativa com quatro professoras, com idade entre trinta e quarenta anos que colaboraram relatando experiências vividas através das quais foi possível acompanhar nos seus exercícios de memória, fatos sobre suas vivências, momentos impregnados de sensação de culpa e impotência diante de algumas situações, bem como da atribuição de culpa por outrem por questões étnicas.

A opção pela pesquisa qualitativa foi marcada por atores como as características mencionadas por Chizotti (1991): o mergulho nos sentidos e emoções; o reconhecimento dos atores sociais como sujeitos que produzem conhecimentos e práticas; os resultados como fruto de um trabalho coletivo resultante da dinâmica entre pesquisador e pesquisado; a aceitação de todos os fenômenos como igualmente importantes e preciosos: a constância e a ocasionalidade, a frequência e a interrupção, a fala e o silêncio, as revelações e os ocultamentos, a continuidade e a ruptura, o significado manifesto e o que permanece oculto. Outro elemento importante neste tipo de análise é o fato de que cada entrevista é tomada na sua totalidade, compondo um discurso único e singular.

A pesquisa realizada, de caráter qualitativo, tem como objetivo central, neste trabalho, delinear os contornos da culpa e das relações de poder através da “escuta” dos professores. Optei pela entrevista semi-estruturada, através de um instrumento objetivo de coleta de dados, acompanhado de perguntas eliciadoras do discurso dos entrevistados quanto a aspectos como: as razões da escolha do magistério;

aspectos agradáveis e desagradáveis do trabalho realizado; fatos marcantes ocorridos no ambiente de trabalho; remuneração; relação do trabalho com a vida pessoal, relações de poder nos lugares onde trabalham ou trabalharam, culpa em ter que deixar o filho sob os cuidados de outras pessoas ou culpa em não ter gestado.

E ao longo do discurso das próprias professoras, sujeitos da presente pesquisa, foi possível também sinalizar se houve - ou não - o contato com o mito ao longo da sua formação e ainda, qual o significado ou relação deste, nas suas práticas educacionais, hoje em dia. É importante ressaltar que cada uma das entrevistas foi marcada pela presença da *esperança*, descrita em falas e em atitudes.

Vargas (2005, p.64) explica:

A formação humana do professor na realidade atual, se coloca no sentido do enfrentamento aos grandes sistemas que norteiam a sociedade, como os relacionados às estruturas econômica, temas demográficos ou mentalidade e espaços geográficos. Uma situação para lembrar a *Batalha de Titãs*, onde a vitória é obtida na perspectiva do humano, uma intenção que ilumina a pesquisa, no ritual da memória e da esperança ativa da realidade sensível.

Ao relatar suas histórias, as entrevistadas *abriram suas caixas internas* e dividiram com a entrevistadora, suas angústias, bem como suas alegrias e a possibilidade de deixarem-se levar pela emoção ao recordar fatos. Para salvaguardar a identidade de cada uma delas, foi usado o pseudônimo de Fênix, ave da mitologia grega que tinha o poder de reviver a partir das cinzas. Prefiri usar na proposição de pesquisadora, o pseudônimo de Flor para definir no texto, as *minhas próprias* falas vindas do fundo da minha *caixa interior*, numa mescla de dor e prazer ao me deparar com aquilo que tem me movido até aqui.

Para Verena Alberti (2004, p.25), as entrevistas em História Oral podem ser usadas no estudo da forma como pessoas ou grupo efetuaram e elaboraram experiências, incluindo situações de aprendizado e decisões estratégicas. Ao pensar na trajetória das professoras, a metodologia de História Oral pode ser empregada no estudo da mulher no contexto da sociedade judaico-cristã. Pensar no mito de Pandora como metáfora para falar sobre isso é o início de uma investigação entre indivíduos e grupos de uma sociedade.

Apliquei às respostas (algumas delas) uma variação da metodologia de Análise de Conteúdo, mais especificamente da análise da enunciação. A pesquisa qualitativa não tem, assim, a pretensão de ser representativa no que diz respeito ao aspecto distributivo do fenômeno e se alguma possibilidade de generalização advier da análise realizada, ela somente poderá ser vista e entendida dentro das linhas de demarcação do vasto território das possibilidades.

Bardin (1997, pg.170) diz que a análise da enunciação parte de uma concepção de discurso como palavra em ato, considera a produção da palavra como um processo.

[...] na altura da produção da palavra, é feito um trabalho, é elaborado um sentido e são operadas transformações. O discurso não é transposição transparente de opiniões, de atitudes e de representações que existam de modo cabal antes da passagem à forma languageira. O discurso não é um produto acabado, mas um momento num processo de elaboração, com tudo o que isso comporta de contradições, de incoerências, de imperfeições.

Uma outra preocupação foi a de propiciar aos entrevistados uma situação agradável, de informalidade e “participação” na pesquisa. Haguette (1987, p.141), ao analisar o conceito de participação na perspectiva da pesquisa participante, chama a atenção para o fato de se levar em conta os componentes da pesquisa participante quais sejam o da investigação, o da educação e o da ação. Ela definiu a participação como sendo “uma ação reflexionada em um processo orgânico de mudança cujos protagonistas são os pesquisadores e a população interessada na mudança”.

São muitos os métodos e as técnicas de coleta e análise de dados em uma abordagem qualitativa e, entre eles, a história de vida ocupa lugar de destaque. Através da história de vida pode-se captar o que acontece na intersecção do individual com o social, assim como permite que elementos do presente fundam-se a evocações passadas. Podemos assim, dizer que a vida olhada de forma retrospectiva faculta uma visão total de seu conjunto, e que é o tempo presente que torna possível uma compreensão mais aprofundada do momento passado. É o que, em outras palavras, acrescenta Soares (1994, p. 23) quando discute as articulações entre os conceitos vida e sentido: “Somente a posteriori podem-se imputar, aos retalhos caóticos de vivência, as conexões de sentido que os convertem em ‘experiência’”.

Cabe lembrar que interessa estar ciente dos avanços e recuos, da cronologia própria, e da fantasia e idealização que costumam permear narrativas quando elas envolvem lembranças, memórias e recordações. Faria (1994) adverte que as entrevistas de história de vida trabalham com memória e, portanto, com seletividade, o que faz com que o entrevistado aprofunde determinados assuntos e afaste outros da discussão. Queiroz (1988) coloca a história de vida no quadro amplo da história oral que também inclui depoimentos, entrevistas, biografias, autobiografias. Considera que toda história de vida encerra um conjunto de depoimentos e, embora tenha sido o pesquisador a escolher o tema, a formular as questões ou a esboçar um roteiro temático, é o narrador que decide o que narrar. Isto posto, fica evidenciada na história de vida uma ferramenta valiosa exatamente por se colocar justamente no ponto no qual se cruzam vida individual e contexto social.

Para Vargas (2005, p.53):

A história de vida é um ramo da historiografia que investiga o pensar, o sentir e o agir das narrativas na memória das fontes orais, resignificando através da identidade, subjetividade e singularidade, condutas, valores e comportamentos que estão imbricados nas determinações da sociedade, na cultura.

Para ilustrar o mito, foram tomadas idéias do titânico e sua importância em aspectos da natureza humana. Diante disso, a amplitude do mito através do uso da metodologia da História Oral se faz atual através da possibilidade de inserção do mito de Pandora como tentativa de resgatar a arte de pensar e associar para a concretização de um saber humanizado e científico.

Para Rocha (1986, p. 95), mito é como “uma narrativa através da qual uma sociedade se expressa, indica seus caminhos, discute consigo mesma”. Para o autor, o mito não possui sólidos alicerces de definições. Não possui verdade eterna e é como uma construção que não repousa no solo. O mito flutua. Seu registro é do imaginário. Seu poder é a sensação, a emoção, a dádiva. Para o mesmo autor, a possibilidade intelectual do mito é o prazer da interpretação. E interpretação é jogo, diz ele, e não certeza.

Isto posto, a intenção que permeia desde o início o meu trabalho é justamente tornar possível discutir o humano, o papel da mulher na sociedade moderna através do uso da mitologia grega e após uma breve e cuidadosa apresentação de questões sobre a constituição do sujeito moderno e o uso da

mitologia chegar à noção de interioridade. Com isso, acredito ser possível fazer um resgate daquilo que essencialmente somos: humanos feitos de virtudes e defeitos, de razão e emoção, de corpo e alma. De medo e coragem.

5.2 FONTES ORAIS E TESTEMUNHOS SOBRE A FORMAÇÃO DO SUJEITO

Apresentar e discutir os processos de produção do trabalho dos professores sobre a possibilidade do uso da mitologia - ou não - em sala de aula, afirma a importância da metodologia da História Oral e das narrativas como instrumento de fundamental eficácia para o estudo de processos históricos imersos no tempo.

Na proposição de discutir questões relativas às vivências dos professores relacionadas ao uso da História Oral, busco salientar aspectos que permeiam a compreensão da realidade da complexidade. E para isso, as fontes orais enquanto narrativa daquilo que foi e é vivenciado, permitem estabelecer uma relação entre o imaginário e o real, entre deidades e homens, entre eventos do passado e o real, apresentando a sociedade tal como ela é e de maneira singular, privilegiar a dimensão do vivido, na intenção de mostrar aquilo que é dado a conhecer.

E, neste momento, é importante ressaltar que lutamos contra um tempo em que a ênfase aos conhecimentos científicos e tecnológicos parece desejar – e certamente consiga – colocar em desuso a riqueza de um passado que se tornou inoportuno.

Estas considerações abrem um espaço de inquietação sobre a responsabilidade atual do educador nesse contexto ambíguo, de profundas implicações no campo da memória e das responsabilidades sociais. É possível ainda, discutir e reconhecer na apresentação das análises sobre a modernidade e o passado, as evidências em relação aos contextos sociais e históricos, na construção de uma biografia pessoal (com referência aos professores e precisamente às mulheres), através de uma retomada ao passado sem descartar o presente.

Para João Carlos Tedesco (2004), a memória, perante a história e a cultura, tem profundas implicações das responsabilidades sociais, pois um indivíduo que perde o sentido da relação com o próprio passado, perde também um elemento fundamental da sua própria identidade. Melhor dizendo: perde a capacidade de

perceber sua própria continuidade, de se *reconhecer* no tempo. Para Verena Alberti (p. 28), “vale lembrar que as possibilidades de uso da história oral vão além das atividades de pesquisa e documentação no âmbito das ciências humanas”. A mesma autora vai ainda além quando diz que “uma das principais vantagens da história oral deriva justamente do fascínio vivido”.

Isto posto, as entrevistas permitiram mostrar a força da narrativa e abre uma porta para que se pense sobre em que momentos a entrevista de história oral pode levar para além do conhecimento de mais de uma versão do passado e, com isto, permite que se aprenda algo sobre a realidade.

Não resta dúvida de que outras apresentações opostas às minhas, circulam hoje em dia. Não se trata de discutir o certo ou o errado, mas aquilo que está por trás da simbologia toda. Pretendo discutir e apontar os sintomas que têm produzido culpa repressão e baixa-estima. Insisto em apontar o “peso” em ser professora e mulher quando a linguagem e a forma de apresentação dos saberes são em sua maioria, masculinas.

Para Guacira (1997), que declara ser difícil decidir pela resposta mais adequada ou mais completa e evidencia que a escola é atravessada pelos gêneros e é impossível pensar sobre a instituição sem lançar mão das reflexões sobre as construções sociais e culturais de masculino e feminino.

No entanto, neste trabalho, é imperioso voltar o olhar para a mulher. A mulher constituída professora e feminina que se compreende desprestigiada em uma sociedade em que permanecem, de certo modo, as marcas religiosas da profissão. Daphin (apud GUACIRA, 1997), ilustra que o ofício aberto às mulheres leva a dupla marca do modelo religioso e da metáfora materna: dedicação-disponibilidade-humildade-submissão-abnegação-sacrifício.

E todos esses elementos, frente a uma sociedade que suscita ordenação e regulação - de outros - modos dos sujeitos. Foucault, citado por Guacira (1997), enfatiza que se espera que os indivíduos aprendam a se auto-governar e, para que isso aconteça - ressalta o autor - “é preciso todo um investimento nas crianças e em seus processos de formação”.

E é por aqui, nesta altura do texto, que ressalto a importância da **autogerência**, que é um caminho para a autonomia responsável. Mas não fomos educadas ou formadas pra isso. Em Guacira (1997, p. 99), reforço minha afirmativa:

Professores e professoras - como em qualquer outro grupo social - foram e são objeto de representações. Assim, ao longo do tempo, alinham-se determinadas características, apelam para alguns recursos para falar deles e delas. Essas representações não são, contudo, meras discussões que “refletem” as práticas desses sujeitos; elas são, de fato descrições que os constituem, que os produzem. São representações que produzem sentido, e que constroem o real. Então, volto a falar na mulher professora, vista em diferentes momentos como solteironas, tias, ou gentis normalistas, habilidosas alfabetizadoras, modelos de virtude, trabalhadoras da educação.

Finalmente, do meu interesse e da pretensão de abordar a subjetividade aprendi que atender aos desafios de uma pesquisa é tarefa complexa. Eu não poderia apenas ilustrar capítulos, nesta pesquisa, sobre histórias das mulheres ou fazer um recorte temático, porque é arriscado atender aos desafios epistemológicos ou discutir áreas de domínio de outras disciplinas. Eu estou estreando nisso - penso sempre que escrevo nestas páginas da pesquisa - e escolhi problematizar o cotidiano, os sentimentos, os desejos das mulheres professoras e contextualizá-los usando a metáfora da mitologia grega. E nisso se abastece minha curiosidade e meu empenho em discutir o humano.

Ouvir as professoras pode ser, desta forma, considerada instrumento privilegiado para análise e interpretação, na medida em que incorpora experiências subjetivas mescladas a contextos sociais. Na pesquisa, as *falas* fornecem, portanto, base consistente para o entendimento do componente histórico dos fenômenos individuais, assim como para a compreensão do componente individual dos fenômenos históricos.

A amostra em questão, tem as falas de quatro professores, de idade entre 25 a 40 anos, de escolas públicas e particulares do município de Santa Maria com tempo de magistério no Ensino Fundamental e Médio variável entre 10 e 20 anos.

As categorias de análise do conteúdo das entrevistas foram retiradas dos autores que fundamentaram teoricamente a investigação realizada:

- Sublimação através do trabalho;
- transferência libidinal para a instituição de trabalho;
- Imagem social da mulher professora vista por ela mesma
- Fetichismo;
- Estratégias coletivas de defesa;
- Virilidade;
- Culpa

- Feminização do magistério.

Por tudo isso e para justificar minha vontade em me tornar uma pesquisadora, aponto mais uma vez, a fala de Guacira (2000, p.154): “As características da investigadora (ou investigador) passam a ser tomadas como parte da evidência empírica; elas fazem parte da análise, são consideradas relevantes e podem ajudar a ampliar a compreensão do problema”.

6 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA: ABRIR OU NÃO ABRIR A CAIXA?

6.1 Eu, imersa na pesquisa

O que escrevo aqui é um pouco de mim. Se houver mais quem goste de ler, ficarei contente e se não houver quem goste, vou lamentar. Bem, é difícil agradar a gregos e troianos. Eu deveria me desculpar por isso. A falta de adrenalina e taquicardia faz com que algumas frases sejam pouco emocionantes, bem sei. Mas olho pra trás e vejo que minha vida tem se enriquecido e que o tempo dedicado ao estudo é um misto de acontecimentos que provocam reflexão e exigem serem (des) escritos. No entanto, essa disfarçada apatia que me acomete algumas vezes e que se esconde por trás de desenhos pintados em uma caverna, são símbolos que mais tarde, quando a imaginação precisar buscar, terão se transfigurado em borboletas que por si só justificam sua existência e dispensam explicações ou traduções.

Misrahi (1990, p. 47) traz sua colaboração de maneira inspiradora:

O que sei é que sou um ser em mutação. Sou claridade e sou escuridão. Experimento-me como uma assombrosa revelação e uma misteriosa ocultação. Arranquei as máscaras que inventei para me proteger. Fiquei nua em meio a uma realidade crua. Vesti-me com um floreio de palavras para parecer invencível.

A vida em palavras me traz a visão de um outro mundo: aquele que pode ser construído e constituído *de* e *na* verdade. Surge a possibilidade.

6.2 A possibilidade de pensar e discutir o Mito de Pandora

A partir do Mito já relatado, ficou a expressão “caixa de Pandora”, muito usada no sentido figurado quando se deseja dizer que alguma coisa, sob uma aparente inocência ou beleza, é, na verdade, uma fonte de calamidades. Abrir a caixa de Pandora pode significar que uma ação pequena e bem intencionada carrega a possibilidade de uma avalanche de repercussões negativas. No Mito de Prometeu e de Pandora, a mulher aparece como “um presente” dado aos homens. Semelhante às deusas, ela foi **moldada** em suas feições, recebendo ainda, todos os dons divinos. E foi Hermes quem lhe pôs no coração a perfídia e os discursos enganosos, além da curiosidade.

Desde então, a mulher é considerada a origem de todos os tormentos do homem e, tanto na tradição Grega quanto na Judaico-Cristã, há uma tentativa de transgressão dos limites humanos e é a entidade feminina quem impulsiona o homem para tal ação.

Na narrativa dos Hebreus, a tomada de consciência era oferecida por Eva, que leva o homem ao “pecado” e a visão da mulher é permeada por tal idéia na literatura e na vida comum, expressa em músicas, textos, ou até mesmo nos *outdoors* da modernidade que “enfeitam” as cidades.

Ainda que sejam cometidos exageros, como queimar sutiãs em praça pública ou mostrar que a mulher pode e quer ocupar espaços que somente eram, até pouco tempo privilégio dos homens, há que se pensar sobre aquilo que, desde os tempos dos gregos, como conta o mito, **se pensa** a respeito da mulher.

(Conversamos um pouco e lhes entreguei as folhas onde constavam as perguntas, através das quais eu poderia analisar posteriormente cada resposta (conte sobre algum momento que tenha marcado sua trajetória enquanto aluna ou professora) e marcamos um novo encontro).

6.3 De volta à caixa, de volta à casa

Ao chegar de volta à minha casa, não me contive e escrevi uma carta ao meu orientador, para relatar o encontro com aquele senhor na rodoviária e para reiterar o motivo pelo qual me fascinava tanto o mito grego.

Caro Orientador,

[...]

Admitir a importância da tradição mitológica grega, reconhecendo na tragicidade do humano é (re) atualizar aquilo que é ritualizado, incorporado ao mito, ao segredo da origem de todas as coisas, o sentido de uma ação e uma atenção especial através da referência que se estabelece entre o sagrado e o profano. Estou certa de que meu objetivo em propor um retorno às origens, vai servir como possibilidade de trazer às práticas dos professores o estudo do mito, bem como, relacioná-los com o cotidiano, a partir das *suas* próprias interpretações individuais. Esse retorno às origens é uma viagem filosófica, é a possibilidade de readquirir as forças que jorraram nessas mesmas origens. A finalidade de recuperar um tempo primordial e estruturar o homem na sua contemporaneidade, reiterado ao mito, ao aspecto litúrgico do rito, daquilo que transforma e transborda, da palavra que deve ser lida e não proferida, do subjetivismo aliado à ciência, da experiência sensível, ritualizada. E, enquanto o tempo, que é profano e linear e, por isso irreversível, pode-se se recorrer ao sagrado, ao *ad infinitum*, num processo de reversibilidade capaz de voltar e compreender e se apropriar da virtuosidade de um tempo, num movimento circular, que liberta o homem de um tempo morto, de um presente de inércia, dando-lhe segurança para ser aquilo que ele é: humano, com suas virtudes, suas mazelas, seus sentimentos bons ou ruins.

A modernidade repensada, tem aquilo que o senhor sempre fala nas nossas aulas, que “é um tempo de estado de espírito, de consciência política, de imagens coletivas impregnadas de sentido, de uma pluralidade complexa, de rompimento com ideologias dominadoras, hegemônicas, baseadas no exercício do poder arcaico e desestruturante”. Eu bem sei que o mundo continuará trágico, os conflitos não deixarão de fazer parte do cotidiano, a política, forma profana da religião, continuará irritantemente corrosiva, invasiva, medíocre.

Mas o que tem me movido, caro professor, é encontrar na perspectiva pragmática uma fonte de subjetividade que encontra prazer na felicidade partilhada. E na urgência de se discutir a estruturação de uma nova ética, um vínculo que se conforta pela partilha dos afetos, pelo hedonismo, pelo sentimento de pertencimento ao cosmos e ao outro enquanto sujeito, me torno ainda mais fascinada pelo MITO.

(Com todo o respeito, posso ver daqui seus olhos por cima dos óculos e sua cara de espanto, pensando em quão desconcertada devo ser ou estar.) Rio sozinha da minha própria observação, porque também me assombra a catarse que me causa o desejo de pesquisar, de estudar e de escrever. O senhor lembra, quando em uma aula, nos perguntou sobre o que esperamos que as pessoas pensem sobre nós depois de nossa morte? Pois eu quero que pensem em mim e lembrem do amor, (da não morte, em latim), como bem o senhor nos explicou, porque quero que minhas interrogações, minhas pesquisas, minhas tentativas de desarticular aquilo que, uma vez estabelecido, enfraquece o humano, seja lido, pensado, criticado, discutido e levado às pessoas de forma que lhe seja material, útil em suas proposições, em seus anseios, em seus desassossegos.

O interessante em ler e escrever sobre mitologia, é que acabamos fascinados pela narrativa mitológica, porque de alguma forma reconhecemos nela algo que está intimamente relacionado com a nossa própria história, ou com algo que está no fundo do nosso ser. Um mito pode ser um relato do que se compreende como sendo a história da humanidade como também da nossa própria humanidade, enquanto sujeitos.

Em todo mito, seus personagens estão interligados da mesma forma que nossos conteúdos inconscientes. A tarefa hercúlea está em compreender aquilo que possui múltiplas conexões e desdobramentos. Da mesma forma, acontece com nosso conteúdo interno: é difícil separar o significado de um fato isolado de um contexto geral em nossas vidas. A história de Pandora, “aquela que possui todos os dons”, não foge à regra. É diante disso que eu busco tomar questões onde o pensamento individual possa voltar-se para si, na primeira pessoa do singular e fazê-lo valendo-se de critérios universais e raciocinar como um e com todos, usando o princípio da alteridade. Montaigne era um criador da busca da originalidade de cada pessoa, e aqui, não se trata apenas de uma busca diferente da cartesiana, mas de certo modo, voltada a ela. Ambas voltam ao sujeito e de certa forma procuram ordenar de algum modo essa semelhança e é isso que torna o conflito

entre elas particularmente agudo. A busca cartesiana, de conhecimento claro e distinto em termos universais, que sempre que possível, será à base do controle universal. Assim, como Montaigne, e eu como educadora aspiro afrouxar o grilhão dessas categorias gerais de funcionamento 'normal' e objetivar libertar nossa auto-compreensão movidos pelo peso monumental das interpretações universais, de maneira que a forma da nossa originalidade possa ser vista e compreendida, primeiro, por nós mesmos e respeitada pelos demais.

Um forte abraço.

Claudia Flores

A carta ao meu Orientador, me fez pensar no quanto somos, às vezes, pouco receptivos ao receber pequenos gestos de agradecimento, de valorização das notas lutas pessoais que se tornam meio de ajudar aos outros, mesmo que a gente não saiba disso. Minha carta era um reconhecimento. O reconhecimento daquilo que os discursos, em aula, e a vida, na prática, têm me mostrado. De um mundo possível, sem o romantismo da poesia lírica, mas um mundo poeticamente trágico e penetrável. Senti vontade de dividir com ele a alegria em ter recebido um recado, os ditos *scraps* que a modernidade trouxe e que a virtualidade tratou de aproximar mundos e instantes, pessoas e mitos, alunos e professores.

7 A CAIXA FOI ABERTA: NASCE O CAOS

7.1 O retorno daquilo que eu propusera na oficina e meu fascínio pelo humano: duas boas razões para continuar o meu trabalho

Enquanto aguardava o dia do próximo encontro com os professores, recebi um e-mail:

“... Querida Claudia, absorvi cada palavra da “mesa redonda”, e, não me contive em aguardar nosso próximo encontro. Decidi te mandar um material, que certamente te será útil. Abraço, Márcia”³.

7.1.1 Por que compreender o mito significa reconhecê-lo como fato humano

Todas as grandes civilizações, mediterrâneas ou asiáticas dispõem de mitologias. Poder-se-ia começar pelo estudo do mito nas diversas sociedades, todavia, preferi partir da mitologia grega. Na sua maior parte, os mitos gregos foram contados e, por conseguinte, modificados, articulados, sistematizados, por Hesíodo e Homero, pelos rapsodos e pelos mitógrafos. O mito é, para Mirecea Eliade, uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada em perspectivas múltiplas e complementares. Isto porque, apesar das modificações

³ Nas páginas deste trabalho de pesquisa, o arquivo, tal qual o recebi dessa amiga.

sociais ao longo do tempo, os mitos refletem uma condição primordial e seu papel e função; noutros termos, o mito conta, com graça os feitos dos seres sobrenaturais – no caso do mito grego -, uma realidade passou a existir, quer seja a realidade total, o Cosmos, quer apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. Os mitos mostram a sacralidade das suas obras e descrevem dramáticas eclosões do sagrado no Mundo. Mircea Eliade afirma que é graças a intervenções dos Seres Sobrenaturais que o homem é o que é hoje, um ser mortal, sexuado e cultural.

Importa sublinhar desde já um fato essencial: o mito é considerado uma história sagrada e, portanto, uma história verdadeira, como diz o mesmo autor, “porque se refere a realidades”. Para ele, o mito cosmológico é ‘verdadeiro’ porque a existência do mundo está aí para provar; o mito da origem da morte é também ‘verdadeiro’ porque a mortalidade do homem assim prova-o e assim por diante. Isto posto, pode-se dizer que a função soberana do mito é revelar os modelos exemplares de todos os ritos e de todas as atividades humanas significativas.

7.1.2 Mitologia e estrutura do mito

Nos escritos de Brandão (2002), foram a poesia, a arte figurativa e a literatura erudita, as responsáveis por documentos de cunho profano - tomado aqui no sentido lato -, uma vez que o mito era como suporte nas três artes já mencionadas. Os poetas gregos não obedeciam tão somente a critérios religiosos, mas também a ditames estéticos como exigência intrínseca para a realização de seu trabalho. A tríade ação, tempo e lugar estava presente na tragédia clássica. O mito deslocava-se livremente no tempo e espaço, multiplicando-se através de um número indefinido de episódios. As alterações sofridas pelos mitos gregos não se restringiam a poetas e artistas. Eram aceitos e mantidos, embora reduzidos e criados, alterados para atender às exigências artísticas.

Porém, o pensamento racional, principalmente dos Pré-Socráticos, muitos dos quais tentaram desmitizar ou dessacralizar o mito em nome do *Logos* (a razão), sabiam que na Grécia, como em nenhum outro lugar, o mito inspirava, não somente a poesia épica, mas a tragédia e a comédia, assim como as artes plásticas. A cultura

grega submeteu o mito a uma longa e profunda análise, da qual ele saiu, nas palavras de Mircea Eliade (apud BRANDÃO, 2002), 'radicalmente desmitificado'. O racionalismo Jônico coincide com uma crítica cada vez mais corrosiva da mitologia clássica, expressa nas obras de Homero e Hesíodo.

Na realidade, a crítica dos filósofos jônicos não visava o pensamento mítico, à essência do mito, mas ao comportamento dos deuses e suas atitudes. Em nome de uma idéia cada vez mais elevada de Deus, defendiam que Ele não poderia ser concebido como injusto, vingativo, adúltero e ciumento (atributos do humano). Nas palavras de Homero e Hesíodo, os deuses realizavam tudo o que era vergonhoso para os homens, como trapacear e roubar. O antropofornismo é violentamente censurado na figura dos deuses: como a cavalos, bois, poderiam ser atribuídos corpos humanos?

A idéia de um Deus acima de todos os deuses e homens, cuja forma e pensamento não se assemelha aos mortais, era a idéia defendida por Xenófanes. A crítica racionalista cresce e o mito recebe com Demócrito (520-440 a.C.), um grande golpe. O sistema mecanicista reduz tudo a um entrecchoque de partículas denominadas átomos, cuja necessidade da natureza os fazia moverem-se no vácuo infinito com movimento retilíneo de cima para baixo e com desigual velocidade. Dos entrecchoques atômicos formar-se-iam imensos vórtices ou turbilhões dos quais se originariam os mundos, a alma, os seres, os deuses. Todos sujeitos à morte, uma vez entendidos como matéria.

Dessa forma, é possível dizer que Demócrito lança os deuses vulgares e a mitologia à fantasia popular. Os deuses, tidos como superiores ao homem, que embora igualmente composto de átomos, era, portanto, falível.

Os mitos são a linguagem imagística dos princípios. Traduzem a origem e as relações permanentes da vida. Se o mito é, pois, uma representação coletiva que relata uma explicação do mundo e sua origem, então o que é *mitologia*?

A mitologia, palavra na qual está introduzida o *logos* = matéria de estudo, articula os mitos, estuda sua procedência, seu significado, sua interpretação e oferece informações básicas sobre a origem, a crença e o desenvolvimento sociopolítico de um povo. Todos os povos têm sua mitologia. Em Zacharachis (1995) é possível encontrar - e concordar - com a afirmativa *que a mais bela e rica é a mitologia dos gregos*. O número dos mitos que se incorporam à mitologia grega é imenso e variável desde a era dos povos neolíticos, em que são introduzidos

elementos de Creta, da Palestina, do Egito, da Babilônia e em geral dos povos do Oriente, até o panteão puro dos deuses olímpicos, das musas e das ninfas florestais.

Para melhor compreender o conteúdo dos mitos gregos, o seu significado e sua origem, é fundamental tomar como base sua antiga forma, definindo primeiramente o que vem a ser divindade, o *thion* dos gregos na consciência do homem primitivo. Divindade e mito são, neste caso, noções dependentes entre si e o estudo de uma requer aprofundamento no campo da outra.

O homem, em seu estado primitivo, formou sua sociedade tendo como habitação primeiro as cavernas e mais tarde suas instalações primitivas. Vivia da vegetação e dos frutos naturais, assim como da caça e da pesca. A mulher gerava os filhos e cuidava do ambiente interno e ao homem, cabia garantir a alimentação e proteção diante dos inimigos do ambiente externo. Em Zacarachis (1995), se afirma que o homem mentalmente evoluído sentia de imediato a influência das forças da natureza: a noite, o dia, a lua, o sol, os relâmpagos, os ventos... No meio destas forças o homem colocava o seu “eu”, seu “ego” e procurava se identificar e compreender a vida da natureza à medida que esta influenciava e agia sobre sua existência.

Neste exercício de reconhecimento, o homem conscientizou-se que a terra tinha uma força com o poder de produzir. A chuva era influenciada pela lua, que por sua vez era a responsável pela produção e pela força geradora da vida na terra e, conseqüentemente, da eliminação pela morte. Assim, na concepção greco-helênica nasceram primeiro as divindades cósmicas: a terra, o sol, o oceano, o ar os ventos, as montanhas, as florestas, etc., e depois nasceram as divindades espirituais: a fé, o culto, a paz, a guerra, o amor, a sabedoria, a beleza. Os dois mundos entrecruzados, o da matéria e do intelecto, foi realizado com a intervenção de Eros.

Os seres antropomorfos, divindades personalizadas, tinham pais, irmãos, filhos, moradia, alimentos, paixões, prazeres. Sabiam tudo o que acontecia ou que aconteceria, influenciavam a vida dos homens, eram fortes e belos e não sujeitos à morte. Esta era reservada apenas aos homens, meros mortais.

Interessante é a posição da deusa, nos tempos mais antigos: sua posição era predominante e a dos deuses, suplente; reflexo das condições político-sociais da época. As Titanas eram as de maior importância no domínio e os Titãs exerciam posições secundárias. Urano era apenas um esposo e ainda perturbador da terra. Com o passar do tempo, a posição dos deuses perante as deusas foi se modificando

até a chegada do sistema Olímpio, onde era possível encontrar certa harmonia, com a predominância dos deuses e a supremacia de Zeus.

Na tradição mitológica, os deuses e os homens nasceram da mesma fonte. A Mãe-Terra, após ter gerado os deuses, gerou as ninfas. Os deuses podiam se juntar com pessoas humanas, assim nasciam seus filhos mortais, mas o contrário não podia acontecer: as pessoas humanas não podiam, por sua vontade, juntarem-se aos deuses. Também existia uma criatura intermediária, a ninfa-melia, que podia gerar filhos tanto com os deuses, quanto com os homens. Seus filhos tinham algo de divino, o *thion* dos gregos, e pertenciam a uma classe especial que era a classe dos heróis. E os mitos que se referem a esta classe constituem a mitologia dos heróis.

Através do herói, eram personalizadas as forças morais. Os heróis, como chefes, fundadores de polis, reis de Estado, fundadores de dinastias, destacavam-se pela intenção e pelo propósito de ajudar a sociedade. “Dentro deles existia uma força maior, o divino, comparado à luz e à graça cristã, e por isto as raízes de suas árvores genealógicas chegavam até os deuses” (ZACARACHIS, 1995, p. 97).

7.1.3 O titanismo

Neste parágrafo, comecemos por compartilhar algumas impressões sobre o titanismo, um tempo que pode ser visto como transição entre o homem primitivo e o homem culto, civilizado. Um período durante o qual não existiam nem o ritual, nem o culto do homem primitivo, nem a imaginação antropomórfica bem definida do homem altamente culto e religioso.

Antes de tudo, é importante classificar um pouco o campo mitológico da figura titânica: os Titãs pertencem ao tempo mitológico de Crono, época da primeira e segunda geração dos deuses. Foi o tempo anterior à guerra de Zeus contra seus progenitores titânicos, que originou uma nova ordem, um novo ritual, uma nova cultura.

Sem perder o viés da abordagem ao mundo titânico, podemos presumir que o antropofornismo grego abre a possibilidade de um renascimento da psique também através da poesia grega, como uma maneira de educar a alma através dela, do antropofornismo poético-mitológico do qual o homem ocidental pode extrair

inesgotavelmente aquilo com que se educar e recriar a alma. Retornemos, neste texto, à titanomaquia. Os relatos sobre os titãs são sobre deuses que pertencem a um passado associado com a divindade do sol; eram deuses celestiais, ainda selvagens e não sujeitos a lei alguma, a ordem ou limites.

No discurso de Hesíodo (apud TORRANO, 1995, p. 67):

Assim falou. Aprovaram os deuses doadores de bens a palavra ouvida. Ávido de guerra o ânimo ainda mais, e despertaram o triste combate todos - Deuses e Deusas- naquele dia: Os Deuses titãs. Quantos nasceram de Crono, os que Zeus do Érebo sob a terra lançou a luz, terríveis, poderosos, com bem-armada violência.

No trecho extraído da poesia Titanomaquia, obra de Hesíodo, intitulada Teogonia, existe a possibilidade de reconhecer a busca da vitória e do poder de forma combativa, erguidos numa discórdia atroz. E assim se expressa o poder de Caos; desagregação, violência. Enraizadas nas origens, distinguem-se três linhagens, as três fases cósmicas: a de Caos, que como força de separação se opõe à força de união (Eros); Céu, que como duplo positivo da Terra se opõe ao duplo negativo dela e Tártaro-distante da terra como a terra dista do céu (TORRANO, 1995)

À linhagem de Caos pertencem todas as formas de violência das potências negativas e destrutivas, potências de cisão. O catastrófico momento que constitui a titanomaquia conta com a horrenda batalha entre as forças coligadas por Crono e Os Deuses Olímpios, comandados por Zeus e a dominação de Crono por este, que o lança às profundezas do Tártaro. O Caos é transpassado, envolvido e contido no incêndio divino, onde tudo é um só e vivo fogo que mostra aos inimigos um Zeus consagrado rei, o deus dos deuses.

A tragédia fará então um dos seus temas centrais a reflexão sobre o vínculo entre o agente e ação, caracterizadas por deidades apresentadas pela visão de Hesíodo e seus contemporâneos. Para ele, o mundo não é uma materialidade fundada em uma essência universalmente homogênea, subsistente por si mesma, e entregue às suas próprias leis. Não há, nas diversas partes do cosmo, essa homogeneidade sob os fenômenos. Essa imagem do mundo pode e deve ser discutida na sua complexidade. Mafessoli (1998) preconiza o deixar ver, o fazer pensar e completa, afirmando que “isso pode chocar alguns”; o “julgamento da

existência” é diferente do “juízo de valor”. É preciso conhecimento e sensibilidade teórica para apresentar o mundo como ele é. Isso significa prestar atenção e teorizar sobre as diversas imposições sociais e morais. O dizer sim à vida não significa um otimismo romântico, mas exercitar a sensibilização da razão. Para o mesmo autor, descrever a continuidade na complexidade mantém juntos elementos contrários, até opostos, num mundo observável, orgânico, policultural, em seus diversos sincretismos religiosos e ideológicos. Uma lógica contraditória, onde conflito, desordem e disfunção podem fortalecer seus opostos, na tentativa de acomodá-los e utilizá-los para um possível acréscimo de vitalidade, num processo de repulsão e paixão, amor e ódio, numa sutil alquimia das “afinidades eletivas”, muito bem ditas por Goethe.

7.1.4 A busca de uma expressão social mais original

Distinguir o bem do mal, o sagrado do profano, o verdadeiro do falso está em congruência com a tentativa estética de certo e errado. Mas o que se poderia pensar frente a uma heterogeneização de valores no século XXI? O reconhecimento da beleza ou da tragicidade do mundo não requer supressão do eu. Pelo menos assim é mais possível estar atento aos fatos da vida real, do conhecimento comum e relacionar com o universo simbólico da sociedade.

Embora se tenha que admitir a importância da tradição e da dispersão por migrações, há casos numerosos em que essas imagens pressupõem uma camada psíquica coletiva: é o inconsciente coletivo. Mas por não ser verbal, ou seja, não podendo o inconsciente se manifestar de forma conceitual, verbal, ele o faz através de símbolos, que em grego significa “lançar com”, no sentido de arremessar. Inicialmente, o símbolo era um sinal de reconhecimento: um objeto dividido em partes. O símbolo é, pois a expressão de um conceito de equivalência, de conjunção, de união. Jung (2000) ilustra que os conteúdos do inconsciente pessoal são aquisições da existência individual, ao passo que os conteúdos do inconsciente coletivo são arquétipos que existem sempre *a priori*.

Oriundo do grego primitivo *arkhétypos*, etimologicamente, significa modelo primeiro, idéias inatas. Como conteúdo do inconsciente coletivo, foi empregado pela

primeira vez, por Jung (2000). No mito, esses conteúdos remontam a uma tradição, cuja idade é impossível determinar. Pertencem a um mundo do passado primitivo, cujas exigências espirituais são semelhantes às que se observam entre as culturas primitivas ainda existentes. Normalmente, se distinguem dois tipos de imagens: de *caráter pessoal*; incluídos os sonhos, que remontam a experiências pessoais esquecidas ou reprimidas, que podem ser explicadas pela *anamnese* individual e imagens de *caráter impessoal*; incluídos os sonhos, que não podem ser incorporados à história individual. Correspondem a certos elementos coletivos: são hereditárias.

Nossa sociedade se utiliza do mito como expressão de fantasia, de mentiras: *mitomania*. E nesse contexto, o homem moderno convive com fenômenos distintos e diversos, que influem enormemente em suas ações. O enfrentamento da confusão, da incerteza, e da contradição o torna complexo. E para Morin (2001), a dificuldade do pensamento complexo é justamente enfrentar as adversidades e ter que conviver com a solidariedade dos fenômenos existentes em si mesmo. O pensamento que é complexo, não pode ser linear, não se utiliza de idéias simples, de soluções, mas de problemas, de caos, além de considerar todas as influências, sejam elas internas ou externas. O uno e o múltiplo convivem na constância da ambigüidade, da desordem, elementos que são membros e partícipes do todo. E o todo, ainda em Morin (2001), é uma unidade complexa e não se reduz a mera soma dos elementos que constituem as partes. Assim também pode ser explicada a complexidade do pensamento, do corpo humano, da natureza, da História Universal, do mundo, do mito. O bem e o mal, o feio e o bonito, o esquerdo e o direito, numa convivência ambígua e estimulante, enquanto genuinamente inquieta.

Nesse contexto, é possível, num processo de construção, que fiquem claras as relações e que de uma forma ou de outra, se possam fazer presentes na prática pedagógica fundamentadas por uma epistemologia da complexidade embasada nos mitos gregos, reconhecidos como verdade profunda na nossa mente coletiva e que não podem ser vistos tão somente quanto uma linguagem imagística dos princípios, mas decifrados não apenas quanto aos significantes, isto é, a parte concreta do mito como signo, mas ir além das aparências e buscar-lhe os significados, quer dizer, a parte abstrata, o sentido profundo, fazendo constantes interligações de sujeito-objeto-ambiente.

Uma educação voltada para tais saberes, não cede espaço para conceitos fechados, moralismos ou pensamentos estanques. O conhecimento requer relações de busca, de descoberta, de discussão, de problematização, de apresentação. É uma educação que suporta ir além, que aponta para um caminho que transcende em seus limites e possibilidades. Mas nada será possível se os educadores não iniciarem um processo de reforma de pensamento, e que comece no próprio educador uma busca de renovação de cultivar-se, buscar informações, fazer aquilo que Morin (2001) sugere ao considerar que o professor, individualmente deve ir em busca da formação necessária, partindo do estudo do que ele próprio classifica como novo tipo de ciência: ecologia, ciências da terra e cosmologia. Concordando com o mesmo autor, esse processo é contagiante e ainda que as idéias fiquem bloqueadas algumas vezes por muito tempo, chegará o dia em que elas explodirão e ecoarão.

E as instituições, estariam preparadas para a proposta desse tipo de (re) forma? É provável, que, sim e não. Dedicção, persistência e consciência do ser político que se é podem movimentar não apenas a educação, mas várias áreas da ciência. O desassossego não pode se restringir apenas ao “achismo”. Teorizar significa conhecimento prévio, estudo, discussão, imersão no caos. Como conversar sobre tragédia, sobre mundo real, sobre sentimentos ambíguos inerentes ao humano sem conhecê-lo, ou melhor, sem reconhecê-lo na sua tragicidade, na sua comicidade e nos seus feitos. *“Nunca fomos tão gregos”*.⁴ E como sabê-lo sem buscarmos na historicidade universal um aporte capaz de reformular, de rever nossos pensamentos e refleti-los conscientemente, com autonomia e conhecimento é o mote desta pesquisa.

7.2 A partir da mitologia: (con) viver com os monstros da modernidade

Com o domínio do trovão e do raio, eis que Zeus então destruiu o monstro, fazendo com que seu próprio coração ardesse em chamas. A metáfora do monstro

⁴ Frase proferida em aula durante o mestrado em educação UFSM/2006

pode ser comparada ao cotidiano, às ameaças, tanto externas quanto internas, que sofremos enquanto humanos.

[...] e mesmo depois que os Titãs foram derrotados e esmagados, Zeus não ficou totalmente vitorioso. A terra gerou seu último e mais terrível rebento, uma criatura mais tenebrosa do que qualquer das que até então haviam sido geradas. Seu nome era *Tífon*,
 Um monstro flamejante com cem cabeças
 Que se insurgiu contra todos os deuses
 A morte sibilava por entre suas mandíbulas,
 E seus olhos vertiam labaredas fulgurantes.
 (HESÍODO *apud* TORRANO, 1995, p. 143)

Ao passo que o embrutecimento pode ser visto como alienação, a inveja, o ódio e o descomprometimento com o outro são monstros da convivência, são frutos do humano, demasiado humano, como diria Nietzsche (2003). A subserviência, as relações de poder e o materialismo exacerbado são monstros internos, com os quais convivemos diariamente. Ou nos juntamos a eles, ou, a exemplo de Zeus (ZACARACHIS, 1995), travamos uma batalha e saímos vencedores. A consciência dessa limitação é o primeiro passo para o despertar no sentido de refletir sobre a necessidade de superação da fragmentação mutilante que influencia nossas vidas no aspecto social, cultural e cerebral. Nesses termos, o próprio sujeito torna-se objeto do conhecimento.

Até mesmo as instituições podem ser nocivas, “monstruosas” quando impedem que espíritos desejosos de transformação não possam concretizar seu sonho de (re) forma. Um universo físico pode evoluir através das desordens; ora destruidoras, ora cooperativas. A “monstruosidade” do humano é que pode ser entendida, pode ser posta num processo dialógico e servir de aporte para agir complementarmente nas situações de antagonismo das noções de ordem e desordem. E essa possibilidade está na reformulação do pensamento linear e simplista até chegar à complexidade de um pensamento capaz de considerar todos os aspectos que o compõem. Para essa transformação, Morin (2001) na sua obra, sugere o paradigma da complexidade, que influi sobremaneira a educação, que abrange todas as áreas do conhecimento, todo o tipo de indivíduo, todo o complexo mundo das diferenças no sentir e no agir. Enfim, no ser.

Sob o ponto de vista descritivo, é marca profunda da modernidade a maneira paradoxal pela qual se busca do elemento agregador da felicidade, diante de todos os perigos e disfunções do momento. *Viver intensamente o hoje* é frase que se repete, talvez porque nos sintamos ameaçados, talvez porque seja um sinal de uma concepção trágica da existência, um enfoque no cotidiano, uma espécie de conservação tanto de si, quanto da espécie.

8 DO MITO À REALIDADE: DO CAOS À AMBIGUIDADE EXISTE UMA GRANDE DIFERENÇA

8.1 A amizade enquanto virtude, requer disposição em reconhecer a ambigüidade daquilo que se é

Neste capítulo, agradeço à Márcia, amiga que havia me mandado um rico material para a pesquisa e me fizera um tremendo favor, simplesmente por ser **solidária**.

Como resposta, à sua gentileza, enviei-lhe um texto:

“Amiga querida, fiquei muito contente e comovida com tua atitude, o que não me causa estranhamento, pois estás constantemente empenhada em auxiliar teu próximo. O texto a seguir foi escrito pensando sobre estes valores, sobre a alteridade, o cuidar de si e do outro. É a parte em que Pandora fecha a “caixa”, mas abre a possibilidade de existir lá dentro, a esperança”.

8.2 A diversidade não pressupõe igualdade. Pressupõe alteridade

E lá estava eu, pela terceira vez naquela cidade, sentada na rodoviária, impaciente em encontrar outra vez meu amigo.

Foi preciso tomar dois cafés até que chegasse, como *deduzi*, ser de costume, aquele senhor alto, de cabelos brancos e boné xadrez.

Ao vê-lo, acenei para que me visse e fiz sinal para que sentasse ao meu lado.

- Bom vê-la por aqui, disse meu amigo, com um sorriso terno, típico da *madurez* de quem vive em estado de paz interior.

- Muito melhor pra mim, Professor, pois quero lhe contar o que tem acontecido desde aquela manhã.

Narrei com entusiasmo sobre minha pesquisa e acrescentei que estava à espera dos relatos dos professores.

- Muito bem, minha cara, mas como vais especificar a tua **metodologia**?

- Bom, pra isso, vou tomar como referência primeira, idéias do titânico, sua importância a aspectos da natureza humana. Diante disso, quero discutir a amplitude do Mito de Pandora, fazendo uso da metodologia da História Oral e aí refletir sobre a possibilidade de inserção do mito no universo escolar de crianças de escolas públicas e particulares, como tentativa de resgatar a arte de pensar e fazer associações para um saber humanizado e científico, não sem antes nos submetemos a uma cuidadosa, porém breve apresentação, de questões sobre a constituição do sujeito moderno e o uso da mitologia na noção de interioridade. As professoras vão se sentir como parte pra depois pensar nisso em sala de aula, em como resgatar o mito através dos depoimentos dos alunos. Mas primeiro, minha pesquisa pretende fazer uma viagem pra dentro. Pra dentro de si, ou seja, as professoras se analisarão à luz do mito. Assim, acredito ser possível levantar questões sobre o *titanismo* das convenções da modernidade, sem deixar de usar como contraponto, a mulher, como provedora, educadora e mãe. Para que se compreenda o trabalho realizado em aula, é preciso que se conheça quem o faz. Assim, este processo terá uma etapa de discussões para que os envolvidos falem, sobretudo, de si, usando suas memórias e, posteriormente, falem de seu trabalho, sem perder o fio condutor daquilo que se propõe nesta pesquisa, que é relacionar a realidade à mitologia grega, ao mito de Pandora e integralizá-la à descoberta que constitui, simultaneamente uma significação histórica, filosófica e antropológica do humano. E quero ouvi-las falar sobre culpas. As culpas que a gente carrega e que nos são impostas pela sociedade e muitas vezes, por nós mesmas.

- E tens tanta certeza assim, de que vais conseguir?

- Claro que sim, principalmente porque ao proporcionar aos professores que falem de si e daquilo que os marcou, vou levá-los a se sensibilizarem com o outro,

com o colega, com o aluno. “A vida é uma caixa de surpresas”, escuto desde pequena. Dela saem a toda hora, surpresas boas ou ruins, momentos bons, outros nem tantos, turmas maravilhosas e turmas que nos fazem sofrer, chorar e aprender.

- Acho válido, mas eu estou provocando em ti, esse “pensar”, então me explica melhor, porque a preocupação em através do professor, do Mito de Pandora, chegar ao aluno?

- **Fazer parte do outro: alteridade.** Michel Foucault chama isso de “cuidado de si”, não como retração sobre si mesmo, mas um usufruir amplamente na relação e influir na vida em comunhão com os outros: relações econômicas, de amizade, de cônjuges e, evidentemente, com a natureza. A questão do prazer e do hedonismo em contraposição aos monstros sociais, como por exemplo, o trabalho pelo trabalho, a negação da relevância das relações verdadeiras e afetivas no trabalho, como interação e constituição das equipes, o não negligenciar da importância do fator relacional, como valorização do espírito e numa dimensão imaterial do ser que, mesmo sem negar ao ter, potencializa sua influência na formação da sua identidade.

- E para te ajudar, trago aquilo que para Bauman (2001) é o desencantamento que precisa ser enclausurado e banido; ele supõe um “reencantamento” pelo viés da imagem, do mito, da alegoria, numa função agregadora. A emoção não precisa restringir-se ao privado; os ambientes podem ser afetuosos, sejam eles em casa, na rua ou no trabalho. O vivenciar coletivamente e experienciar momentos de frivolidade, é visto em diversas manifestações, sejam elas musicais, religiosas, esportivas ou políticas. O “vibrar com” cria uma espécie de estar-con-viver-com. São efeitos sociais, são o exemplo da presença de um vínculo tênue e misterioso que nos une. A visão gregária se dá por contágio, ou seja, um exprimir, um experimentar o outro, um deixar-se envolver pelo outro.

- Ah, e nesse sentido, “quem olha e não vê, toca, mas não sente, escuta, mas não ouve, diz, mas não fala [...] deixou de ser humano”⁵ (CUNHA, 2006).

- Durante os anos em que estive em sala de aula, procurei deixar claro que a necessidade orgânica de estar junto, não homogeneiza o ser humano, ao contrário, cada um, independente de ser igualitário, passa a ser indispensável ao todo. Logo, a diversidade não pressupõe igualdade, ela comunica uma multiformidade em que cada pessoa se encaixa justamente pela sua versatilidade. Isso prova uma lucidez,

⁵ Citação proferida em aula, no curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), 1º semestre de 2006.

uma preparação espiritual para pensar, crítica e claramente, sobretudo o que se permite ser experienciado, sorvido, degustado, metaforicamente falando.

- Claro, professor! Eis, pois que a ênfase colocada no mito, no presente, permite lembrar que a imagem é um elemento social importante em sua estruturação, seja ela qual for. Discutir e reconhecer nessas imagens uma potência imaterial, simbólica e útil constitui uma barreira para a não formação de uma ideologia da utilidade dentro de um projeto político-econômico que deseje exercer seu poder sob todas essas coisas que podem ser reunidas e chamadas de “imaginário social”.

- Claro, minha cara! Poderíamos elencar vários exemplos nesse sentido, porém é só lembrar que a imagem não é apenas um suplemento da alma, dispensável, primitivo, mas ela está no próprio cerne da criação. A imagem individual de si mesmo, é refletida igualmente no conjunto social, que se estrutura em função das imagens dele próprio e que podem ser rememoradas regularmente. É o que Bauman (2001) descreve como “forma formante”. E mesmo que não se formule exatamente dessa maneira, um e outro irão viver arquétipos fundadores; sua vitalidade será medida pela fidelidade e esses arquétipos, pois tanto o corpo social quanto o corpo individual tendem a enfraquecer, ou até mesmo desaparecer, até que outras imagens regenerem este corpus em questão.

- Eu mesma, professor, me pergunto por que insistir nessa idéia de re-ligação da imagem, mas acabo por pensar que é justamente porque ela fornece vínculos, relaciona todos os elementos entre si, tudo junto e ao mesmo tempo, por meio de diversas categorias e procedimentos, o imaginário, o simbólico, a imagem, suscita a confiança que permite o reconhecimento de si a partir do reconhecimento do outro, seja ele quem e como for, seja objeto, indivíduo ou idéia.

- Certamente, as histórias humanas, contadas, vividas, rememoradas, mostram esse efeito; mostram, além disso, o papel psíquico da vida social refletido em suas crenças, ritos e sentimentos coletivos. No lugar da separação, há a globalidade, que agrega espaços, restauram fatos, palavras; distingue uma coisa da outra, distingue os fatos individuais e os fatos sociais, assim como os indivíduos entre si, mas nem por isso é perdido o sentimento de pertencimento, a divindade de viver e de estar - junto.

- E quanto à história oral, me explica o motivo pelo qual a defendes?

- **Nas entrevistas, a expressão da memória.** Acho que é a partir daí que a História Oral dá voz aos sujeitos, traz à tona questões e problemas, reconstrói a trajetória passada e dá voz àquilo que ainda não havia sido dito e que não havia sido registrado, e, que muitas vezes, deixa de mostrar toda a sua magnitude e se perde em armários internos, fechados, velados.

- Pra completar teu raciocínio, lembro de Thompson, para quem a evidência oral pode conseguir algo fundamental para a história. Para este autor, a evidência oral transforma “objetos” de estudo em sujeitos e contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira.

- E é nesta perspectiva, professor, que muitas questões serão investigadas e discutidas sobre práticas pedagógicas e formadoras. Consequentemente, que se torna essencial o uso da evidência oral através do relato dos professores.

- E não debes esquecer que, no exercício da ética, o entrevistador, que partilha das experiências dos outros, precisa conferir discricção e seriedade, pois quando uma pessoa se permite conhecer em uma comunicação, nem sempre expressa em palavras aquilo que sente ou pensa. O ir e o voltar nos depoimentos, na história de vida, implicam uma significação ampla, que reconheça as evidências e as referências que situam o entrevistado no quadro mais amplo dos episódios sociais, econômicos e políticos. Sendo identificado o encadeamento desses episódios em relação às suas práticas, elabora-se um contexto de leitura para se chegar à compreensão da intenção da pesquisa e a quem os depoimentos querem se referir. Finalmente, sem essa percepção, não pode existir sem comprometimento.

O sujeito, sua história, sua memória, não podem ser resumidos a um tempo presente, apenas. É possível concordar, aqui, com Tedesco (2003) que preconiza que a memória histórica e a memória política fazem reconstruir responsabilidades. Enquanto mundo, enquanto seres complexos, não podemos apontar, como problema a enfrentar, o declínio da memória coletiva e a pouca consciência do nosso passado, mas a distorção e menos importância que talvez se dê aos testemunhos históricos e a invenção de um passado mítico construído para dar significação e mostrar o humano, o real ou imaginário, o sagrado e o profano.

- É, acho que sob este prisma, talvez seja possível correlatar um cenário cujo fio tênue entre passado e presente, indicam maneiras de abordar e buscar subsídios para tematizar e teorizar sobre os mitos e as práticas dos professores no estudo que proponho, elaborando primeiro, um “olhar pra si”, um “contar histórias de

dentro”, a partir das histórias dos professores para que se inspire a usar o mito como forma de discutir o sujeito. E histórias que tenham sido marcadas pela culpabilidade que a gente carrega em ficar o tempo inteiro se questionando se estamos sendo boas mães, boas esposas, boas profissionais. Temos que ficar no equilíbrio de tudo isso, mas quem consegue? Salário baixo, crise nos relacionamentos, a mídia fazendo força pra padronizar a beleza. É uma porção de coisa.

9 AGORA SEI! ... SEI QUE NADA SEI

9.1 A leitura das entrevistas

As *entrevistadas*, todas elas, professoras, mulheres, receberam, nesta entrevista, o pseudônimo de **Fênix**, ave da mitologia grega que ilustra a capacidade de regeneração dos seres vivos. Fênix era como uma grande águia colorida. Alimentava-se com incenso e raízes perfumadas. Antes de morrer construía um ninho em forma de pira com cinamomo, nardo e mirra. Deitava-se no ninho perfumado e deixava-se arder pelo sol. Das cinzas, surgia então uma nova e bela ave capaz de alçar vôos ainda mais altos.

O quadro abaixo ilustra, com recortes, os discursos obtidos nas entrevistas, uma parte importante dos resultados da pesquisa. As “histórias de dentro” foi uma maneira de expressar aquilo que estava guardado, como em caixas dentro de si e que são dispostas a seguir.

CATEGORIAS DE ANÁLISE	TRECHOS DAS ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES
• sublimação através do trabalho	<p><i>“Magistério é ideal, é sacerdócio... acho uma coisa muito de doação, mesmo, ter esta profissão”. (E. 4)</i></p> <p><i>“Saí da Escola Normal achando que tinha abraçado uma vocação sublime. Hoje em dia, depois de anos de trabalho, esta idéia já tá meio fora de moda. Mas no fundo, no fundo [...] ela ainda está lá. Agora que tô nessa... vai...”. (E. 3).</i></p>

<ul style="list-style-type: none"> • transferência libidinal para a instituição de trabalho 	<p><i>“Eu me sinto um pouco mãe deles (os alunos)”. Eles precisam muito de ajuda. Tem criança que não recebe carinho dos pais. Eu não sei [...] eu não tenho filhos e pra mim todos são meus filhotes. Amooo todos. (E. 3)</i></p> <p><i>“Quando eu chego à escola, me sinto feliz, me sinto cheia de energia. A Diretora é grosseira. Quando quer, dá bom dia [...] depende do humor, mas eu já aprendi a lidar com isso”. (E. 01)</i></p>
<ul style="list-style-type: none"> • Imagem social da professora/mulher vista por ela mesma 	<p><i>“Eu trabalho em uma escola de alto padrão econômico. Quando vejo o meu salário e penso nas mães “dondocas” que levam os filhos à escola, depois vão tomar mate na casa das amigas [...] não fazem nada [...] e ainda fazem a professora se sentir culpada quando as crianças não aprendem. Mas, elas não dão atenção pros filhos, não admitem isso e as crianças muitas vezes fazem birra pra chamar atenção. Elas querem que a professora dê um jeito de depositar o conteúdo na criança. Claro, depois os maridos cobram isso delas, como elas próprias dizem e elas cobram de quem? Da professora que fica se sentindo mal porque fulaninho não gostou da aula ou porque achou a professora muito braba, muito exigente, muito chata”. (E.1)</i></p> <p><i>“Claro, né [...] que eu queria andar poderosa com o cabelo lisinho e de silicone (risos), plataforma e tudo mais. Quando vou comprar uma coisa fora do orçamento, fico me sentindo culpada, gastando, me dando uns luxos de mulherzinha, sabe? Coisa que eu nem preciso [...] ou preciso? Não sei [...] Me dá remorso depois. Não que eu não goste (risos), mas uma professora andar de salto alto, batonzito [...]. Ah, vamo combiná, né? Ou é professora ou é [...]. E daí, será que vão nos dar aumento? Minha filha, vão dizer que se a gente anda toda bonitinha, não precisa de aumento coisa nenhuma. É dureza ser mulher, viu”. (risos) (E.2)</i></p> <p><i>“Esse pouquinho que a gente recebe no final do mês não paga o desgaste emocional. É a saúde da gente em jogo. Mãe reclamando, achando que tu tem que educar os filhos delas. E se a criança tem dificuldade? Ah, a Direção dá um jeito de te dizer que tu é que tem que dar um fim nisso. Vai ensinar ou rua! Como é que o professor pode se atualizar, se não dá pra participar de cursos? Comprar livro? Bah, nem pensar! Tenho é que pagar tanta coisa [...] não sobra. Eu queria fazer o mestrado, mas de que jeito? Não tenho condições. Não tenho!” (E.4)</i></p>
<ul style="list-style-type: none"> • fetichismo; 	<p><i>“Tu acha que se eu fosse magérrima e tudo no lugar, não iam gostar da minha matéria? Ah, claro que iam [...]. Olha, eu sou mais do que cheinha, fora de contexto pros alunos</i></p>

	<p>porque tenho que me cuidar pra não deixar essa minha exuberância (risos) digamos assim [...] tomar o espaço (risos). Claro que eu sei que se eu fosse uma Big Brother iam fazer filas pra serem meus alunos. Mas eu imagino um dia ser assim, um pouco global e ser tratada por todos: direção, alunos e pais, com mais carinho [...] mais respeito (olhos marejados)". (E. 4)</p> <p>"Eu queria nas férias ir para um desses hoteizinhos e ficar um mês sem fazê nada, de biquíni, na piscina, sauna, ar condicionado [...] E na volta, entra eu, em uma sala com ar condicionado, frigobar [...] (risos). Ou então, esquecer a sala de aula e fazer uma outra coisa. Fazer o curso que eu sempre quis fazer, mas daí meu pai morreu e eu tive que trabalhá, sabe. [...]. Bah, por mim eu queria ter feito medicina. Até tentei, mas em seguida tive que ajudar em casa. Eu tinha dezenove anos. Daí fui pro magistério". (E. 3)</p>
<ul style="list-style-type: none"> • estratégias de defesa; 	<p>"De vez em quando o pessoal do Sindicato aparece lá na escola. Isso já não [...] sei lá [...] assim [...] já não bate como antes batia no professorado, assim [...] como vou te dizer [...] aquilo de o sindicato tá brigando pela gente, sabe. [...]. Quem vai tá se arriscando? A escola não gosta, né [...] do sindicato. Vou eu ficar marcada? Bem capaz ! Fico só ouvindo...". (E. 2)</p> <p>"Atualmente eu faço o mínimo necessário. Entro, dou a minha aula, procuro não dar opinião. Claro, porque com esse meu jeito estourado, dá as confusão e quem leva a culpa? A bocuda, aqui! (risos)". (E. 3)</p> <p>"Eu chorava no banheiro. Ficava quieta, mas saía com os olhos inchados. Muito triste, porque eu me sentia mal em não conseguir ser tão mal-educada quanto aquelas pessoas que beiravam à grossura com um jeito de chefe-manda. Claro que chefes mandam, têm a responsabilidade de organizar a equipe, mas daí a achar que as pessoas têm que dizer o que eles querem ouvir, é diferente. Mas eu estou trabalhando isso dentro de mim: de argumentar sem precisar chorar. Acho que fui criada pra ser condescendente com tudo e com todos, daí se eu sou mais dura, me sinto mal, me sinto grosseira, como se isso me desvinculasse da minha feminilidade". (E. 1)</p>
<ul style="list-style-type: none"> • virilidade; 	<p>"Eu sei o quanto passei pra chegar a uma faculdade. Agora chego à sala de aula e vem um guri mimado, sem respeito com aquele jeito de guri que merece umas [...], querendo me desafiar? Ah, comigo não tem. Paguei alto o preço por não dar o braço a torcer. Pára [...] eu sou uma pessoa de carne e osso. O que estes pais estão pensando? Criam os filhos pra</p>

	<p><i>desafiar a professora?” (E. 4)</i></p> <p><i>“Quando me disseram que eu estava com jeitinho (e foram irônicos) da gente da universidade que na teoria sabe e na prática não entende nada, pensei: o que eu estou fazendo aqui, meu Deus, no meio dessa gente que quer me moldar do jeito deles e tirar a minha dignidade me fazendo concordar com coisas absurdas com as quais eu não concordo? Me senti um lixo, porque o chefe, com rispidez na voz, encerrou a reunião e me mandou sair da sala porque eu expus minhas idéias, que eram totalmente contrárias às dele, porque o que ele diz ninguém pode ir contra... Eu saí, mas quando voltei do banheiro com a cara inchada de tanto chorar eu disse: obrigada pela oportunidade de eu ter trabalhado aqui, mas pra mim chega.Me senti bem. Tinha declarado minha resistência”. (E. 1)</i></p>
<ul style="list-style-type: none"> • culpa docente; 	<p><i>“Quando a minha colega abriu a roupa e mostrou que era verdade, que ela estava doente, vi nos olhos deles (dos diretores) uma coisa tipo viu, quem mandou nascer mulher?” (E.3)</i></p> <p><i>“Coisa mais horrível quando todo mundo me olhou, quando a minha própria colega me olhou e me apontou como culpada. Eu? Eu só dei uma sugestão pra ajudar. Ela tinha era que pegar a única negra da escola pra ser bode expiatório. E eu fui, né...”. (E.2)</i></p> <p><i>“Olha, eu nunca pensei em filho [...] porque em escola particular tu fica com medo. Passa aquele período da licença e te mandam embora.Quase sempre é assim.Claro que não posso dizer né[...] que é sempre, mas sabe[...] Então preferi não arriscar. Por isso os meus alunos são os meus filhos (risos)!” . (E. 4)</i></p> <p><i>“Ah, pra ter filho eu sei que vai ser complicado. A gente tem que abrir mão de um monte de coisa [...] além disso, tem que pagar alguém pra cuidar do teu filho e ainda receber críticas quando ta faltando alguma coisa em casa: desde sabonete até a maçaneta da porta que fica estragada”. (E.3)</i></p>
<ul style="list-style-type: none"> • feminização do magistério 	<p><i>“Na escola é aquele mulherio, muita fofoca, principalmente na sala dos professores. Além disso, é só aquele papinho chato: filho, marido, novela, sogra [...] ai, olha, dá nojo. E aquela montoeira de [...] ai. daqueles livretinho de Avon, Natura [...] né? (risos)”. (E. 3)</i></p> <p><i>“Acho mesmo que essa questão de baixo salário é pelo fato do Magistério ser visto ainda como uma profissão pra mulher. E pro povão [...] minha nossa [...] mulher é fraca, frágil e não pode deixar de ser dona-de-casa, nem que</i></p>

	<p><i>queira com todas as forças (risos). Te digo [...] é muito desvalorizada, eu sei. Por isso não penso em ter filho logo. Quero continuar estudando pra provar que a gente pode. Eu sou negra, e por isso tenho mais vontade de mostrar isso, porque as oportunidades são sempre menores. Eu fui criada [...] eu e meus irmãos a ter orgulho de nós. A gente vive num país [...] bah! [...] Olha a mídia! Recém é que estão fazendo bonecas com outra cor de pele e de cabelo. Entende? O pessoal desvaloriza um pouco, sabe?” (E.2)</i></p>
--	---

Quadro 1 – Categorias de análise e fragmentos das falas das entrevistadas

1 Entrevistada: Fênix I

Sobre fatos que marcaram sua vida em relação à sua formação ou depois disso:

Primeiro fato que eu quero falar, foi quando uma amiga minha apresentou uma doença. A gente trabalhava num colégio confessional e duvidaram dela, duvidaram do fato dela estar doente e ela [...] com ACIT, chegou ao colégio e abriu a roupa, mostrou pro diretor [...]. Era água dentro da barriga eu não sei bem o local, mas ela teve um inchaço muito grande e devido a isso ela teve que mostrar pra provar realmente ela estava doente. E aí descobriram uma doença no fígado, era um caso de doença auto-imune, não era contagiosa, mas [...] devido ao problema do fígado, deu a cirrose. Por não acreditar nela, por ser um colégio confessional, isso me deixou muito abalada, tá. Parecia que ela tinha culpa em ser mulher e ter adoecido. Uma coisa que dói, lembrar. Hoje ela está aposentada por invalidez, de tão grave que foi a doença.

O outro fato foi quando eu saí da escola e os pais queriam fazer um abaixo-assinado pra que eu voltasse. E aí eu disse que pelo menos isso é um fato que foi bom. Por que eles queriam que eu voltasse? Porque eles me consideravam uma boa profissional, uma ótima profissional e queriam fazer o abaixo-assinado pra que eu voltasse. Eu não aceitei porque como eles (escola) tinham me demitido [...] a gente também tem o orgulho, né? E foi o que fez com que eu não aceitasse aquilo ali. Então, são coisas assim que na nossa vida profissional acontecem: coisas boas e

coisas ruins. Tem pais que nos admiram profissionalmente e outros que nos deixam lá no chão, né? Então é uma coisa assim. São dois fatos que me marcaram muito.

Sobre o uso da mitologia:

Quando eu trabalhei nessa escola mesmo, a gente tinha filosofia e eu tinha que elaborar o material e eu colocava muito essa coisa do dia-a-dia e questionava as crianças. E uma das causas de eu sair dessa escola é porque meus alunos eram questionadores e uma das coisas que eles questionaram foi por que os grandes (alunos maiores) tinham som na hora do recreio e eles não tinham som. Daí eu falei pra eles irem à Direção e questionar. Eu trabalhei muito a parte assim [...] ãh [...] é que eles trabalhavam assim [...]. Era um conto [...] e nisso tinha muito a parte indígena e na parte indígena tu trabalha muito a parte da filosofia no indígena, teu dia-a-dia, né? Transportando pro teu dia-a-dia. Então foi um trabalho assim, ó [...] uma das coisas também que eu falava e que eu lembro [...] sobre a morte, a diferença que nós temos da morte e que os indígenas têm. Então isso foi trabalhado na parte da filosofia. Não era só na indígena, mas em todas, mesmo assim Aristóteles foi trabalhado, Sócrates também, mas o livro que eles tinham [...] Assim, é que não tem uma coisa agora que eu associe e que tenha sido da *metodologia* grega. A gente nunca enfoca uma *metodologia*, né? Acho que é até mesmo a questão da falta de estudo. Estudar mais pra trabalhar com as crianças e tudo. Na época, quando eu trabalhava com a parte da filosofia até que a gente estudava mais. Faz quatro anos que eu saí e nunca mais toquei no assunto, nunca mais [...] a gente perde muita coisa.

2 Entrevistada: Fênix II

Bom, então vou te falar assim [...] que um fato que me marcou, desde que eu comecei a estudar, na 1ª série, foi a dificuldade que eu tive em me alfabetizar. Então essa dificuldade me fez ter a vontade de ser uma alfabetizadora. E daí, a partir do momento em que eu terminei o primeiro grau, eu já tinha em mente que eu queria fazer o magistério e já comecei a preparar todos os trabalhos que eu queria

fazer em alfabetização porque eu queria entender e compreender o porquê daquela dificuldade toda que eu tinha [...] e até hoje eu trabalho com alfabetização, já faz vinte anos, em classes diferentes, e eu sempre me comparo com as crianças quando vejo que elas estão com dificuldades em sala de aula. Esse é um fato que é ambíguo, eu acho, porque ele pode ter sido um fato ruim, no início, e isso foi difícil pra mim, porque eu não compreendia a alfabetização e eu via meus colegas lendo e escrevendo, mas foi um fato ruim que se transformou numa coisa boa, porque foi uma vontade que me fez descobrir o que era e como acontecia a alfabetização. Eu acho que hoje em dia, por eu ser uma alfabetizadora e porque eu tenho que me dedicar tanto assim com carinho com as crianças e não trabalhar só o lado da alfabetização mas o lado pessoal [...] é o carinho que eu vejo, que eu sinto das mães com a minha pessoa, das crianças por serem receptivas. Tenho crianças que foram minhas alunas no Pré, depois na 4ª série e sempre com aquele mesmo carinho. Então eu acho que isso é um fato bom, marcante, que faz com que a gente fique com mais vontade de continuar fazendo esse trabalho não só na área de construção da aprendizagem, mas também na área pessoal de cada um.

Observação: Depois de encerrada a entrevista, a professora pediu para agregar o que segue:

Eu quero falar que o meu desejo nasceu da mágoa. Da mágoa que eu senti por ter sido assim tão pouco aceita em sala de aula. (olhos marejados)

[...] Porque eu vim do interior pra morar na cidade e eu tinha dois irmãos que eram mais velhos que também vieram junto comigo. Eu senti que a gente era discriminada, porque a gente vinha do interior e as outras crianças já tinham assim, uma vivência maior e tudo mais e eu não tinha vivência nenhuma. Então eu me sentia de lado na sala de aula, eu via que a professora não tinha carinho em tentar me ajudar, em tentar me explicar pra eu compreender. Eu me sentia de lado, sem saber fazer nada. Quando meus colegas faziam leitura em grupo, eu fingia que estava lendo pra tentar acompanhar a turma, mas eu não conseguia fazer. [...] Então, na verdade tudo isso, o fato de eu vir a ser professora e tratar as crianças com muito respeito, foi o que eu colhi lá, naquela época, quando a minha professora não teve isso comigo. Eu transformei a minha dor numa coisa boa e que não

passasse adiante pras crianças essa sensação de não saber, de ser um problema ou de ser diferente porque tu não sabes.

Sobre o uso da mitologia:

Não. Assim, diretamente, não. Olha, assim, nas histórias que a gente lê, mas nada muito profundo que seja uma interdisciplinaridade que dê pra usar com as crianças no ensino fundamental na fase inicial. Nunca usei a mitologia grega, nenhuma atuação, mas eu achei muito bom usar a Pandora (risos), porque não sei assim [...] sobre ela [...] já ouvi falar, mas achei legal tu usar isso pra fazer uma ponte, pra gente pensar.

3 Entrevistada: Fênix III

Bom, eu tenho uma coisa pra contar. Aconteceu comigo [...] eu trabalhava em uma escola bem pequena [...] a direção fazia questão de manter uma distancia dos professores. E essa escola tava por fechar, tava mal mesmo [...] E ao mesmo tempo em que eu pensei em ajudar [...] pronto! Os males saíram (risos) e eu já estou fazendo a relação com a tua pesquisa, hein! Mas a esperança [...] continuando [...] ah, essa ficou! (risos). E é por isso que eu continuo. E lembrar disso mexe comigo. (voz embargada) E eu nunca quero parar, porque vou continuar “mexendo”, de alguma forma. Vou te dizer: o fato todo aconteceu porque eu disse (ingenuamente), na pracinha enquanto estávamos cuidando das crianças (porque era assim que a escola via o papel do professor) e eu dei a idéia de fazer uns tais eventos que a escola queria pra arrumar mais dinheiro, pra conseguir nos pagar. Mas a escola queria colônia de férias, etc. Tá, mas com isso, a gente não ia ter férias, o que é um direito nosso. Então eu disse que a gente podia bolar um calendário para os meses de dezembro e janeiro, por exemplo e que nossas férias fossem no mês de fevereiro. Nada mais justo, né? Bom mas eu falei aquilo e esqueci. Bom, numa reunião, guria, com todos os pais e a direção, uma professora (minha colega!), disse que “entre as pessoas presentes tinha uma que estava boicotando a escola, que estava dando idéias e insuflando as colegas a se rebelarem”. Todo mundo se olhou, foi uma tremenda surpresa. Eu continuei normal, sem entender nada, e no final da

reunião, ela disse que esperava que a tal pessoa se acusasse. E foi olhando pra mim com cara de furiosa. Eu continuei sem entender, mas um minuto depois associei aquilo ao tal dia na pracinha. Bom, mas eu não ia me acusar coisa nenhuma. Não cabia fazer esse tipo de coisa, até porque eu não estava boicotando nada. Então a mulher começou a ficar cada vez mais braba e foi falando, interrompendo as falas de outras pessoas (tu imagina, cheio de pais...). E tremia na cadeira e olhava pra mim: “Tem gente que é cobra e que quer prejudicar a todos aqui”. E outras cositas mais que não vale a pena falar (voz embargada). Como eu continuei na minha, a mulher foi se descontrolando de uma maneira que acabou chorando. Enquanto chorava ela dizia que estava cheia de problemas (evidente, né?) e que queria ganhar mais e (risos) até é cômico isso [...] mas aí ela começou a falar mal da direção da escola na frente de todo mundo: que a direção não dava apoio pra ela, etc. Bem, nem preciso te dizer que ela foi demitida logo depois disso. Foi uma situação que tomei como lição na vida: o ser humano é complicado, ambíguo, cheio de contradições. É uma caixinha de surpresa. E te digo mais: conversando com outras colegas, depois disso, frente ao desajuste da coitada, o “bode expiatório” foi logo eu: negra. A única negra entre as professoras! Claro, nesse caso a etnia foi o alvo, a válvula de escape, mas poderia ter sido outro tipo de discriminação. Então essa provocação gerou uma abertura de caixa, digamos assim. O que saiu foi um monte de dor, sim. Pra mim, pelo constrangimento, pela acusação e pra ela, porque estava claro que ela era refém de uma situação de descontrole: problema familiar, econômico e de saúde. Saúde mental, eu diria. Mas lá no fundo, a esperança, que é o que me leva adiante porque eu sei que o mundo tem disso: coisas boas e ruins. E pra mim, mulher, negra em um lugar bem machista, muito mais difícil.

Sobre o uso da mitologia:

Eu gostei de falar sobre o fato em si, que estava “engavetado” (risos) e me fez lembrar do quanto eu gosto de mim. (risos). E pensar no mito e fazer um paralelo foi interessante [...] bah, achei interessante mesmo. A gente pensa no mito e se encoraja a falar, porque começa a fazer as relações. Claro, eu já conhecia o mito, e

tinha um paradigma, fica mais fácil. Mas usar o mito... Bah é bom mesmo. Tem um outro mito aí pra gente soltar a língua? (risos).

O que interessa salientar, depois de colocadas as idéias acima, é dar sentido ao termo gênero e a referência do Mito de Pandora, usado como contraponto para analisar as falas dos professores (entrevistadas) e salientar também que a atribuição da culpa e da diferença está implicada também nas relações de poder. E em relação ao poder, subordinação e culpa, ao examinar situações concretas nos relatos, em que questões de gênero parecem emaranhar-se.

Em Hall (1992), compreendo a afirmação que pode ser possível um sujeito viver, simultaneamente, várias condições de dominação ou subordinação e lembra que há histórias mais longas e dolorosas de opressão. Penso assim, que não é apenas por esse viés que pretendo andar, nem mediar, mas quero traçar que é evidente que, assim como o próprio Hall (1992), também Louro (2001), diz sobre as condições históricas estarem implicadas nos processos de submetimento dos sujeitos. É tempo de pensar sobre tais proposições e buscar uma qualidade de vida pessoal e profissional tendo a clara idéia daquilo que potencialmente somos: pessoas sujeitas a erros e acertos.

Para Mosé (2002):

[...] sem raiva nem rancor
o tempo riscou meu rosto
com calma
(eu parei de lutar contra o tempo
ando exercendo instantes
acho que ganhei presença)
acho que a vida anda passando a mão em mim.
a vida anda passando a mão em mim.
acho que a vida anda passando.
a vida anda passando.
acho que a vida anda.
a vida anda em mim.
acho que há vida em mim.
a vida em mim anda passando.
acho que a vida anda passando a mão em mim
e por falar em sexo quem anda me comendo
é o tempo
na verdade faz tempo mas eu escondia
porque ele me pegava à força e por trás
um dia resolvi encará-lo de frente e disse: tempo
se você tem que me comer
que seja com o meu consentimento
e me olhando nos olhos acho que ganhei o tempo

de lá pra cá ele tem sido bom comigo
 dizem que ando até remoçando
 muitas doenças que as pessoas têm são poemas presos
 abscessos tumores nódulos pedras são palavras
 calcificadas
 poemas sem vazão
 mesmo cravos pretos espinhas cabelo encravado
 prisão de ventre poderia um dia ter sido poema
 pessoas às vezes adoecem de gostar de palavra presa
 palavra boa é palavra líquida
 escorrendo em estado de lágrima
 lágrima é dor derretida
 dor endurecida é tumor
 lágrima é alegria derretida
 alegria endurecida é tumor
 lágrima é raiva derretida
 raiva endurecida é tumor
 lágrima é pessoa derretida
 pessoa endurecida é tumor
 tempo endurecido é tumor
 tempo derretido é poema
 palavra suor é melhor do que palavra cravo
 que é melhor do que palavra catarro
 que é melhor do que palavra bÍlis
 que é melhor do que palavra ferida
 que é melhor do que palavra nódulo
 que nem chega perto da palavra tumores internos
 palavra lágrima é melhor
 palavra é melhor
 é o melhor poema.

9.2 A leitura da carta: histórias reais, personagens imaginárias

Li com respeito e carinho cada uma das entrevistas depois de transcritas, mas eis que esta carta me forçou a pensar sobre a importância em se evitar as linhas retas, algumas vezes, para se andar direito. As entrevistas e a carta, não são apenas histórias, mas relatos bem-humorados de dor, de paixão, de culpa e daquilo que entendemos por *males*, mas que sem os quais não suportaríamos viver uma vida em tons pastel, porque são eles que nos dão a fortidão das cores com que pintamos nossas próprias vidas. E, pra mim, Pandora estava mais do que **absolvida**, porque foi um instrumento usado para disseminar as dores. Mas uma vida sem dor, é uma vida sem sentido, uma vida vazia, que não valoriza a alegria como um estágio que não pode ser perene. É a consciência dos nossos atos que nos faz inteligíveis, avessos a um mundo irreal e tolerantes com nossos próprios limites e possibilidades.

9.2.1 A carta é uma ilustração daquilo que retemos em nossas caixas internas e abri-las é um desafio

Carta que recebi ao longo da pesquisa (PERSONAGEM FICTÍCIA)

“Oi, colega! Quero escrever pra contribuir na tua pesquisa. Falar da/de gente, né? Já coloquei no papel dezenas de palavras doces com certa fragilidade. Já as ordenei em outros de maneira vil e cruel. Mas hoje, senti uma enorme vontade de "falar" com você. E de dizer outras palavras que não as que sejam complicadas. Palavras simples apenas. Ouvi outro dia um professor. Ele fazendo uma breve referência à própria mãe, me identifiquei. Ele falou sobre a música que lembrava a infância dele e foi apresentado por aquele som quase etéreo pela mãe. Uma mulher forte, de personalidade marcante que lia em voz alta Goethe no original, na sala de casa. Aos poucos, ele dizia o quanto foi bacana a emancipação feminina e a generosidade de deixar o homem sentir-se pai. E contou como a mãe dele se mostrava tímida a um toque, a um simples afago.

E concluiu:

Eu tenho saudade do carinho tátil que ela não soube me dar e do carinho que eu não aprendi a transmitir a ela". E por alguns instantes me vi pensando na força dessa imagem, na grandeza dessa frase. E também senti dor por mim. E estas palavras aqui não são de cobrança ou de incompreensão. Hoje compreendo tanta coisa e as aceito de um jeito diferente. Mas rejeito em mim o fato de não conseguir amar incondicionalmente e de não expor esse sentimento. Quando me lembro da minha infância, numa das cenas mais recorrentes estava você, querida amiga. Me recordo com saudade das tardes que brincávamos juntas lá na casa da tua avó e dos discos de vinil que escutávamos na “eletrola”. Aprendi a gostar de Beatles, a querer entender a musicalidade do silêncio que pairava, às vezes e que eram frases ditas e ouvidas com o coração, principalmente quando brigávamos porque tu querias sempre ser a professora e eu tinha que ser a aluna. Hoje eu queria poder falar, através desta carta, que endereço a ti, à minha mãe; dizer que escolhi ser professora porque lembro dela, saindo toda bonita pra dar aula, faceira em seu fusca branco, comprado com a conquista do próprio salário. Todo dia, toda hora e depois de tantas batalhas e quedas e tropeços, sei que faz parte de mim essa lembrança.

Queria dizer pra ela, olhando nos olhos, que me faltou o abraço, mas foi com ou sem ele que me tornei forte o bastante para não sentir o peso da vida adulta que foi chegando tão rápida e tão sorrateira. Lembro de te ver sendo acariciada pela tua mãe, que também era professora e que me fazia “carinho por tabela”. Pra mim, eras como uma irmã de mães diferentes. Quando falo de infância para os meus amigos, tenho um orgulho danado daquelas tardes, das nossas broncas uma com a outra, das brincadeiras em dia de Santo Antônio pra ver quem ia casar primeiro, de como nossas conversas foram importantes na formação do meu caráter, da minha postura diante da vida, da minha curiosidade pelo novo o que hoje eu chamo de ensaios, em SER aquilo que nos tornaríamos mais tarde. A gente brincava de professora e queria ensinar, mas hoje, seguimos aprendendo muito mais do que ensinamos. Minha mãe, que deveria e poderia estar lendo esta carta, se fosse viva, saberia que foi no exercício de perceber e reconhecer nossas diferenças (as minhas e as delas), é que observo que por causa delas me tornei quem eu sou. E tenho um orgulho danado de mim. A cada vitória conquistada, penso que parte dela está aqui comigo. Não brincamos muito, não trocamos muitas palavras, aos olhos do corpo, é bem verdade, mas creio que aos olhos da alma estamos interligadas. Almas ora inquietas, estúpidas, chorosas, carentes. Almas ora felizes, risonhas, amáveis e afetuosas. Ao radiografar meus pensamentos vejo que o conviver entre o bom e o ruim ao mesmo tempo, foi o que me fez crescer. Tenho a sensação de que o mundo é pequeno em vista do espírito de luta que existe em mim. Acho que já nasci predisposta a fazer deste mundo um lugar melhor. E conviver com todos aqueles anos me deu garra para ser livre. Lembro-me de um fragmento de conversa na qual minha mãe dizia que o mundo não era aquilo que eu esperava. Na hora, achava aquele papo de uma caretece sem tamanho. Mas agora percebo que ela estava certa. O mundo aqui fora é diferente. Mas tratei de torná-lo divertido a meu serviço. Todas as broncas, crises, cobranças e o medo de não atender as expectativas, me fez querer me tornar uma mulher íntegra, honesta, competente. Para chamar atenção decidi não usar drogas ou me rebelar, tratei de fazer sempre melhor, por mais simples que fosse a tarefa. Para orgulhar minha Mãe Professora, tratei de fazer o melhor que podia. As pedras existem. Mas para quem anda descalça pela vida qualquer obstáculo se torna companheiro de jornada. Decidi te contar tudo isso. Dividir com você a alegria de pertencer à sua pesquisa, em falar através dela com minha mãe, grande professora que hoje ensina em outro plano, queria poder dizer, usando esta carta, um "Eu te

amo" sincero em meio à banalização do amor e agradecer por estar viva e ainda estar aí pra sentir orgulho de mim. Eu venci! Nós vencemos! Que bom...

Abraço da tua amiga de infância, que decidiu abrir sua caixa interior e falar daquilo que se aprende com vida: a ser mulher de verdade". Pronto, abri a caixa!

Fênix

Escrever sobre as Pandoras em suas caixas

Na interlocução constante da personagem e do professor, tratei de explorar as ambigüidades e tensões que se mostram no nosso dia-a-dia. Inicialmente, o encontro das duas amigas, que produzem uma reavaliação da vida, do comportamento tido como poético (personagem que escreve sobre o lado verde da universidade) e do comportamento que dá uma idéia da mulher representante do século XXI: descolada, independente (modelo ou utopia?). Por outro lado, um professor universitário aposentado, institucionalizado e mitificado ao longo das gerações. Com ele (e nele) apesar da considerável diferença de idade e vivências, a personagem (pesquisadora) se apropria - e não encontro vocábulo melhor para definir -, inspira-se nele para lutar por uma educação de qualidade ao pensar na mulher, no mito e na educação.

A construção do gênero, para Bruschini e Costa (1992) pode ser compreendida como um processo infinito de modelagem-conquista dos seres humanos, que tem lugar na trama de relações sociais entre mulheres, entre homens e entre mulheres e homens. E, para as mesmas autoras, enquanto as contradições fundamentais da sociedade não forem superadas, haverá distintas perspectivas de classe, de raça e de gênero. Em Louro (2001), serão sempre as condições históricas específicas que nos permitirão compreender melhor, em cada sociedade específica, as relações de poder que estão implicadas nos processos de submetimento dos sujeitos.

Se por um lado a construção de gênero é um processo infinito, por outro, há de se pensar que o momento presente as idéias não podem ser tidas como fixas, mas parte de um processo de reconhecimento e construção da identidade da mulher. Da mulher professora. E viva a diferença! Uma diferença de iguais nas suas idéias e perspectivas, porque cada uma de nós pensa e age de modo ímpar. Que sejamos pandoras-negras, pandoras-magras, pandoras-gordas, pandoras-feias,

pandoras-bonitas. Não importa pertencer à hegemonia branca, mas respeitar e não congelar nossa forma de viver e se ver a nós mesmas e ao outros. Que caixas sejam abertas, que males venham à tona e que se conserve a esperança, porque é ela que nos dá a força para avançar.

Procurei o professor Ethos para lhe mostrar minha “defesa” sobre Pandora, sob o título A absolvição de Pandora. Ele não estava mais lá, havia saído em viagem pela Europa e deixara, no banco da praça um envelope (encontrado por um menino de rua que leu, viu que estava endereçado a mim e postou-o no correio). Neste envelope, havia um bilhete:

Cara aluna

Espero que estejas bem e feliz. Ainda há muito a fazer, a pesquisar e aprender.

Recém começaste e deves manter aquilo que essencialmente te move: a esperança.

Professor Ethos.

10 UMA QUASE CERTEZA: SEI QUEM SOU! SEI QUEM SOMOS... SERÁ?!

10.1 O “tema de casa”

(De volta à oficina, com as professoras)

Para minha surpresa, estavam todas sentadas, já em círculo, com o papel do “tema de casa”, na mão. Mal comecei a dividir os grupos, onde leriam as histórias, umas das outras, quando escutei uma voz aguda, vinda do fundo da sala:

- Sabem, ontem comprei uma tremenda briga com minha sogra. Falei a ela sobre o Mito de Pandora e ainda disse que sob a visão judaico-cristã, o mundo foi criado por um elemento masculino, que criou, primeiramente outro elemento masculino e só depois criou a mulher, assim mesmo, a partir de um homem e os colocou no jardim das delícias onde o alimento era abundante e colhido sem trabalho. Até aí tudo bem... Mas, graças à sedução feminina, o homem cede à tentação da serpente e o casal é expulso do Paraíso. Culpa de quem?

- Da mulher! (Responderam em uníssono, às gargalhadas).

- Pois é, disse eu. Desculpo-me com os dois homens presentes, em minoria, nesta sala, os professores ali sentados, mas devo admitir que o relativismo judaico-cristão, nos prendem a valores absolutos. Platão evocava *Eros* para a busca do belo; a Grécia tinha uma vida erotizada; o pensamento, a cultura e a política eram vividos com pulsão. Havia relações de afeto na relação com o outro, graças a essa sociedade, ao vínculo.

- É, mas a mulher, culpada de tudo, dada a erotizar sempre, foi banida, perdeu a importância, não é? Sugeriu uma moça negra, de largo sorriso.

- Pois é. Para (re) erotizar o mundo, no sentido de Eros, do amor, é preciso que se discutam modelos, mitos para dignificar nossas vidas. A modernidade trouxe uma maquinação que tem gerado agressão, culpa, medo, dor. Respondi.

- Mas vamos discutir o matricentrismo transformado em patriarcado, também? Apontou lá do fundo, uma senhora de bochechas rosadas.

- Não necessariamente, mas vamos ter a coragem de “abrir caixas” de expor o que somos e sentimos, de dizer, de denunciar aquilo que tem nos feito mal, de falar dos nossos erros, dos nossos acertos, sem medo, porque ainda resta uma coisa; aquilo que Pandora não deixou que se perdesse: a esperança. E como podemos discutir isso com nossos alunos, se não for a partir de nós mesmos?

10. 2 Histórias de dentro

10.2.1 Fatos que acontecem com quem atua no magistério, ou as histórias de quando fomos alunos: a nossa “Caixa de Pandora”

Quanta coisa acontece em nossa vida de professor e que acabam sendo esquecidas no corre-corre entre escolas.

São passagens engraçadas, tristes ou aquelas que nos marcaram ou que nos marcam muito em nossa trajetória.

Pode ser a lembrança daquele professor no qual nos inspiramos, a lembrança daquele que disse que nunca seríamos um aluno legal, ou aquele aluno que sobressaiu na escola e que nos fez se sentir realizada; ou pode ser, simplesmente, aquelas lembranças gostosas do tempo de aluno e que hoje ajuda a compreender melhor àqueles com quem convivemos.

10.2.1.1 Displícência

"[...] Então eu conto historinha bonitinha pra começar. Tem também as atrapalhadas, mas deixa pra depois".

...Éramos eu e o segundo ano do segundo grau, e eu tinha um professor de português que era o melhor do mundo, mas naquele tempo, eu não sabia disso. Aquele era o tipo de professor de quem todo mundo tinha medo, que tinha uma pasta 007, barba grande, cabelo oleoso, caído na testa e uns olhos muito sérios, atrás de uns óculos enormes, de lentes marcadas pelos dígitos dos seus dedos.

Esse professor me ensinou três coisas:

A primeira, foi quando ele lia o que a minha displícência escrevia ... me olhava por cima dos óculos, e dizia: "você viu o que você fez?"

- Não, eu não tinha visto.

E foi assim que ele me mostrou que eu conseguia fazer arranjos realmente complicados sem precisar calcular.

A segunda foi quando eu gostava e respeitava esse professor e não sabia o que fazer, porque era toda uma situação delicada e eu estava sempre com medo. Mesmo sem eu ter aberto a boca, sem saber de nada, numa aula de Carlos Drummond de Andrade ele me olhou de novo por cima dos óculos e disse: "senhorita, (e aí entra o próprio Drummond que a gente tava lendo) não colhas do chão o poema que se perdeu" e foi assim que eu aprendi a *let go*.

A terceira foi antes de ele me reconhecer, já adulta, com um filho; professora e amante de poesias e da língua portuguesa. Soube que aos 45 ele descobriu um câncer que ele optou por não tratar. Ele morreu pouco depois de eu me formar, lá pelos quase 70, e eu ainda fui uma das poucas a ir lá vê-lo na cama, sem conseguir levantar. E foi assim que ele me mostrou que a gente também escolhe como vai morrer.

O resto todo foi muito pequeno diante disso. Até hoje eu tenho saudades suficientes pra ver de vez em quando aqueles olhos por cima dos óculos, e a pasta 007, e a risada que ele dava quase nunca e de preferência depois de me perguntar se eu tinha visto o que foi que eu fiz.

"Margarida, que espera que ele saiba que fez um bom trabalho comigo".

10.2.1.2 Vergonha

“[...] Minha primeira experiência como professora foi quando ainda era estudante do Curso Normal. Eu tinha 16 anos e não vou contar em que ano foi isto, claro! Bastante apavorada, por estar começando, por ter um monte de alunos muito mais velhos que eu, e ainda ter tanto que aprender... me vi à frente de uma sala de aula que funcionava num clube (depois das chuvas houve uma enchente na minha cidade e a escola teve que ser transferida, temporariamente), onde o que seria quadro negro eram folhas de papel pardo, e eu escrevia com pincel atômico e as carteiras dos alunos eram umas mesas de jogo. Sim! Uma mesa daquelas forradas com alguma coisa fofinha e coberta de verde. Como é que pessoas acostumadas a trabalhos pesados, com os dedos já durinhos, podiam escrever alguma coisa naquela mesa?

Se eu tivesse mais experiência, poderia ter jogado baralho para ensinar matemática. Mas, eu nem imaginava que poderia fazer isto!! Depois, aprendi!!!

Começou minha primeira etapa de reclamações e consegui que a classe fosse transferida para o salão da Igreja. Fui promovida! Havia quadro, carteiras, uma iluminação péssima, mas pelo menos se parecia com uma sala de aula.

Foi nesta época que passei a primeira vergonha. Como primeira atividade do dia, estava escrevendo a data no quadro, quando entrou pelo salão, a Diretora da Escola.

Que medão! Até hoje me lembro do frio na barriga.

Depois de conversar com os alunos, incentivá-los, ela olhou para mim, olhou para o quadro e disse, discretamente:

- Professora, o mês de julho é escrito com lh.

Eu havia esquecido do *lh*, e escrevi com *li* de tanto apavoramento! A única coisa que eu queria, naquele momento é que aparecesse um buraco, que me levasse lá para o fundo.

Anos depois, ela foi minha professora na Faculdade. Foi com ela que aprendi muito sobre Paulo Freire. E ela foi uma das pessoas que mais me ensinaram e incentivaram a brigar por uma educação de qualidade. Eu tive a sorte de ter ótimos professores eles influenciaram e influenciam minha história de professor. “E nunca mais esqueci do “*lh*” no mês de julho..”. Rosa

10.2.1.3 Tolerância zero!

“[...] Tinha sido um dia daqueles: sexta-feira com chuva, eu havia dormido duas horas e meia naquela noite, porque precisava entregar um trabalho do mestrado e, pra completar, uma crise alérgica que me tapou os ouvidos. Mas não minha visão: eu vi uma professora tratar muito mal a uma aluninha da primeira série e aquela cena não saía da minha cabeça.

Ao final do dia, reunião semanal com a direção geral da escola. Pronto! Senti que era a oportunidade de relatar as inúmeras vezes que via naquela professora, um tom agressivo. Talvez ela precisasse de ajuda, quem sabe se “abrir com um psicólogo”, pensei. Relatei este e outros fatos que estavam me incomodando na escola; por exemplo, como a resistência em aceitar crianças com necessidades especiais e a forma como estávamos transformando nossos alunos em tarefairos.

Foi então, que após ouvir meu “discurso”, meu chefe disse que aquela moça à qual eu me referira, ela era uma professora que fazia muitos anos, “alfabetizava com eficiência”. Triste hora que tentei explicar a diferença entre eficiência e eficácia, quando se trata de ensinar a ler e ensinar a ler e a ser.

Fui furiosamente rebatida em minha observação e, num tom severo, a reunião foi dada por encerrada. Além disso, tive que ouvir, num tom irônico, que “o pessoal que vai pra universidade (no caso, eu), fica cheio de teorias que só valem nos livros”. Bom, foi aí que tive a lucidez de **abrir minha caixa de Pandora** e, com ela, saíram todos os males, em verbetes, daquilo que me roubaria a humanidade se eu permanecesse na empresa.

Ainda sinto falta de estar perto das crianças e zelar por elas, mas aprendi que ninguém, principalmente quem se valha do autoritarismo, tem o poder de tirar aquilo que me move: A **ESPERANÇA**. Naquele dia, pedi pra ser desligada da equipe, porque a minha tolerância, foi zeeero!

Orquídea

E aqui finalizo minhas entrevistas. Usei flores para identificar cada uma delas. Diferentes flores, em diferentes situações, em diferentes estações, diferentes ciclos. Fui eu mesma a “entrevistada”, daí o nome de flores para identificar cada fase da minha vida onde tais fatos ocorreram.

11 AFINAL A PAZ! NÃO É NECESSÁRIO TUDO SABER... MAS A BUSCA É NECESSÁRIA

11.1 Caixas abertas

Desabafo: Sou educadora e não um *ciborg*!⁶

“Muitas de nós, professoras, em algum ponto da nossa vida, nos sentimos “teleguiadas” e nos deixamos levar como se fôssemos projetos tecnoculturais que, da mesma forma que atualmente fazem os clones, colocam a humanidade de nossa subjetividade, em questão. A obsessão ocidental pela tecnologia, pela “botoxomania”, pela “escova definitiva”, “escova de chocolate”, pelo corpo perfeito, tem trazido desequilíbrio àquilo que somos. Com isso, não quer dizer que condeno as práticas estéticas e até as faria, se ganhasse melhor e não tivesse que empregar meu dinheiro no aluguel, na luz, na água, na comida, na escola das crianças, no financiamento do carro. Faria sim, porque sei que me sentiria mais bonita. Sei que são práticas artificiais, mas me fariam sentir bem, admito. Mas o que me chama atenção é que justamente à mulher é atribuída a superficialidade atrelada à falta de consciência, o que a torna alvo fácil de críticas depreciativas: “olha a loura burra”, “ah, só podia ser mulher no volante”, “se é bonita deve ser burra, mas se for feia, é inteligente”. São frases do cotidiano que enchem nossos ouvidos e nos fazem sabotar, em nós, aquilo que essencialmente somos e nos rendemos à clichês, fruto de uma educação ocidental, onde o feminino é fonte de todos os males.

Mal remuneradas, não podemos comprar tudo que a ilusão fetichista do objeto na sociedade moderna nos impõe, em magnitude. Vamos aos poucos,

⁶ Ciborg - Tipo especial de "organismo" artificial [...] (CLYNES; KLINE, 1960).

perdendo a auto-estima. Daí o acúmulo de estresse que, se levado a graus exagerados, constitui o chamado “burnout”. Esta expressão inglesa designa aquilo que deixou de funcionar por *exaustão* de energia e tornou-se mundialmente conhecida a partir dos artigos de Freudenberger (1974, 1995).

Para Freudenberger (1974, p. 161):

[...] burnout é resultado de esgotamento, decepção e perda de interesse pela atividade de trabalho que surge nas profissões que trabalham em contato direto com pessoas em prestação de serviço como consequência desse contato diário no seu trabalho.

Na intenção de trazer, apenas como “recorte” neste trabalho, a palavra do autor dá suporte ao argumento que defendo quando digo que a mulher vai guardando culpas, remorsos, dores internas que se transformam em patologias. Eu não pretendo falar sobre o “burnout”, mas me utilizo da idéia do autor para reafirmar que *a imagem e o mito da mulher professora* que tem que ser perfeita em todos os sentidos, gera ansiedade, gera esse estresse todo na confusão diária de ter que levar filho na escola, ir ao mercado, preparar aula, corrigir cadernos, calcular notas, de ter que calar quando existe vontade de falar o que pensa e não raro, gera um desconforto interior.

Para Dejours (1997, p. 58):

Trabalhar, pois, não é somente executar os atos técnicos, é também fazer funcionar o tecido social e as dinâmicas intersubjetivas indispensáveis à psicodinâmica do reconhecimento que [...] é o caráter necessário em vista da mobilização subjetiva da personalidade e da inteligência.

Existem escolas que insistem em desenvolver competências já superadas, que fazem com que o professor ainda experimente os mais intensos sentimentos de insegurança e inadequação, ao defrontar-se com o trabalho diário.

É evidente que os efeitos da vida moderna afetam diferentemente todas as pessoas e cabe dizer que para alguns professores os agentes estressantes são percebidos como desafios estimulantes, enquanto para outros aparecem como pressões devastadoras. Depende também dos mecanismos de defesa de cada um e de controlar o elemento estresse, o que parece indicar que algumas personalidades conseguem administrar melhor, mas ficou evidenciado nas entrevistas que existem situações de opressão e desvalorização do professor, na sua maioria mulheres, que

estão acontecendo nas escolas e que precisam ser discutidos, trazidos à tona. Isso tudo pode gerar uma forma de estabelecer uma relação melhor do profissional consigo mesmo e com o aluno. E temos falado nas pesquisas, *principalmente* no aluno, enquanto a situação pede urgência em olhar também para o professor, em sua maioria mulher e que tem se desgastado em culpas e dores psíquicas geradas pelas relações de poder que remontam os séculos.

O imaginário arcaico, seja na linguagem da polis, seja no corpo, segue formulando suas histórias sobre o “*sex-appeal* do inorgânico”, e nos tornamos reféns da tragicidade daquilo que está impregnado no inconsciente coletivo. A crítica à mulher tem de vencer a sua fronteira, para conseguir ler, o que se mantém, no interior das “caixas de Pandora”, que carregamos.

É difícil ultrapassar as fronteiras do sentido, mas há que se tentar, porque a valorização do que somos e podemos vir a ser, é lição pela qual, *nossa Pandora*, se tivesse assistido a uma aula sobre o uso da mitologia como possibilidade de formação do sujeito, certamente teria apontado o dedo em riste, para Zeus e teria dito: “DUBITO ERGO SUM”.

11.2 A absolvição de Pandora

A História registra o episódio do cavalo de Tróia como o mais famoso “presente de grego”, mas a caixa de Pandora pode ser considerada como o primeiro presente de grego, o mais antigo da civilização humana e, é possível, inclusive, que tenha servido de inspiração aos gregos no episódio da guerra de Tróia.

No Mito de Pandora, se por um lado a alegoria de Prometeu (um mestre dotado de vigor e natureza incorruptível), simboliza o resgate do justo e do verdadeiro à custa de sacrifício e sofrimento, é a figura feminina, criada artificialmente, que porta uma caixa onde estão todos os males. E essa mulher, que instintivamente abre a caixa, da onde os males se espalham rapidamente sobre a terra. Junto a eles encontrava-se a esperança, o mais precioso dos tesouros. Mas Zeus havia determinado a Pandora não deixá-la sair e assim foi feito. E os homens, que até aquele momento haviam vivido sem sofrimento, sem doenças torturantes e

sem vícios, começaram, a partir de então, a se corromper, sem esperanças, esquecendo-se do próprio objetivo da sua existência: a evolução.

E é aí que me preocupa a maneira como a mulher tem sido vista. Os males da caixa de Pandora ocasionaram aos homens tal embaraçamento espiritual, que estes já não eram capazes de reconhecerem-se a si mesmos, o que, sem dúvida, acabou rompendo o vínculo de solidariedade e confiança entre as partes. Dessa forma, penso que o mito é completo por sua analogia com a realidade. E explico: Prometeu, que era consciente, conhecedor do passado e do futuro e que, justamente por isso, possuía previdência suficiente para desconfiar de Zeus, recomenda categoricamente a seu irmão, Epimeteu, que não aceite nenhum presente desse deus. Mas Epimeteu, que não tinha memória e agia impulsivamente (seu nome significa “aquele que pensa depois”), abriu a caixa de Pandora, seduzido pelos encantos da donzela. Esse “flagelo”, tão monstruoso quanto sedutor, foi enviado por Zeus, após o rapto do fogo (realizado por Prometeu). E, com sua atitude, o inconseqüente irmão de Prometeu, condena os homens a cumprirem uma terrível sentença: a de viverem, a partir de então, irremediavelmente assediados pelo mal, e, nesse viés, não é Pandora a vilã, nem vítima, mas instrumento da vingança de Zeus.

Em minha opinião, Epimeteu é usado, da mesma forma, por Zeus, em seus vis propósitos de vingança, pois sabia que este esquecia de seus deveres. Se por um lado, Pandora é tida como a imagem da mentira, que normalmente é apontada, pelos homens como sedutora, foi criada artificialmente, motivo pelo qual pode ser absolvida de ter tencionado espalhar o mal pelo mundo e ainda: por possuir aquilo que é inerente ao humano, a curiosidade.

Epimeteu e Pandora simbolizam a atração que os vícios e os males terrenos (representados por Pandora), exercem sobre a inconsciência (representada por Epimeteu). Eles formam o primeiro casal humano sobre a Terra e a natureza de tal enlace, evidentemente nociva a todos os seus descendentes.

O Mito de Pandora é um relato da mitologia grega que apresenta, de forma precisa, a história evolutiva do gênero humano, desde sua criação. Além disso, o Mito de Pandora, prima pela eficácia ao ilustrar a oposição entre as trevas e a luz, ou seja, a consciência e a inconsciência espiritual. Ser consciente é, entre outras coisas, ser senhor de si mesmo, ou seja, dos próprios pensamentos, da própria fala, das próprias atitudes. Ora, se Pandora foi criada, deveria obedecer às ordens de

Zeus, mas sua natureza humana a fez agir por impulso, por vontade, movida pela curiosidade. **Pandora não se conteve em ser** apenas um instrumento, um fantoche. Zeus não lhe permitiu a ciência, o estar ciente daquilo que este estava manipulando contra Prometeu. Um ser humano respeitado na sua condição, tem a possibilidade de estar lúcido e atento a tudo, sobretudo à própria missão. A alegoria é rica de imagens e episódios que mostram o estado atrasado de Epimeteu, representativo das trevas, e o estado elevado de Prometeu, que previa e avisou com antecedência ao irmão sobre o despotismo vingativo de Zeus. E é aqui que entra a questão do livre arbítrio, que só pode ser alcançado quando se tem um grau adiantado de evolução. Aquele que não tem consciência dos seus atos, pode acarretar, com suas decisões, conseqüências trágicas a si mesmo e aos outros, motivo pelo qual de nada adianta poder escolher quando não se sabe escolher. À Pandora não foi concebida a consciência da tragicidade, caso ela abrisse a caixa. Zeus, astuto, sabia exatamente como e onde queria chegar, como de fato aconteceu. E o mal premeditado, se utiliza de artifícios e de instrumentos para que se espalhe. E, justo por instinto, que ao final, Pandora, feita à semelhança do humano, fechou a caixa, no ímpeto de neutralizar seu feito. Eis que, por sorte, foi a ESPERANÇA, que permaneceu guardada.

A importância do mito reside no fato de ele realçar a difícil missão de educar os homens, trazendo à tona os obstáculos enfrentados pelos que estão destinados a ensinar a humanidade a viver sobre a Terra. Assim, embora antiqüíssimo nas origens, o mito é, sem dúvida, atual pelo tema e por sua mensagem de altruísmo e abnegação.

Muitas de nós, enquanto educadoras, nos deparamos com situações difíceis, com tarefas que temos que cumprir, mas não concordamos, com dedos em riste que nos culpam por não agirmos conforme seus desejos autoritários, unilaterais, que se utilizam do poder para sobrecarregar de culpa, professores, seres humanos a serviço do humano. Vivemos diante de uma cegueira espiritual e cultural que caracteriza a modernidade e falar sobre o feminino, sobre o mito da mulher, tem a intenção de abordar uma questão crucial para o ser humano: a questão existencial, ou seja, a que diz respeito ao sentido de sua passagem pela Terra.

(IN) CONCLUSÃO

A invenção dos mitos nasceu da necessidade de explicar o mundo. Assim, o homem foi criando narrativas que abrangeram o universo em sua totalidade, explicando as ações humanas, os sentimentos, criando conceitos e preconceitos. Narrativas tão antigas, anteriores à ciência moderna, são o testemunho de que há uma universalidade inata no homem; o que se aplicava ao passado é perfeitamente aplicável ao presente, porque a essência humana permanece, apesar da tecnologia, de todo o aparato moderno que nos rodeia. Somos completamente explicáveis através da narrativa mitológica. Nossa origem, desenvolvimento, crenças, medos, tudo pode ser visto à luz da mitologia.

Os gregos explicavam o nascimento do mundo na seguinte ordem: primeiro nasceram a terra, o sol, o oceano, os ventos, as montanhas, florestas, enfim, as divindades cósmicas e a natureza. Em seguida vieram as entidades espirituais. A religião aponta o início do mundo de forma semelhante.

A história, seja ela representada sob a luz da mitologia ou da religião, apresenta o elemento feminino - mulher - como a desencadeadora dos males sobre o mundo. Pandora ou Eva, tanto faz: seus atos instalaram o caos, subvertendo o que era tranquilo e harmonioso. Pandora, porém, ao soltar os males e perceber o caos instalado fechou a caixa guardando dentro dela a única coisa boa que havia: a esperança.

Retomando a metáfora inicial, a do Mito de Pandora, a culpa, as relações de poder e outras categorias que estão presentes na vida dos professores e quem sabe na vida de todos os (as) outros (as) trabalhadores (as) no nosso país, pressionados por tensões, dificuldades e estresse vividos no cotidiano do “ofício”. Em consequência das regras ditadas pela modernidade, nós, mulheres sofremos o

mesmo sentimento de “estranhamento”, de não nos encaixarmos perfeitamente nos ideais de beleza, limpeza e ordem que ela exige.

Diferentemente da professorinha, que trazia um sorriso quase tímido no rostinho encantador em roupas predominantemente cor-de-rosa em um tom de voz infantil, as entrevistadas foram motivadas a abrir mão das defesas representadas pela *vocação divina*, pelo dom para ensinar, para enfrentar as lutas da sobrevivência material e psíquica de uma profissão que tem sido pouco valorizada.

O professor - neste trabalho representado pelo gênero feminino - exerce freqüentemente o papel de Pandora. O trabalho de educar é árduo, cheio de percalços, erros e acertos, especialmente no mundo moderno, em que exercemos muitos papéis na sala de aula, pois somos, além de professoras, mães, psicólogas, orientadoras. Muitas vezes, a caixa de Pandora é aberta porque não aceitamos o papel da submissão; queremos pensar, refletir e agir e ensinar isso ao nosso educando.

No presente século percebe-se uma confusão de valores até bem pouco distintos, como o bem e o mal, a ética, o verdadeiro e o falso... A mitologia pode e deve ser um recurso para o resgate desses valores em sala de aula, indo além das aparências, mas fazendo um trabalho de profunda reflexão e ligação entre sujeito-objeto-ambiente. Uma educação assim é aberta, como a caixa de Pandora, de onde saem não apenas males, mas infinitas possibilidades de ação e reação e, por conseguinte, produção. Produção de conhecimento.

Cabem aqui, ao encerrar - por ora - este trabalho, algumas observações minhas:

A primeira refere-se à idealização do trabalho docente, ainda presente em alguns dos discursos dos professores; culpa e a insegurança na representação do heroísmo sofrido e penalizante do próprio trabalho, que é validado consensualmente pela sociedade como profissão de pouca importância frente a outras.

A segunda reflexão volta-se para as identidades que pretendemos formar através das nossas práticas educativas. O que estamos fazendo para pensar sobre tudo o que nos incomoda, nos invade, nos tira a dignidade como profissionais e mulheres? O uso da metáfora, do mito serve como possibilidade de criar *links* entre o passado e o futuro para pensar o presente. Trazer questões atuais e utilizar a metáfora para pensar nas práticas atuais é perceber a importância da mulher no mundo do trabalho e falar sobre temas que têm tido pouca ou nenhuma notoriedade.

Quem sabe se nós educadoras, embora numa profissão que é bastante antiga, estejamos ainda vivendo uma *transição*, que poderá desaguar na maturidade plena de uma categoria profissional amadurecida politicamente e preparada para as verdadeiras lutas do cotidiano como pessoas que se expõem sem medo, que têm a noção da transitoriedade do bem e do mal e que se opõem apontando, se preciso for, o dedo em riste àqueles que insistem em minimizar nosso trabalho, nossas vontades, nossos valores éticos.

Fica como parte do processo de feminização do magistério, apresentado anteriormente, o concreto do sofrimento, da culpa encapsulada representada pelas lamúrias e olhares úmidos que presenciei nas professoras entrevistadas.

Penso que é importante e urgente começar a pensar sobre que lugar ocupa o sentimento de culpa e quais as conseqüências em ser apontada como tal na constituição da subjetividade feminina em nossa cultura, principalmente a cultura de cidade de interior; e por que nós, professoras caímos tão facilmente na armadilha e começamos a nos boicotar, criando medos e sofrimento psíquico. Carregar as culpas do mundo: eis a armadilha que reside na crença equivocada de que se está usando o juízo crítico, de que se está pensando ou analisando uma situação, quando somente se está convalidando aquilo que a sociedade impõe. É por este tipo de preocupação e de constatação que a pesquisa valida e potencializa meu desejo de escutar as pessoas.

O juízo crítico e o pensar implicam obviamente em uma transformação no mundo interno, nas caixas internas que, da forma como são abertas e revisitadas, pode gerar uma transformação maior ou menor no mundo, e neste caso, na escola. A culpa engessa, mobiliza, aliena e cria um sentimento de não-pertença, de desapropriação daquilo a que recorreremos desde a Antigüidade e que nos mantém na busca, seja ela qual for: a esperança.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- ALVES, R. **Concerto para corpo e alma**. Campinas, Papyrus, 1998.
- ANTUNES, H. S. **Ciclos de vida pessoal e profissional na trajetória docente**. Santa Maria: Pallotti, 2004.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1997.
- BAUMANN, Zygmunt. **A modernidade líquida**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. 2001.
- BOGDAN; R.: BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto Alegre: Porto, 1994.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. 17. ed. Petrópolis RJ: Vozes, 2002.
- BRUSCHINI, Cristina; COSTA, Albertina de Oliveira (org). **Uma questão de gênero**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.
- CAILLOIS, Roger. **O mito e o homem**. Lisboa: Edições 70, 1997.
- CHIZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.
- CLYNES, Manfred E.; KLINE, Nathan S. **Cyborgs and Space**, Aeronautics, 1960.
- CUNHA, Jorge Luiz da. **Mestrado em Educação**. Tema de aula. Santa Maria: UFSM, 2006.
- DEJOURS, C. **O fator humano**. São Paulo: Cortez–Oboré, 1997.
- FARIAS, I.C. Um troupiér na política: entrevista com o general Antonio Carlos Muricy. In: FERREIRA, M.M. (coord.). **Entre-vistas: abordagens e usos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1994.
- FLORES, Claudia. **Reflexões sobre o uso do mito como possibilidade de formação do sujeito**. Publicado 25/02/2008. Disponível em:

<<http://www.webartigos.com/articles/4432/1/reflexoes-sobre-o-uso-do-mito-como-possibilidade-de-formacao-do-sujeito/pagina1.html>>. Acesso em: 01 mar. 2008.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

FREIRE, P. A. **Educação e Política**: ensaios. São Paulo, Cortez, 1993.

FREUDENBERGER, H.J. (1975). The staff burn-out syndrome in alternative institutions. **Psychoanal. Rev.**, 66, 275-295, 1995.

FREUDENBERGER, H.J. Staff burn-out. **J. Social Iss.**, 30, 159-165, 1974.

HAGUETTE, T.M.F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1987.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. (Trad. Tomaz T. da Silva; Guacira L. Louro). 7. ed. Rio de Janeiro: dp&a, 1992.

HESIODO. **Revista espaço acadêmico**. n.52. set.2005. Tradução de S. Lombardo. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/052/52elauriola.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2007.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. (Texto original publicado em 1934). vol. IX/I. Petrópolis: Vozes, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2001.

MAFESSOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.

MISRAHI, Robert. **A felicidade é nosso único objetivo?** CAFÉ PHILO. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1990.

MORIN, Edgar. **O método 4**: as idéias. Habitat, vida, costumes, organização. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2001.

MOSÉ, Viviane. **Pensamento do chão**. São Paulo: Record, 2002

NEVES, Marcos César D. **Lições da escuridão ou revisitando velhos fantasmas no fazer do ensinar ciência**. Campinas SP: Mercado de Letras, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Além do bem e do mal**. São Paulo: Escala, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Ecce Homo**. Rio de Janeiro, RJ. Ed. L&PM, 2003.

NÓVOA, António (org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto, 1995.

PEREIRA, Luiz. **O magistério primário numa sociedade de classes**: estudo de uma ocupação em São Paulo. São Paulo: Pioneira, 2000.

QUEIROZ, M.I. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: VON SIMSON (org.) **Experimentos com Histórias de Vida: Itália-Brasil**. São Paulo: Vértice, 1988.

ROCHA, Everardo P. Guimarães. **O que é mito**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SCLIAR, Moacyr. **Enigmas da culpa**. Porto Alegre: Objetiva, 2007.

SOARES, L.E. **O rigor da indisciplina: ensaios de antropologia interpretativa**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2003.

TEDESCO, João Carlos. **Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração**. 2 ed. Caxias do Sul: Educs, 2003.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. Tradução de: Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TORRANO, J.A.A. **Teogonia: a origem dos deuses**. 3 ed. São Paulo: Iluminuras, 1995.

ZACHARAKIS, Georges. **Mitologia grega genealogia das suas dinastias**. São Paulo: Papirus, 1995.

ⁱ O termo ética deriva do grego *ethos*, que antigamente possuía duas significações complementares. Por um lado, *ethos* significava a morada do homem, a sua habitação, lugar onde o homem está resguardado das ameaças e riscos do mundo. Por outro lado, o *ethos* significa o comportamento que resulta de um constante repetir-se dos mesmos atos.

Podemos definir a ética como uma elaboração teórica da prática humana, que busca determinar a conduta que se dirige ao bem.

A ética está baseada em nossos valores que se tornam princípios. Quando adotamos uma atitude com o entendimento de que aquilo é verdadeiro e correto, já não estamos mais seguindo regras e sim princípios (in: <http://www.fierp.org.br/valores/seretico.asp>)

ⁱⁱ Frase proferida durante uma aula do Mestrado em Educação/UFSM em agosto de 2006